

ROSEMARY SALES UCHÔA DE CASTRO LIMA

A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO COLÉGIO SÃO FRANCISCO DE SALES –
DIOCESANO, EM TERESINA-PI: análise de uma experiência.

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS –
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Lisboa

2018

ROSEMARY SALES UCHÔA DE CASTRO LIMA

A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO COLÉGIO SÃO FRANCISCO DE SALES –
DIOCESANO, EM TERESINA-PI: análise de uma experiência.

Dissertação defendida para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, no curso de mestrado de Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com o Despacho Reitoral nº 295/2018, no dia 23 de Outubro de 2018, com a seguinte composição do júri:

Presidente: Prof.^a Doutora Rosa Serradas Duarte

Arguente: Prof.^o Doutor José Viegas Brás

Orientador: Prof. Doutor Emmanuel Sabino

Co-orientador: Prof. Doutor Óscar C. de Sousa

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS –
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Lisboa

2018

RESUMO

A Companhia de Jesus chegou ao Brasil durante o período de colonização e desde então tem atuado no país por meio de uma educação jesuítica que visa a combinação de estudos humanísticos com os estudos científicos. Nesse processo, desde o período colonial, essa instituição fez uso de uma educação voltada para a catequização e evangelização, predominada por um método específico de aprendizagem, o *Ratio Studiorum*. Dessa forma, este trabalho traz como tema A Educação Jesuítica no Colégio São Francisco de Sales – Diocesano, em Teresina-PI: análise de uma experiência, tendo como objetivo analisar a percepção da influência da educação jesuíta no Piauí em particular na cidade de Teresina-PI. Para tanto, realizou-se um estudo empírico, utilizando-se como instrumentos o questionário e a entrevista oral. Os sujeitos da pesquisa foram 10 (dez) professores, 8 (oito) alunos que estudam atualmente na escola e 11 (onze) ex-alunos da referida instituição, que responderam a um questionário semiestruturado. Além disso, foram consultados documentos, jornais, fotografias e material de referência. Também foram usados como embasamento teórico para a composição deste trabalho, estudos de autores consagrados na temática da educação jesuíta, dentre os quais se destacam: Paiva (1982); Klein (1997); Freyre (2006); Saviani (2008); e Teixeira (2015), dentre outros. Os resultados revelaram que a educação jesuíta ainda permeia a vida dos alunos do Colégio São Francisco de Sales – Diocesano, que sempre primou pela educação formal tão exigida pela Companhia de Jesus. Mesmo assim, já são percebidas algumas mudanças metodológicas, no que concerne à prática do educar, considerando os elementos que estão extraclasse, ou seja, no ambiente fora do espaço escolar, além de enfocar também aspectos da realidade do aluno, o que era desconsiderado pelos jesuítas.

Palavras-chave: Companhia de Jesus. Educação jesuítica. Pedagogia jesuítica. Educação brasileira. Colégio Diocesano.

ABSTRACT

The Society of Jesus has established itself in Brazil since the early period of colonization, and it has taken part in country's life mainly by its role in the educational field focusing on a method that mixes humanistic studies with scientific ones. Throughout all this period whose beginning dates back from the colonial times, this institution has made use of an education that emphasizes the importance of catechization and evangelization, upon which rules a specific method of learning, known as *Ratio Studiorum*. In this manner, the present work has the following subject-matter: The Jesuit Education in the Colégio São Francisco de Sales, Diocesano, Teresina-PI: analysis of an experience, whose aim is the analysis of the perception of the influence of the Jesuit education in the state of Piauí, particularly in the capital city of Teresina-PI. To achieve this, an empirical study has been carried out, assisted by tools like questionnaires and oral interviews. The individuals of this research were 10 (ten) teachers, 8 (eight) students who are currently in the cited institution and 11 (eleven) former students, who answered a semi-structured questionnaire. In addition to that, documents, newspapers, pictures and reference material have been consulted. Moreover, for the theoretical support of the composition of this work, consecrated authors on the topic of Jesuit education have been used, such as Paiva (1982); Klein (1997); Freyre (2006); Saviani (2008); and Teixeira (2015), among others. The results revealed that the Jesuit education still reverberates in the lives of the pupils of the mentioned institution, which is well-known by its formal education so highly required by Society of Jesus. Even though this still remains, some methodological changes have already been noted, especially in relation to the practice of teaching, considering the extracurricular elements, that is, activities outside of the traditional school space, focusing as well on the aspects of the student's reality, elements that were disregarded by Jesuits.

Key words: Society of Jesus. Jesuit Education. Jesuit Pedagogy. Brazilian Education. Diocesano.

A ciência não tem sentido porque não responde à nossa pergunta, a única pergunta importante para nós: o que devemos fazer e como devemos viver?”

Leon Tolstoi (1869)

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Fernando e Rubem, expoentes do meu amor maior, pelo apoio a este projeto.

Ao meu pai, Domingos Rubem, *in memoriam*, pelo exemplo de vida, ensinamentos simples e fundamentais.

À minha mãe, Maria Sales Uchôa, que sempre foi luz e inspiração nos momentos mais relevantes da minha vida.

Ao professor Doutor Emmanuel Sabino, meus agradecimentos pela ajuda durante o período de pesquisa.

Ao professor Doutor Óscar C. de Sousa, pelo tempo dedicado ao meu trabalho, por toda a atenção exercida com maestria e responsabilidade, minha gratidão.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil dos participantes do estudo	76
Quadro 2: Visão dos professores sobre a educação jesuítica praticada no Diocesano	82
Quadro 3: Aproximação entre o modo de educar proposto pelos jesuítas e o que é praticado no Diocesano	83
Quadro 4: Se o professor considera que o Diocesano representa a educação jesuítica no Piauí.....	85
Quadro 5: Se um aluno que estuda no Diocesano vai receber uma educação do modo que preconizam os jesuítas.....	86
Quadro 6: Influências educativas trazidas pelos jesuítas para o Brasil observadas no Colégio Diocesano.....	88
Quadro 7: Enquanto docente do Diocesano, o professor recebe alguma orientação de como deve ensinar.....	89
Quadro 8: Se o Diocesano é importante para a sociedade piauiense	91
Quadro 9: Importância do Diocesano para a sociedade piauiense.....	92
Quadro 10: Visão dos alunos sobre a educação jesuítica.....	94
Quadro 11: Relação entre a educação dos jesuítas e a educação atual do Colégio Diocesano.....	96
Quadro 12: Se o Diocesano é o representante piauiense da educação dos jesuítas	97
Quadro 13: Motivação para estudar no Colégio Diocesano	98
Quadro 14: Se o aluno ingressante no Colégio Diocesano vai ter contato com a educação jesuítica.....	99
Quadro 15: Influências da educação trazida pelos jesuítas observadas no Colégio Diocesano.....	100

Quadro 16: Se o aluno recebe uma educação jesuítica.....	102
Quadro 17: Sobre as contribuições do Colégio Diocesano para a formação cidadã dos alunos.....	102
Quadro 18: Sobre as contribuições do Colégio Diocesano para a vida profissional dos alunos.....	104
Quadro 19: Se o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense	105
Quadro 20: Importância do Colégio Diocesano para a sociedade piauiense	106
Quadro 21: Visão dos ex-alunos sobre a educação jesuítica.....	108
Quadro 22: Relação entre educação dos jesuítas e a educação atual do Colégio Diocesano.....	110
Quadro 23: Se o Diocesano é o representante piauiense da educação dos jesuítas	111
Quadro 24: Motivação para estudar no Colégio Diocesano	113
Quadro 25: Se o aluno ingressante no Colégio Diocesano vai ter contato com a educação jesuítica.....	114
Quadro 26: Influências da educação trazida pelos jesuítas observadas no Colégio Diocesano.....	115
Quadro 27: Se o ex-aluno recebeu uma educação jesuítica.....	116
Quadro 28: Sobre as contribuições do Colégio Diocesano para a formação cidadã dos ex-alunos.....	117
Quadro 29: Sobre as contribuições do Colégio Diocesano para a vida profissional dos ex-alunos.....	119
Quadro 30: Se o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense	120
Quadro 31: Importância do Colégio Diocesano para a sociedade piauiense	121

Quadro 32: Categorias das respostas mais representativas e semelhantes entre todos os participantes do estudo.....	123
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

CAPÍTULO I

OS JESUITAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	19
1.1 Contextualização histórica da presença dos Jesuítas no Brasil	19
1.1.1 A missão jesuítica antes de sua chegada ao Brasil	19
1.1.2 A Companhia de Jesus nas terras brasileiras	23
1.2 Contribuição dos Jesuítas para a educação no Brasil	30
1.3 A Pedagogia Jesuítica.....	33
1.3.1 A Pedagogia Inaciana	39
1.3.1.1 Os jesuítas e os valores pregados	44
1.4 <i>Ratio Studiorum</i> : uma metodologia.....	51
1.5 Mudanças no percurso de um método	55
1.6 A presença dos jesuítas no Piauí.....	57
1.6.1 Contextualização histórica da presença dos jesuítas no Piauí	57
1.6.2 Contribuições dos Jesuítas para a educação no Piauí	61
1.6.2.1 O retorno dos jesuítas ao Piauí	62
1.6.2.2 A educação no Piauí e a missão evangelizadora dos jesuítas.....	63
1.6.2.3 O Colégio São Francisco Sales - Diocesano e sua trajetória.....	67
1.6.2.4 Formação crítico-reflexiva do aluno do Diocesano.....	70

CAPÍTULO II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	74
2.1. Tipo de Pesquisa.....	74
2.2. Universo.....	75
2.3. Sujeitos	75
2.4. Instrumentos	76
2.5. Procedimentos	79
2.6. Análise de Conteúdo.....	80

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	81
3.1 Resultados.....	81
3.2 Análises e Discussões	81
3.2.1 Da visão dos professores sobre a presença da educação jesuítica no Colégio Diocesano	82
3.2.2 Da visão dos alunos sobre a presença da educação jesuítica no Colégio Diocesano	94
3.2.3 Da visão dos ex-alunos sobre a presença da educação jesuítica no Colégio Diocesano	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
APÊNDICE A	132
APÊNDICE B.....	134
APÊNDICE C.....	136
APÊNDICE D.....	138

INTRODUÇÃO

A influência dos Jesuítas na formação educacional do povo brasileiro sempre foi uma questão de consenso, visto que grande parte dos estudiosos ratifica terem sido estes sujeitos ativos no processo educacional do país, a partir de suas realizações, projetos e contribuições advindos da Companhia de Jesus.

Assim, a formação do ensino brasileiro com participação dos Jesuítas em comparação a outros países latino-americanos se efetiva de forma diferenciada em relação a alguns desses países onde existe uma influência da educação dos Jesuítas de modo pontual, sem muita abrangência, enquanto que no contexto brasileiro este quadro se efetivou de forma mais profunda.

Por outro lado, ao se folhear os principais livros de história do Brasil, verifica-se que a história da Companhia de Jesus está imbricada na própria história do país, cujos ensinamentos foram, por um período considerável, os principais norteadores da educação formal brasileira. Assim, fazem-se necessários maiores estudos que contribuam para o entendimento dessa constatação, já que não se pode desconsiderar a importância da educação dos Jesuítas para a formação da sociedade brasileira, pois, em alguns momentos históricos, eles foram determinantes para o processo formativo educacional do país.

Neste sentido, afirma Luiz Fernando Conde Sagenis (2004), que os jesuítas foram importantes empreendedores da obra missionária e evangelizadora no Brasil, especialmente no que diz respeito ao método utilizado por estes, consagrando-se pelo modelo implementado de “educação escolar, de forma organizada e cujo projeto pedagógico se efetiva de modo uniforme e planejado, difundindo, assim, uma ampla rede de escolas elementares e colégios” (SAGENIS, 2004, p. 96) tendo como premissa máxima o *Ratio Studiorum*.

Espécie de manual, o *Ratio Studiorum* é um conjunto de normas e preceitos que se propõem a nortear a atuação da Companhia de Jesus tanto no aspecto educacional quanto pedagógico e filosófico. Sua aplicação transcende os limites formais e estruturais das instituições educacionais jesuítas e abrange a atuação e formação do “ser jesuíta” em sua integralidade.

Para este autor, aspectos fundamentais do projeto da Companhia de Jesus tanto da obra missionária, quanto da educação jesuítica no Brasil devem ser considerados, devendo ser enfatizada a estreita relação jesuíta *versus* educação e formação do Brasil. A obra jesuíta catequética, evangelizadora e educadora é bastante ampla, assumindo no contexto da educação brasileira papel relevante, ao mesmo tempo sob égides variadas, pois se realiza tanto no estabelecimento quanto à expansão da estrutura de organização educacional tão complexa assumida desde o período colonial.

Este estudo se revela importante e útil, também, pelo fato de a maioria das pesquisas enfocarem a fase do Brasil Colonial, período em que houve intensa influência e majoritária presença da Companhia de Jesus com seu projeto evangelizador e educacional. No entanto, este estudo que ora propomos apresentar consagra a investigação em torno das influências da educação trazida pelos jesuítas na perspectiva de experiência suscitada a partir da presença do Colégio Diocesano, em Teresina. Empenhada na compreensão desse panorama em foco, ressaltam-se as palavras de Ilma Passos Alencastro Veiga, em seu estudo intitulado **A prática pedagógica do professor de didática** (1989), sobre a educação jesuítica quando esclarece que a educação no Brasil Colônia não recebia avaliação da sociedade enquanto requisito de grande importância enquanto valor social, talvez porque, intrinsecamente, apenas servia como aparato para inculcar valores estrangeiros e, por conseguinte, ser usado como instrumento de dominação ideológica da colônia portuguesa, que dessa forma promovia desrespeitosa aculturação dos povos nativos, afastando-os da sua cultura original, crenças e costumes, submetendo-os aos valores da coroa portuguesa, desconstruindo seus valores sociais. Desta forma, muitos elementos se fizeram envoltos na atuação dos jesuítas no país, cuja educação se daria também sob o enfoque da dominação Portuguesa, conforme se verifica no trecho da autora mencionada, que se encontra transcrito a seguir:

Os jesuítas foram os principais educadores de quase todo o período colonial, atuando, aqui no Brasil, de 1549 a 1759. No contexto de uma sociedade de economia agrário-exportadora dependente, explorada pela Metrópole, sem diversidade nas relações de produção, a educação não era considerada um valor social importante. Servia de instrumento de dominação da colônia pela aculturação dos povos nativos. A tarefa educativa estava voltada para a catequese e instrução dos indígenas, mas para a elite colonial um outro tipo de educação era oferecido. Assim, os índios e negros foram catequizados e os descendentes dos colonizadores foram instruídos (VEIGA, 1989, p.40).

Estudos têm revelado interesse significativo pelas diversas fases por que passou o processo de implementação do projeto educacional jesuítico, o qual de modo evangelizador e catequético da Companhia de Jesus fora fundado por Loyola, que detinha apoio da Igreja Católica, especialmente do Papa, haja vista que o principal objetivo dos integrantes da Companhia de Jesus pelas colônias das grandes potências europeias da época como, Portugal e Espanha, se deu como elemento de reação frente ao crescimento da influência das ideias luteranas, objetivando o combate às críticas reformistas, bem como à expansão do protestantismo à época (SANGENIS, 2004).

Dessa forma, foi a partir desta situação de hegemonia da Igreja Católica ameaçada pela Contra Reforma, que a Companhia de Jesus se mostrou peça crucial no sentido de manutenção dos princípios católicos, além de ter sido na esfera da educação e da catequese que os jesuítas encontraram campo propício para que seus objetivos pudessem ser realizados, como assim o fizeram.

Há que se mencionar também que, no Brasil Colonial, a sociedade vivia alheia aos ensinamentos dos jesuítas, cuja realidade era bem distinta daquela em que vivia a maior parte da população, tendo em vista objetivos diferenciados para estes dois segmentos. Isto porque nos ensinamentos jesuíticos era dada uma ênfase na educação formal, primando-se pelas práticas sustentadas pelo treino da memória e exercícios de raciocínio, porém o público alvo era muito seletivo e reduzido, promovendo assim a formação de uma espécie de “elite” na educação. Nessa ótica, frente a este modelo metodologicamente engessado, a educação jesuítica não contribuiu para alterações estruturais expressivas na vida social e econômica da sociedade do período colonial.

Sobre isso, destaca Luciany Fusco Sereno (2015), comentando sobre a educação brasileira no referido período foi elaborada por meio de uma pedagogia que se esboçava estruturalmente na formação dessas gerações de alunos, com um perfil diferenciador cultural. Dessa forma, ainda que desprovida desses propósitos, a educação jesuíta modelava o ensino a ser incorporado e assumido pelos seus educandos, com ranços históricos de dominação constituindo-se muito mais como um instrumento de disseminação ideológica da cultura dos povos colonizadores aos colonizados do que como transformação da realidade social em benefício destes últimos.

O projeto jesuíta teve como sua maior causa a catequese do povo nativo gentio, fato que ainda hoje é largamente questionado, apesar dos propósitos fundamentados na fé cristã, conforme, vale registrar, ilustram variados exemplos das nossas artes pictóricas que servem como documento histórico imagético. Dentre essas peças de arte, selecionaram-se algumas imagens que serão brevemente comentadas no corpo do texto e apresentadas na forma do Anexo I. Além dessas imagens artísticas, integrarão o Anexo I, fotos antigas do prédio e fardamento do Colégio objeto de estudo.

A educação dos Jesuítas deixou suas raízes fincadas no solo brasileiro e não é difícil perceber suas evidências históricas como elemento da proposição cristã religiosa como forma de dominação e colonização, ultrapassando o aspecto religioso e alcançando por sua magnitude os enfoques educativo, cultural e artístico, fazendo-se presente até hoje na cultura brasileira.

Nesse sentido, a partir da forte influência da educação jesuítica no Brasil e mais especificamente em Teresina, bem como a convivência pessoal da autora deste trabalho no universo educacional jesuítico, esta passou a questionar de que forma a educação jesuítica, através do Colégio Diocesano, influenciou a sociedade piauiense no contexto educacional e como os jesuítas se converteram em agentes formadores e transformadores da sociedade piauiense.

Constitui-se como objeto deste estudo a interpretação e a análise dos resultados que marcam as pessoas que foram educadas sob a orientação desse projeto e que são remanescentes da educação levada a termo pela Companhia de Jesus. Todavia, decidiu-se limitar esta pesquisa ao espaço educacional privilegiado em que os Jesuítas exerceram e exercem sua missão na educação em tempos atuais, na cidade de Teresina-PI: O Colégio São Francisco de Sales – Diocesano. Em busca desse propósito, pretende-se investigar possíveis contribuições decorrentes da atuação jesuítica, em espaços sociais, políticos, dentre outros. Este foco dará a possibilidade de compreender heranças e marcas imprimidas em indivíduos e em setores da sociedade de modo geral, que se entendem como resultantes oriundos do processo da história dos jesuítas no Colégio Diocesano em Teresina.

Sobre este enfoque este estudo traz como objetivo geral analisar as marcas da educação veiculada atualmente pelos jesuítas do Colégio Diocesano, em Teresina-PI. Como objetivos específicos buscam-se: caracterizar o modelo educativo dos jesuítas no Brasil e sua

contribuição para a educação do país; verificar a atualidade da metodologia *Ratio Studiorum*, empregada pela pedagogia jesuítica; identificar as contribuições dos Jesuítas para a educação no Piauí, voltando-se para a formação crítico-reflexiva do aluno jesuítico como cidadão a partir do Colégio São Francisco de Sales – Diocesano e; identificar as características da educação jesuítica do Colégio São Francisco de Sales, em Teresina-PI.

O tema desperta interesse pela relevância da presença jesuíta no contexto da história brasileira, mas também, em específico, para a organização e documentação do conhecimento local acerca da influência deste colégio na educação dos jovens, que no futuro assumirão os destinos da cidade, tais como Petrônio Portela Nunes, ex-governador, ex-ministro da justiça, Celso Barros Coelho, advogado, Firmino da Silveira Filho, vereador e Prefeito, Themistocles Filho, deputado estadual e presidente da Assembleia Legislativa, Wilson Brandão Filho, deputado, Charles da Silveira, ex-reitor da Universidade Federal do Piauí, Paulo Eleutério Cavalcanti, arquiteto, Wagner Serra e Silva, dentista, Carlos Alberto Sobral, engenheiro, Matias Augusto Matos, agrônomo, médicos Dirceu Arcoverde, ex-governador e senador, Marcelo Costa Castro, médico, deputado federal, atual Ministro da Saúde (2016), médicos destacados: Raimundo Nonato Campos, José Nilton Lages, Antonio de Deus, Ronald Araújo, José Pergentino Lobão de Castro Lima, Wilson Martins, também ex-deputado e ex-governador, Lilian Martins, conselheira do Tribunal de Contas do Estado do Piauí, Antônio de Deus (ex-Diretor da Faculdade de Medicina), dentre muitos outros.

Além disso, esta investigação propõe-se a contribuir para os estudos destinados a pesquisadores de educação em geral, que poderão analisar um caso específico da atuação pedagógica da Companhia de Jesus em uma cidade que, comparada com os grandes centros urbanos do Brasil, possui certas carências estruturais e econômicas que, a princípio, poderiam se tornar obstáculos ao desenvolvimento do ensino dos jesuítas.

Muito embora esta pesquisa não tenha a ambição de fazer uma análise global da atuação histórica dos jesuítas na educação da nação brasileira, como já alertado anteriormente, o tipo de educação que os jesuítas se propuseram ao longo dos séculos servirá, no entanto, como mecanismo de avaliação analítica para entender em que nível esse ideal jesuíta de educação se consubstanciou no caso local e quais foram as adaptações verificadas no Colégio Diocesano, quais diferenças específicas e também como a história educacional registrou acontecimentos pertinentes.

Rediscutir o tema educação em geral *versus* educação jesuítica, estabelecendo uma relação com possíveis efeitos que esta possa causar em pessoas, indivíduos, e em espaços sócio-políticos, abre possibilidades de respostas acadêmicas e de análises nas Ciências da Educação, para inquietações científicas a respeito do processo educacional no Brasil. Nessa ótica, poderão emergir questões a respeito de práticas, tanto individuais como sociais, que parecem estar dissociadas dos princípios norteadores da educação oferecida pela Companhia de Jesus.

Assim, justifica-se o interesse pelo tema por entender que a educação no contexto da atuação formadora e civilizatória da Companhia de Jesus se estende para além do âmbito nacional. Dessa forma, buscar-se-á trazer a discussão para o espaço regional e nele verificar a influência exercida pelos Jesuítas, isto é, pelo Colégio São Francisco de Sales – Diocesano, na formação educacional realizada em meio à sociedade teresinense, desta forma fazendo parte integrante da história do desenvolvimento da cidade.

Reitera-se que esta pesquisa pretende dar uma contribuição aos conhecimentos da arte de educar, em especial no que diz respeito à formação integral da pessoa humana, e também, divisar em nosso cenário local, até que ponto o Colégio participou da formação de seus discentes, fazendo com que eles inaugurassem uma nova era de mudanças significativas de comportamento humano e social.

A problemática de investigação se volta para o seguinte questionamento: Quais as influências da educação trazida pelos jesuítas para o Piauí e como estas se fazem presentes no Colégio Diocesano, em Teresina-PI. Ao compreender que a problemática da educação jesuíta no Brasil é uma questão ampla e se relaciona com outras questões emergentes na sociedade em geral, torna-se pertinente destacar que esta pesquisa limitar-se-á a ao contexto do binômio: educação e educação jesuítica, com atitudes, posturas de indivíduos alunos e/ou ex-alunos que talvez demonstrem, ou não, ser decorrentes da expressão e filosofia da educação jesuíta e todo seu projeto humanístico para a educação e formação da sociedade brasileira. Freyre (2006) e outros autores consagrados na temática servirão de base para esta análise, no sentido de verificar o papel da educação jesuítica na formação da cidadania.

Para ganhar objetividade, faz-se necessária a perspectiva de um afastamento na produção desta escrita, com vistas à obtenção de uma análise isenta e que seja restrita de determinado período histórico que marcou a educação no Brasil nos moldes da educação

jesuítica, como no caso da experiência do Colégio São Francisco de Sales que se fará *corpus* deste estudo. Serão analisados os cenários que serviram de espaço e que vivenciaram os princípios jesuítas, sua filosofia, seus aportes teóricos, bem como as pessoas que nele desempenharam seus papéis enquanto alunos, professores, dentre outros envolvidos nessa realidade. Em paralelo, buscar-se-á compreender como essa forma de organização atravessou os séculos em suas várias versões e alcançou o tempo presente, influenciando comportamentos e posturas profissionais de cidadãos da cidade de Teresina. Esses depoimentos servirão de *corpus* para este estudo que podem incorrer em uma identificação ou não com os ideais protagonizados pelos jesuítas no seu projeto.

Como orientação para esta pesquisa, adota-se o pensamento de Antonio Carlos Gil, na sua obra **Métodos e técnicas de pesquisa social**, que conceitua a entrevista como “uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (1999, p. 117). Para obtenção dos dados, serão utilizados questionários com perguntas abertas e fechadas, para o público alvo constituído por professores, ex-alunos e alunos da atualidade da pesquisa. A aplicação das entrevistas foi realizada de modo individualizado, informando acerca dos objetivos do estudo e da importância dos elementos a serem coletados. Os dados obtidos serão submetidos a análise voltada para o reconhecimento dos dados que interessam para comprovação e fundamentação do estudo da realidade local em foco. Foram convidados presencialmente, os alunos do ensino fundamental e médio, professores em exercício, e ex-alunos que ocupam ou ocuparam cargos na realidade estadual ou nacional piauiense e brasileira. Entretanto, compareceram voluntariamente aos encontros 08 (oito) alunos do ensino médio e fundamental, 10 (dez) professores e 11 (onze) ex-alunos, conforme proposição apresentada. Cabe ressaltar que a pequena participação do público alvo deveu-se à falta de colaboração e interesse dos atuais administradores da instituição, posicionamento demonstrado em uma das oportunidades em que esta pesquisadora compareceu ao Colégio e foi convidada a retirar-se do local, a fim de não atrapalhar a rotina regular da instituição. Ou seja, não houve nenhum interesse da instituição em prestar qualquer colaboração, numa atitude incompatível com as propostas do modelo jesuíta de caráter reflexivo, humanístico e científico.

Esta perspectiva orientará todo o processo de aplicação das entrevistas, seguido da busca de interpretação e análise dos elementos fornecidos pelos entrevistados. É a entrevista individual já mencionada (perguntas abertas e fechadas) e aplicada aos ex-alunos, alunos e

professores, que servirá de ponte de interação tanto com o Colégio, quanto com os propósitos da pesquisa.

A escolha pela pesquisa de campo está respaldada, principalmente, na visão de Minayo, pois para a autora “na pesquisa qualitativa, a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial” (2006, p. 61).

O estudo ora apresentado encontra-se dividido em três capítulos visando uma melhor explanação de seu conteúdo. O primeiro Capítulo trata do referencial teórico de investigação dispondo sobre os jesuítas e suas contribuições para a educação brasileira, traçando-se uma breve contextualização histórica da presença dos Jesuítas no Brasil, bem como sobre a Pedagogia Jesuítica, descrevendo-se, inicialmente, a Pedagogia Inaciana, visto sua importância para as reflexões presentes neste estudo, relatando também sobre a metodologia empregada por eles, a *Ratio Studiorum*, além das mudanças implementadas durante este percurso e a proposta da educação jesuítica. Segue este Capítulo abordando as contribuições dos Jesuítas para a educação no Piauí, enfocando as discussões sobre o Colégio São Francisco de Sales – Diocesano e a formação crítico-reflexiva do aluno jesuítico como cidadão.

No segundo Capítulo se discorre sobre os procedimentos metodológicos utilizados para este estudo, discriminando o tipo de pesquisa, universo, sujeitos, instrumentos, procedimentos utilizados e formas de análises de conteúdo, para que os objetivos de estudo fossem alcançados.

Finalmente, o terceiro Capítulo enfoca a apresentação, análise e discussão sobre os dados coletados junto aos sujeitos da pesquisa, trazendo para tanto, discussões sobre a ótica de variados autores que ratificam as informações coletadas. Os resultados foram apresentados por meio de tabelas, sendo uma delas refere-se ao perfil dos participantes deste estudo. Além dessas análises, foi apresentado um perfil dos ex-alunos jesuítas que se destacaram como autoridades públicas no âmbito do estado e da nação, estabelecendo uma relação entre o modelo de educação experimentado e seus resultados na formação desse cidadão político.

CAPÍTULO I

OS JESUÍTAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Este capítulo visa descrever as contribuições dos jesuítas para a educação no Brasil, recuperando, para tanto, a contextualização histórica da presença destes no país, além de enfocar a pedagogia jesuítica e a metodologia utilizada por essa ordem religiosa, o *Ratio Studiorum*, no sentido de melhor compreender como a educação formal jesuítica se consagrou no país, a partir de seus interesses e dos interesses da Coroa Portuguesa. De modo peculiar, destaca-se o período histórico da presença destes no Piauí, bem como suas contribuições para a educação no Estado, primando-se para o alcance dos objetivos propostos para esta investigação.

1.1 Contextualização histórica da presença dos jesuítas no Brasil

Para efeito de melhor compreensão da presença dos jesuítas no Brasil, torna-se necessários entender como se dava a missão jesuítica antes da vinda da Companhia de Jesus ao Brasil, a partir da descrição de elementos que caracterizavam a atividade missionária, conforme descrito no item a seguir.

1.1.1 A missão jesuítica antes de sua chegada ao Brasil

Anteriormente aos jesuítas, os franciscanos e os dominicanos, principalmente, responsabilizavam-se pela ascensão da fé católica. Mas, foi com a chegada dos discípulos de Inácio de Loyola que a atividade jesuítica se estabeleceu. Nesse sentido, Tavares (2004) revela a importância dos jesuítas para a formação cidadã e religiosa a partir das missões ocorridas em Goa, conforme se verifica:

Apesar da contínua presença de religiosos nas viagens e na fixação dos portugueses no Oriente (ou seja, nas fortalezas, feitorias e cidades conquistadas); da instalação em 1518 da ordem dos franciscanos em Goa; e do batismo de milhares de hindus na costa da Pescaria, através da ação do vigário-geral padre Miguel Vaz nos anos de 1535 a 1537, costuma-se afirmar que a atividade missionária só ganhou real impulso com a chegada dos jesuítas, em 1542 (TAVARES, 2004, p. 83).

Dessa forma, há um reconhecimento de que a chegada dos jesuítas foi um marco histórico para a difusão da fé e dos preceitos da Igreja Católica, sobretudo, pela atividade missionária que desenvolviam.

A atividade missionária dos jesuítas se caracterizava por estratégias de adaptação, nos aspectos formais e conteúdos religiosos, sendo usados como recursos na conversão e evangelização. Essas adaptações podem ser evidenciadas pela própria postura de alguns jesuítas, como Inácio de Loyola, que em 1555, enviou carta a João Nunes Barreto, o qual assumiria a evangelização do território etíope, com recomendações de adaptações às distintas circunstâncias, visto que na Etiópia, era costumeiro o povo se orientava por dogmas considerados heresias em concílios, no início da Idade Média, havendo, portanto, necessidade de mudança nestes aspectos. É o que se verifica no recorte da referida Carta, a seguir:

Enquanto possível, levem preparadas as resoluções a respeito dos dogmas que eles erram, com definição da Fé Apostólica ou Concílios, quando houver. Porque, se se tornarem capazes de aceitar esta única proposição, que em matéria de fé e costumes esta Sé não pode errar quando define solenemente, depois no restante deixar-se-ão mais facilmente persuadir. Por isso, vão bem prevenidos por aprovar esta proposição, de modo adaptado àquela gente e a qualquer entendimento. (CARDOSO, 1996, p. 113).

Verifica-se que a persuasão é um dos objetivos do padre, que entende que para alcançá-la, fazem-se necessárias adaptações, orientando, assim, os padres a irem prevenidos a respeito dos dogmas que o povo seguia e ao que pretendiam alcançar.

Essa experiência religiosa fora alcançada porque a Companhia e, conseqüentemente, os padres já possuíam experiência no processo difusão dos preceitos católicos. Essa experiência foi acumulada pelo contato dos padres com culturas e religiões distintas daquelas ligadas à igreja católica. Quanto mais complexa a realidade cultural e religiosa de outros povos, maiores eram as necessidades de adaptações, o que exigia uma avaliação profunda das estratégias de evangelização (CARDOSO, 1996).

Observa-se que as atividades nas missões de evangelização requeriam preparo por parte das pessoas que as assumiam, já que as dificuldades se congregavam com muitas dificuldades, tais como: doenças em navios, algumas desconhecidas, regiões de difícil acesso, perseguição aos cristãos, desconforto das viagens pelo mar ou mesmo terra, exigindo que aqueles que se dispusessem fossem preparados para sofrerem por vontade própria.

Dentre os primeiros missionários da Ordem Jesuítica estava o padre Francisco Xavier, o qual reclamou aos demais membros por meio de carta dos letrados da Universidade de Paris, já que na visão dele, estes, de certo modo, contribuíam para a permanência da ignorância do povo, ajudando muitas almas a se perderem, pois se contentavam apenas com o que a Academia podia oferecer-lhes, sem ter preocupação em levar a verdade a todos, bem como a concepção cristã, que para o padre, era deixada de lado (CARDOSO, 1996).

O Padre Xavier, em 1548, enviou carta a Roma explicando algumas dificuldades que encontravam, dentre elas, o fato de que demorava mais ou menos “três anos e nove meses” entre mandarem as cartas de lá e receberem as respostas, que era o tempo que demoravam os navios de Roma para Goa e desta para as Molucas, além do retorno. Xavier esclarece que é necessário “[...] saberdes quão longe estamos, corporalmente, uns dos outros.” (CARDOSO, 1996, p. 74).

Por outro lado, tais relatos, para grande parte dos padres, pareciam convites para serem missionários, pois estes gostavam de ser desafiados, visto que para eles, quanto maior fosse o desafio, maiores seriam suas recompensas. É como se estivessem pondo à prova a vocação que tinham para as missões.

Segundo Cardoso (1996), outro missionário importante para a Companhia de Jesus foi São Francisco Xavier, que no Japão, a cultura oriental resistia aos ensinamentos católicos, embora fosse reconhecido o sincretismo ritualista católico existente. Como estratégia utilizada nas missões para estes locais estava a aproximação das pessoas, buscando sua confiança. Para os sacerdotes, era como se houvesse uma revelação da alma humana, percebida pela sabedoria jesuítica evidenciada através do contato com o outro.

No entanto, há estudos que apontam a decepção que o missionário Xavier sofreu com o choque religioso, já que havia por parte deste um certo repúdio pelo que aqueles cristãos praticavam, considerando que para ele, apenas as virtudes da pregação e das confissões poderiam civilizar de forma efetiva aquele povo.

Do mesmo modo, anteriormente nas Índias, em 1549, Xavier enviou carta ao rei português Dom João III, na qual demonstrava pouca esperança no que se refere ao futuro religioso desta região, conforme se pode verificar no seguinte trecho:

Senhor, eu sei o que ocorre aqui. Não tenho, pois, qualquer esperança de que as ordens e prescrições que Vossa Alteza deve enviar em favor da cristandade sejam obedecidas na índia. É por isso que parto para o Japão, quase fugindo, para não perder mais tempo do que já perdi [...]. (LACOUTURE, 1994, p. 140).

As palavras do missionário demonstram sua decepção em relação às missões nas Índias, já que a cultura influenciava muito os preceitos religiosos da região e não era fácil, como se verifica, um enviado tradicional da Companhia incutir mudanças de pensamentos naquelas pessoas, mesmo que o território já fosse de domínio português.

O fato é que, como Xavier, os missionários foram aprendendo a se adaptar às circunstâncias distintas e peculiares para cada região e mesmo após sua morte, seu trabalho foi retomado por outros jesuítas.

Outro missionário importante por seu trabalho junto à Companhia de Jesus foi Mateus Ricci, que aliado a outros companheiros, ficou incumbido de evangelizar o império chinês. Contudo, a realidade encontrada nas terras chinesas era bem diferenciada daquela encontrada no Japão. Mais organizados do que o povo japonês, os chineses se achavam o centro do mundo, por isso, Ricci teve que se adaptar à sociedade chinesa para alcançar a evangelização (LACOUTURE, 1994).

Até se tornar um mandarim chinês, Mateus Ricci se deparou com dificuldades adversas, chegando inclusive a cometer erros de estratégia, visto que na tentativa de adaptação aos costumes chineses, colocou em risco sua missão cristã jesuítica. Isso porque para se adaptarem aos costumes da região, Ricci e demais acompanhantes chegaram a raspar a cabeça e a barba, além de trocar a batina usual por outra semelhante a dos monges budistas, o causou decepção em algumas pessoas das classes mais ricas que chegaram a desprezá-los. Tal situação continuou até que uma pessoa amiga enfatizou que “[...] o hábito budista não tinha o menor prestígio na sociedade chinesa, pois os monges eram pessoas sem instrução e de duvidosa fama.” (GONZALEZ-QUEVEDO, 2002, p. 79), fazendo-os, assim, repensarem suas atitudes.

Após o reconhecimento do erro estratégico, na busca por tentar imitar os primeiros sacerdotes chineses, Ricci e os demais conheceram os sacerdotes do confucionismo, conhecidos como mandarins chineses, os quais, diferentemente dos monges, detinham respeito e poder social, destacando-se do povo e de outros religiosos, inclusive nas vestimentas. Para a sociedade, eram estes responsáveis diretos pela construção dos valores sociais, causando orgulho ao seu povo. Assim, de forma mais coerente, Ricci passa a se vestir do mesmo modo que os mandarins (CARDOSO, 1996).

Ademais, o domínio da ciência também contribuiu para que os jesuítas ganhassem respeito dos mandarins e da sociedade, o que os elevou ao centro do poder na cultura chinesa. A missão dos jesuítas era acompanhada de forma atenta pelas autoridades jesuíticas, pelos clérigos romanos e pela Corte Portuguesa; mesmo desenvolvendo um trabalho coerente com os preceitos missionários e alcançando resultados satisfatórios, havia críticas que chegavam de Roma. Parte dos clérigos desconfiava do método de trabalho destes, muito embora a maior parte elogiasse a capacidade de adaptação dos missionários (LACOUTURE, 1994).

1.1.2 A Companhia de Jesus nas terras brasileiras

Considerando-se os estudos existentes, tornou-se senso comum a assertiva de que, em contexto histórico, a maior e mais importante conquista ultramarina da Coroa Portuguesa foi o território brasileiro. Quando da descoberta dessa terra tão distante e promissora no Novo Mundo, em razão dessa nova realidade e perspectiva, a coroa portuguesa teve o cuidado e interesse de fazê-la contemplada com a vinda da missão jesuíta, que aportou em território que hoje é o Brasil, em 1549, iniciando, assim, aquilo que é considerado como o mais importante registro do marco civilizatório e, sem dúvida, as bases para o nascimento e edificação de uma nova cultura, baseada no modelo europeu.

Ao tempo da descoberta, de acordo com Demerval Saviani os recursos eram bastante difíceis, conforme se verifica em suas palavras:

[...] no início as dificuldades eram imensas, não apenas pelas condições inóspitas e pelo pequeno grupo e missionários, mas pela escassez de recursos, uma vez que o rei enviava verbas para vestimenta e alimentação dos jesuítas, mas não para construções (2008, p. 85).

Infere-se, portanto, que neste período os jesuítas desenvolveram suas atividades com muitas dificuldades financeiras e estruturais. Contudo, no decorrer dos anos, a Companhia de Jesus passou a receber mais recursos advindos da nação colonizadora e a partir de um pequeno grupo, criou os primeiros colégios brasileiros. Nessa ótica, Demerval Saviani (2008) explicita como características primeiras dos jesuítas a disciplina, versatilidade nos ensinamentos e conceitos educacionais, além de disporem de elevada formação religiosa/cultural, serem pragmáticos e terem, dentre outros predicativos, o raciocínio lógico e nítido. Deste modo, para esse autor bem como para muitos outros, foram os jesuítas que nortearam as diretrizes do sistema educacional no método do *Ratio Studiorum*, criada pela própria Companhia no século XVI, usada em todo o mundo pelos colégios jesuítas e composta de 467 regras “cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino” (SAVIANI, 2008, p. 83), cujo método serviu aos interesses do colonizador e da Igreja Católica a partir de um posicionamento contra reformista.

Frente às informações a que se teve acesso e que se tornaram elemento característico e consensual dos historiadores acerca da postura do colonizador português em relação aos nativos, no Brasil, foram as mesmas já conhecidas em muitos outros períodos históricos da humanidade, em que se verifica uma relação de poder iniciada pela prática do domínio territorial e econômico, incidindo sobre o colonizado a cultura, a identidade e as regras do convívio social interpostos pelo colonizador. É o que se pode observar a partir da descrição do brasileiro no período da colonização, tendo em vista que, desde o início, o conteúdo cultural da terra descoberta, elemento importante na valorização da memória como lugar de construção de identidades do cidadão foi afastado de suas raízes devido à imposição de informações trazidas pelos colonizadores para o território, sem dar qualquer chance de negação desta nova cultura.

O projeto jesuíta teve como sua maior causa a catequese do povo nativo gentio, fato que ainda hoje é largamente questionado, apesar dos propósitos fundamentados na fé cristã, conforme, vale registrar, ilustram variados exemplos das nossas artes pictóricas que servem como documento histórico imagético, dentre as quais escolheram-se algumas para fazer constar numa concepção também visual aos possíveis leitores deste estudo e que constarão do Anexo I deste texto.

O contato dos povos nativos brasileiros com o colonizador estrangeiro, culturalmente diferente e dominador, fragilizou-os diante de tantas novas informações e diversidade de

novos conceitos. Escolheu-se para compor a ilustração do Anexo 1, um desses momentos artisticamente representados em pinturas conhecidas, como a que mostra a chegada dos Jesuítas” – Figura 1 – Anexo I. Nela, divisam-se ainda as embarcações em atitude de aproximação, avistam-se os primeiros europeus a pisarem o solo da nova terra, já acampados, mas ainda observados a certa distância, com curiosidade e uma aparente tranquilidade, pelos nativos brasileiros. Era o começo de uma miscigenação de culturas, que impôs o conhecimento estrangeiro acima do modo de vida já existente.

Ao estudar a educação do Brasil nos diversos períodos históricos, notam-se, em relação aos interesses do povo colonizador, muitos aspectos e atitudes omissas, principalmente na era colonial, em relação aos nativos. Essa negligência talvez inconsciente do colonizador, possivelmente tenha feito parte de um comportamento embutido em seus propósitos enquanto conquistadores. Ao se inserir junto ao habitante nativo, o colonizador estava afastando-o e deixando-o à parte do processo social de sua própria identidade. Negando-lhe informação e subtraindo-lhe oportunidades de acesso ao conhecimento, entende-se que, por conseguinte, não haveria a construção de sujeitos aptos à cidadania. Nesse contexto, percebe-se que diante da nova realidade implementada ao modo europeu, a sociedade brasileira em toda a sua formação sofreu influência interna e externa. Foram muitos os que agiram em conformidade com interesses individuais e também em estrito acatamento a ordens superiores.

Dentre essas peças de arte mencionadas, selecionou-se uma imagem bastante representativa e que consta como Figura 2 do Anexo I deste estudo. A ilustração selecionada remonta aos momentos das primeiras missas dos Jesuítas, demonstrando o comportamento dos padres em postura de audiência, devoção e também de leitura, envolvidos em uma solenidade de pregação diante do altar improvisado com os elementos que normalmente o estruturam, tais como uma pequena cruz e círios. Nesse momento, os indígenas ainda são apenas curiosos ou totalmente distantes.

Muitos marcos históricos da presença notável da proposta cristã religiosa que logo se ampliou para os horizontes educativo, cultural e artístico se fizeram fincadas no território da terra colonizada, determinando novos elementos culturais oriundos da terra estrangeira, e que foram incorporadas ao saber e à cultura da colônia, como narram as já mencionadas artes pictóricas que servem a título de memória e exemplo. Ainda como realce à presença da arte nesse caminho histórico dos jesuítas, anexamos como Figura 3 (Anexo I) uma ilustração que

mostra o marco da cruz cristã e do sino para a chamada das missas, imponentes em meio a uma aldeia de pequenas casas, que provavelmente pertenceriam aos jesuítas e que o artista designa como Aldeia Missionária. Os índios, em atitude de aproximação, continuam sempre em pequeno número. As construções mostram estrutura física com telhados demonstrando a entrada da cultura estrangeira, nos pequenos detalhes cotidianos que começam a se impor.

No século XVI, segundo Saviani (2008), a presença do colonizador lusitano, de característica profundamente expansionista, ancorado no desejo português de ampliar a conquista, voltado para o acúmulo do poder e prestígio, planejou, edificando aquilo que, dentro das suas expectativas, seria o melhor caminho de apoderar-se da riqueza e abundância da colônia. Por seu lado, em seus trabalhos, os componentes da Companhia de Jesus cumpriram rigorosamente o ofício da vida religiosa fundamentada e regida pelos princípios da Lei dos Cristãos, ao tempo em que também cumpriam ordens do rei de Portugal.

No início da trajetória dos acontecimentos aqui abordados destaca-se a presença do pequeno grupo de jesuíta liderado por padre Manoel da Nóbrega que trouxe em sua bagagem o noviço José de Anchieta, considerado por todos como sendo o mais atuante discípulo da Companhia de Jesus. Além da conhecida obra literária, em especial, “Poemas à Virgem Maria” (*De Beata Virgine Dei Matre Maria*), Anchieta também escreveu o livro dedicado ao ensino da língua, intitulado Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil. Nessa época, a congregação constituída por Inácio de Loyola ainda não tinha projetos educacionais e o *Ratio*, anteriormente citada, era um documento somente de uso interno da irmandade. Mas, assim, pode-se dizer que já existia um arcabouço do futuro projeto dedicado à educação.

Na esteira do que afirma Demerval Saviani (2008), em sua obra intitulada **A pedagogia no Brasil**, história e teoria, o plano jesuíta concebeu-se de modo a articular aspectos como a filosofia, a teoria e a prática, conforme afirma no seguinte trecho:

[...] observando-se o plano de Nóbrega e o modo como ele procurou implantá-lo, nota-se a presença das ideias educacionais na articulação de seus três aspectos: a filosofia da educação, isto é, as ideias educacionais entendidas em sua máxima generalidade, representadas, aí, pela concepção cristã do mundo, do homem e da formação humana; a teoria da educação, enquanto organização dos meios abrangendo tanto os recursos materiais como os procedimentos do ensino, que, nesse caso, envolvia a inculcação, na população colonial, das tradições e costumes do colonizador; e a prática pedagógica, ou seja, a realização efetiva do processo ensino-aprendizagem (SAVIANI, 2008, p. 87).

Verifica-se, então, que as premissas educacionais interpostas por Manuel de Nóbrega se articulavam de modo a atingir os objetivos evangélicos e colonizadores previstos para o povo brasileiro, sob o enfoque da filosofia da educação, a teoria educacional concebida por meio dos elementos de ensino em que se esgotavam o aprimoramento do raciocínio do colonizado pelas tradições e costumes do colonizador e, por fim, a prática pedagógica, na qual o processo de ensino e aprendizagem era efetivado em conformidade com as premissas preestabelecidas.

Assunto largamente comentado em estudos históricos de autores tais como Marcos Antonio Vila, Eduardo Bueno, Raymundo Campos, Luiz Koshiba e Boris Fausto, escolheu-se deste último, um trecho do livro **História do Brasil** (1995) corroborando as ideias aqui assentadas: “vinham com o governador-geral os primeiros jesuítas – Manuel da Nóbrega e seus cinco companheiros -, com o objetivo de catequizar os índios e disciplinar o ralo clero de má fama existente na colônia” (FAUSTO, 1995, p. 47).

A missão dos jesuítas, nesse primeiro período de Brasil Colônia, objetivava a catequese dos índios e a educação dos filhos de europeus que desembarcavam com as suas famílias no território brasileiro. Era um trabalho complexo, já que congregava, por um lado, um segmento da elite sem limitação intelectual, que se preparava para o futuro tendo como meta principal a ocupação de qualquer cargo de dirigente e por outro lado, a catequese dos povos gentios, em que eram incluídos desde a linguagem até as artes cênicas. Grande parte dos historiadores relata que o Padre Anchieta se esforçou para aprender a língua dos índios nativos brasileiros para que pudesse se aproximar de forma mais preponderante destes e assim cumprisse sua missão.

As artes historiográficas representam várias cenas desses momentos narrados, ainda que de certa forma artisticamente idealizados, como na ilustração constante da Figura. 4, Anexo I, em anexo, em que alguns jesuítas, dentre eles Anchieta, dialogam com crianças indígenas, momento em que algumas têm em mãos, algo que se parece com uma folha de papel. A cena demonstra a atenção dedicada ao diálogo pelos jesuítas e o interesse demonstrado pelas crianças indígenas.

É consenso ainda, como muitos dos aspectos relativos à história dos jesuítas em território brasileiro, que o maior catequista que o Brasil teve nesse período foi o padre José de Anchieta, o qual deixara importante contribuição literária, ao promover “a função catequista

do seu teatro” conforme afirma a professora Cleonice Berardinelli no seu texto **Homenagem à canonização de José de Anchieta** (2014). Esta estratégia seria o melhor meio para persuadir, pois, segundo a autora,

[...] o poder do texto as inflexões da fala dos atores, a expressividade dos gestos, as vestes, aos movimentos em cena, algum cenário, mesmo natural, enfim, todos os recursos da dramatização, possíveis já àquele tempo, fizeram de seu teatro a arma que brandia contra os vícios e os erros, o escudo com quem tentava proteger aqueles a quem queria ensinar (BERARDINELLI, 2014, p. 9).

As palavras da autora demonstram a influência que Padre José de Anchieta tinha sobre os nativos, revelando, inclusive, as estratégias utilizadas por ele para ser persuasivo, ou seja, atingir seus objetivos, o que, ainda segundo a autora, o teatro se tornava um dos aliados dos colonizadores nesta missão.

No bojo das missões jesuíticas, percebe-se que o ensino privilegiou as artes, especialmente as artes cênicas. Na publicação especial **Homenagem à canonização de José de Anchieta** – Projeto Comunicar - PUC-Rio (2014), Mariana Sales, responsável pelo espaço dedicado às Artes, o escreveu o texto “Os primórdios do teatro brasileiro”, onde reporta-se ao pensamento da estudiosa professora Miriam Sutter, do Departamento de Letras e Artes Cênicas da PUC-Rio e conforme a publicação, segundo essa pesquisadora, confirma-se a informação de que foi em meados do século XVI que se iniciou o teatro brasileiro com a Companhia de Jesus, por iniciativa do padre Anchieta. Diz a estudiosa, que no exercício dessa atividade artístico-educativa, consta que Anchieta usava três idiomas: o português, o castelhano e o *nhaguatu*, mais conhecido como tupi-guarani. Além disso, refere a pesquisadora, que o jesuíta surpreendeu ao deixar de usar o latim, que era a língua acadêmica tradicional da Idade Média. Anchieta, percebe-se pelo que comentam as fontes mencionadas, teve papel de destaque na formação/criação da identidade brasileira e continua sendo fonte inesgotável de informações iniciais para qualquer estudo, assim como também tem o seu lugar nas primeiras manifestações literárias brasileiras:

O teatro brasileiro surgiu com a Companhia de Jesus, em meados do século XVI, e teve como precursor Padre José de Anchieta. Por viver uma transição entre o período Medieval e o Renascimento, o jesuíta utilizou o teatro como instrumento para catequizar e educar os índios. Influenciado pelo dramaturgo Gil Vicente, Anchieta buscou o ideário medieval, com referência na Sagrada Escritura. A obra mais conhecida foi o Auto de São Lourenço, de 1587.

As publicações teatrais de Padre Anchieta tiveram predominância no gênero Auto. Esse estilo apresenta, em diálogos, às vezes cantados, ensinamentos morais e personagens que representavam as virtudes e os pecados (SALES, 2014, p.17).

Entender estes ensinamentos e compreender de que modo a organização curricular era organizada para os filhos de europeus nessa época e verificar como as ações catequéticas junto aos gentios interferiram nas atitudes educacionais da educação brasileira da atualidade, bem como a concepção de ensino deixada como fonte de conhecimento para outras gerações faz-se objeto de investigação que pode ser revelador de caminhos que, além de históricos, sejam propiciadores de um entendimento da realidade do ensino sob a gestão dos jesuítas em diversas épocas e, talvez, motivo para reflexão e até mesmo inspiração para o presente.

Ademais, no período em que o Brasil foi descoberto, a Europa estava no apogeu do Renascimento, nos séculos XIV a XVI, permeada por um movimento de forte conteúdo artístico, literário e filosófico, trazendo as concepções dos ideais greco-romanos destacados em períodos anteriores, bem como havia a consideração de que o homem seria o centro do universo, cuja percepção perdurou durante um tempo significativo, momento em que a razão e a individualidade predominavam como bases do mundo. Foi nesse período que se iniciou a revolução científica e que o homem alcançou territórios antes inabitados. Nesse contexto, surgiu humanismo apresentado como uma evolução do homem que se voltava para a literatura clássica, o estudo de línguas, dentre outros, predominando a razão sobre a fé, tornando possível o surgimento de críticas sobre a igreja.

As reflexões ora propostas em torno da missão educacional jesuítica possibilitam revisão da metodologia pedagógica jesuítica adotada como modelo de educação que, já consagrada, a qual conforme consta em publicação intitulada **Colégio São Luís – 140 anos - A educação e os jesuítas no Brasil**(2007, p.10), reafirmando acerca dos ideais da formação do homem integral, quando diz em relação à referida metodologia que “desenvolveu-se tendo em sua base o desenvolvimento do ser humano com formação integral, abrangendo todas as dimensões da pessoa, da inteligência à afetividade, sem perder o foco do indivíduo, porque Deus chama cada um pelo nome”.

Desse modo, a proposta dos jesuítas tinha como pressuposto metodológico o desenvolvimento do homem sob a égide e licença divina da qual permeava os atributos para sua formação integral. É neste contexto, que o próximo subitem destaca as contribuições dos jesuítas para a educação brasileira, conforme segue.

1.2 Contribuições dos Jesuítas para a Educação no Brasil

Para esta investigação, além dos dados de realidade encontrados nas entrevistas que deram corpo a esta pesquisa e que servirão de *corpus* analítico, foram priorizados estudos para compor um elenco significativo de referências teóricas sobre educação jesuítica no Brasil. Na relação entre os conceitos serão considerados e mesmo incorporados, dentre outros, aqueles suscitados por Gilberto Freyre (2006).

Nessa ótica, Freyre (2006) considerado por historiadores e pela crítica literária nacional e internacional como um dos maiores intérpretes da identidade nacional, em sua clássica obra **Casa-Grande e Senzala**, reconhece a missão civilizatória exercida pela Companhia de Jesus, conforme analisa o trecho a seguir da referida obra em pauta:

Os jesuítas foram outros que pela influência do seu sistema uniforme de educação e de moral sobre um organismo ainda tão mole, plástico, quase sem ossos, como o da sociedade colonial nos séculos XVI e XVII, contribuíram para articular como educadores o que eles próprios dispersavam como catequistas e missionários. Estavam os padres da S.J. em toda parte; moviam-se de um extremo ao outro do vasto território colonial; estabeleciam permanente contato entre os focos esporádicos de colonização, através da “língua-geral”, entre os vários grupos de aborígenes. Sua mobilidade, como a dos paulistas, se por um lado chegou a ser perigosamente dispersiva, por outro lado foi salutar e construtora, tendendo para aquele “unionismo” em que o professor João Ribeiro surpreendeu uma das grandes forças sociais da nossa (FREYRE, 2006, p. 90).

O que se extrai do texto acima é que a Companhia de Jesus não se limitou a ser um instrumento de evangelização do Novo Mundo, mas trouxe consigo, tanto no aparato estrutural da instituição, bem como em sua filosofia, a missão educacional que por muito tempo foi monopolizada por ela no Brasil pela absoluta falta de instituições educativas durante boa parte da história do país. Portanto, existiram tempos em que o acesso à educação no Brasil implicava na experiência de ensino nos moldes dos jesuítas.

A Companhia de Jesus foi fundada em 1534 por Inácio de Loyola, e integrada em seus primórdios pelos seus discípulos mais próximos da Universidade de Paris, onde este estudara.

A formação desta organização se deu quase que de modo concomitante ao processo de colonização das Américas, e no que se refere aos países que foram colonizados por potências

européias católicas, a Companhia de Jesus serviu como um instrumento de colonização de tais potências, mesmo havendo constantes divergências entre o Estado colonizador e a organização jesuítica.

Percebe-se no curso dos estudos, que “educação e jesuítas” são dois segmentos de grande abrangência cooperativa tanto no contexto do conhecimento quanto da formação humanística. Nessa ótica adotada, serão investigadas perspectivas da educação jesuítica que se proponham a aproximar e cultivar, em indivíduos, atitudes de cidadania, uma vez que esta característica era perceptível como pertencente aos jesuítas e, por isso, era difundida por eles.

Neste sentido, Carvalho comenta acerca da ética e da cultura de paz presentes da educação jesuítica:

Assumir que a educação deve conter como preceito inegociável a ética da compreensão planetária [...]. Isto implica entendê-la como atitude deliberada de todos aqueles que acreditam na efetivação da cultura de paz, na construção de solidariedades [...] na consolidação das democracias, na efetiva colaboração entre todas as culturas. (2004, p. 20).

Recorre-se aqui às análises desse autor em busca de compreender o papel da educação enquanto construtora de uma cultura humanística. A perspectiva de Carvalho (2004) centra-se na educação como protagonista e espaço propício para o incentivo e cultivo da consolidação de valores humanitários, predicados dos jesuítas. Ao se tratar da educação jesuítica, este é um fio condutor de sua proposta educacional, mas também catequética e evangelizadora.

Segundo Soares, a Companhia de Jesus adveio de "uma explosão de pensamento religioso transvertido ao campo das atividades práticas. Refazer o homem, infundir-lhe espírito novo, arquetipá-lo em finalidades sociais e religiosas, foi a ação da Ordem" (1961, p. 142)

Como se pode perceber, o caso da atuação jesuíta no Brasil é notório pela dimensão continental do país e pelo modo uniforme com o qual exercera sua influência, como notado no trecho citado de Teixeira Soares (1961). O autor contribui para a análise da história da educação no Brasil que passa necessariamente pelo estudo dos métodos e processos educativos criados e desenvolvidos pela Companhia de Jesus.

Nota-se também que esta ação educativa da Ordem se delineou por experiências, estabelecendo-se por uma filosofia de educação que favoreceu e cristianizou o modelo educacional brasileiro. Assim, foi inaugurou-se e sustentou-se ao longo dos séculos, a filosofia cristã, conhecida como educação holística, ou seja, perpassada por uma filosofia primada pela educação do homem em toda a sua essência, contemplando atitudes, comportamentos de indivíduos e instituições.

Ainda sobre esse enfoque, Saviani (2008, p. 87) analisa a influência dos jesuítas na constituição educacional da pátria brasileira, sendo tão significativa que o próprio tema se consagra como fonte inspiradora de investigação nas mais diversas áreas, o que se deve por sua importância para o contexto histórico de educação formal. Assim, mesmo reconhecendo-se o alcance que este tema encontra, ratifica-se que o assunto a ser tratado para efeito desta investigação será limitado ao Colégio São Francisco de Sales – Diocesano, na cidade de Teresina-PI, em virtude dos objetivos deste trabalho, apresentados em momento anterior.

Por outro lado, a partir da perspectiva de Sodré (1994), a educação da Companhia de Jesus, desde o seu surgimento, por se delinear na ótica do pensamento europeu também contribuiu para alienação dos indivíduos que conformavam a sociedade de então, conforme menciona Sodré, no trecho a seguir.

[...] daí os traços da cultura que elaboram, o seu teor desinteressado, a sua desvinculação com a realidade, a sua alienação quanto ao meio – transitando, finalmente, para uma sorte de erudição livresca, vazia, meramente ornamental, que satisfazia a vaidade do indivíduo, mas em nada concorria para a comunidade (1994. p. 17).

As palavras do autor demonstram que o processo de alienação se dava por meio da falta de vinculação à realidade do homem, permeada pelo apego exagerado aos elementos formais da educação, que o tornava antes mesmo de um ser culto, alguém que detivesse o poder e não em prol da formação cidadã.

Desta feita, se por um lado esta educação primou pela formação do homem integral, humano, por outro, e de forma paradoxal, solidificou-se no exagero da formação do homem culto, letrado, erudito em detrimento de uma formação e educação que considerasse o indivíduo como cidadão, ou seja, uma formação que suscitasse nas pessoas atitudes, comportamentos, posturas para a vivência humanitária levando este homem formado e

educado jesuiticamente, a exercer influência em setores da sociedade, da política, da família, de modo geral.

Este apego à educação formal criticada por Sodré (1994) aponta para estudos sobre a formação do homem integral, disponível em publicação Comemorativa do Colégio São Luís (2007), cujas reflexões se dão em torno da missão educacional jesuítica remetendo para uma revisão da metodologia pedagógica, já consagrada, a qual, nos termos desse documento, traz como pressuposto de sua base “[...] o desenvolvimento do ser humano com a formação integral, abrangendo todas as dimensões da pessoa, da inteligência à afetividade, sem perder o foco do indivíduo [...]” (Colégio São Luís, 2007, p. 10). A partir dessa visão, a educação jesuítica celebrava todas as perspectivas do conhecimento que se fizeram presentes de forma determinante nos ideais jesuítas presentes no projeto brasileiro de colonização. Considerando este enfoque, o próximo Capítulo destacará a pedagogia jesuítica, em que se busca relatar como esta foi desenvolvida no contexto brasileiro.

1.3 A Pedagogia Jesuítica

Este subitem dedica-se à pedagogia jesuítica, visto que o objetivo deste estudo se volta para a educação desenvolvida pela Companhia de Jesus, sendo, necessário, desse modo, ampliar os conhecimentos acerca desta temática, descrevendo-a e conceituando-a viado melhor entendimento de como esta se fez presente no Colégio Diocesano, objeto desta investigação.

De forma consagrada, grande parte dos estudiosos da pedagogia dos jesuítas considera estes os primeiros professores do Brasil, sendo reafirmado também que o método pedagógico por eles pautado no *Ratio Studiorum* parte do código de ensino ou conjunto de normas a partir do qual os jesuítas desenvolveram toda e qualquer atividade nos colégios da Companhia de Jesus. Conforme Luiz Fernando Klein (1997), a primeiro *Ratio Studiorum* foi redigida para os Colégios de Messina (1548) e Gandia (1549). Posteriormente, o referido documento passou por inúmeras reformulações, acarretando assim, novas versões do *Ratio*, a qual sofreu mudanças no que diz respeito ao levantamento, verificação e adaptação dos materiais utilizados como instrumentos pedagógicos produzidos pela Companhia.

Pelo seu caráter histórico e enriquecedor deste estudo, menciona-se do próprio texto **O Método Pedagógico dos Jesuítas**, ou seja, do *Ratio* na sua tradução para o português pelo padre brasileiro Leonel Franca, o seguinte trecho informativo:

Destarte, o *Ratio Studiorum*, num plano bem estruturado e harmonioso, faz convergir toda a vida escolar do colégio – a administração, currículo, metodologia, distrações – para um fim único: a educação integral do aluno.

VALOR PERMANENTE DO “RATIO” – Todo código de educação espelha necessariamente a fisionomia da época em que nasceu. Educar não é formar um homem abstrato intemporal, é preparar o homem concreto para viver no cenário deste mundo. As mudanças profundas neste cenário, acentuando novas exigências e focalizando novos ideais, refletem-se nos métodos e nos programas destinados a preparar gerações que sobem para as necessidades imperiosas da vida. Formulado na segunda metade do século XVI, o *Ratio Studiorum* traz indelével o cunho do Renascimento (1952, p.75).

Para efeito ilustrativo nesta investigação, utilizou-se da Figura 5, Anexo I, como imagem demonstrativa da primeira versão do documento que consolidou no seu bojo o modelo educacional dos jesuítas.

Com o objetivo de oferecer informações e promover maior credibilidade da contribuição do *Ratio*, a Companhia de Jesus julgou necessário realizar formulações provisórias para ter um documento mais preciso e eficiente, que atendesse às necessidades do contexto das instituições educativas, como afirmou Klein:

O procedimento redacional, que se padronizou, constava da escolha de um grupo de peritos jesuítas pelo superior geral; coleta das principais práticas pedagógicas da Ordem e de fora; elaboração de um texto prévio; seu envio às instituições educativas jesuíticas para observação; análise das reações; e produção de novo texto (KLEIN, 1997, p. 34).

A partir das reformulações recorrentes na redação do *Ratio*, a qual de forma constante era atualizada pelos estudiosos dentre os próprios jesuítas, considerados preparados e competentes para tais atualizações ou adequações, procediam a acertos necessários, para que o referido documento atendesse às reais necessidades e aos objetivos que os jesuítas desejavam no sentido de promover uma educação de qualidade. Para tal finalidade, todas as reformulações realizadas eram minuciosamente debatidas visando alcançar um modelo que atendesse aos ideais inacianos, nos termos por eles objetivados, que almejavam uma idealizada perfeição.

Destaca-se que os primeiros acertos foram feitos no *Ratio*, entre 1586 e 1591, recaindo-se as críticas iniciais sobre tais revisões, tendo em vista que estas não apresentavam mudanças significativas. Considerando-se tais críticas, houve maior empenho no que confere à revisão da versão do *Ratio* de 1591, mostrando-se como a mais aceita até a formação da definitivo *Ratio* de 1599, a qual ficou conhecida como *Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*. Sobre isso, Klein afirma o seguinte:

[...] *Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* compõe-se de trinta conjuntos de regras, frequentemente cada um com mais de uma prescrição, chegando a cerca de 600. É um minucioso manual de funções, com a indicação da responsabilidade, do desempenho, da subordinação e do relacionamento pessoal dirigente (provincial, reitor, prefeito de estudos inferiores, prefeito de estudos superiores e prefeito da academia); dos professores (há catorze categorias, conforme os cursos e as disciplinas) e dos alunos. É também um manual de organização e administração escolar, com prescrições sobre grade curricular, carga horária das disciplinas, programação, textos de metodologia de ensino e de aprendizagem; avaliação e premiação dos alunos; funcionamento das academias e atividades extraclasse: disciplina de professores e alunos (1997, p. 34 - 35).

A partir da transcrição do *Ratio* de 1599, bem como dos documentos históricos que apontam para esta, pode-se depreender que o referido documento funcionava como a pedra fundamental ou mesmo como a estrutura conceitual basilar do projeto dos jesuítas, uma vez que reunia todas as informações necessárias para todos os envolvidos no processo educacional jesuítico, contendo, inclusive, todas as funções que cada membro deveria desempenhar. No tocante ao âmbito educativo, também constava tudo a respeito da administração e organização das instituições de ensino, abordando também sobre como deveria ser o currículo, a quantidade de horas-aula, a metodologia que deveria ser adotada pelo corpo docente, o direcionamento em relação ao processo de ensino e aprendizagem dos discentes, as questões disciplinares, as relações entre professor e aluno, dentre outros aspectos.

A IV parte do *Ratio* é a que se refere ao contexto educativo, contendo informações sobre o currículo: teológico, filosófico e humanista; a metodologia voltada para as sugestões de auxílio ao profissional no desempenho do processo didático.

Segundo Klein, os momentos didáticos do *Ratio* são os seguintes:

Preleção do professor; estudo privado do aluno com trabalhos escritos e pesquisa; exercícios de memória; repetições; trabalhos grupais: desafios, disputas; heterocorreções; academia; declarações; lições públicas; representação e exposição de trabalhos; provas e exames (1997, p.36-37).

Conhecendo-se a pedagogia dos tempos mais atuais, pode-se perceber que muitos dos aspectos normatizados pelo *Ratio* ainda permanecem como parte dos projetos pedagógicos, ainda que de forma revisada ou modernizada, afinal, existem na atualidade diferentes pedagogias que se preocupam em fundamentar as ações do professor em sala de aula. Também são importantes os trabalhos escritos e de pesquisa e usuais e indispensáveis os estudos individualizados, permanecendo como estratégicos os trabalhos de grupo, envolvendo pesquisa, desafios e disputas. Nas rotinas escolares foram retiradas as exposições de trabalhos, provas e exames. No universo dos estudos em artes e ensino de línguas e literatura, são comuns as atividades que envolvem representação e outras artes.

No decorrer do século XVIII ocorreram mudanças significativas, que foram impostas pelo Papa Clemente XIV, de acordo com o que diz Klein:

A partir de 1773, quando o Papa Clemente XIV suprimiu a Companhia de Jesus, esta ficou impedida de trabalhar nos seus colégios até 1814, quando o Papa Pio VII a restaurou. Desde então, a 20ª Congregação Geral (de 1820) e a 21ª (de 1829) incumbiram o então superior geral, Pe João Roothaan, de constituir uma comissão para rever o *Ratio*. Ele determinou uma ampla sondagem sobre a visão de educadores externos à Ordem, bem como sobre a programação vigente nas escolas jesuítas. De posse desse material, a comissão tratou de adaptar o texto de 1599 às exigências daquela metade do século XIX, mas visando elaborar novo *Ratio*. Concluída, a versão foi enviada aos superiores jesuítas, em 1832 para suas apreciações [...] (1997, p. 40).

Dessa forma, mesmo com as mudanças implementadas no *Ratio* de 1599, realizaram-se novas atualizações, uma vez que eles próprios acreditavam que o contexto histórico, social e cultural estava em constante processo de mudança, exigindo avanços na concepção e no exercício da aprendizagem. Nesse ínterim, ocorreu a denominada “supressão” dos jesuítas pela Igreja Romana. Sabe-se que eles foram afastados das missões e até mesmo expulsos do Brasil. Assim, enquanto essas modificações não eram feitas, devido à mencionada “supressão” dos jesuítas, os colégios sob sua gestão tiveram que parar suas atividades por bastante tempo. Como esclarece Klein (1997), só foi possível reiniciar as atividades novamente quando o Papa Pio VII “restaurou” os jesuítas.

Considerando-se os relatos mencionados, ressalta-se como fator determinante no decurso de todo o processo histórico que a medida adotada pelo papa Clemente XIV, anteriormente citado, fez com que os trabalhos dos jesuítas ficassem paralisados e em espera

por 41 anos, ocasionando certo prejuízo para os avanços necessários nesse modelo de educação dos jesuítas, estagnados durante essas quatro décadas.

Klein (1997) esclarece que nos termos propostos pela Companhia de Jesus, a reformulação ocorrida no *Ratio* de 1832 tinha como propósito tornar a proposta educativa dos jesuítas ainda mais eficiente e principalmente global. Ademais, frente aos propósitos jesuítas seu modelo de ensino deveria ser o mesmo em todos os colégios. Para isso, foram feitas alterações na gestão e principalmente no currículo, sendo este último o que mais apresentou modificações significativas.

Porém, apesar das atualizações, as mudanças projetadas não foram eficientes como se esperava, por ainda persistirem falhas em relação à adaptação do currículo de acordo com a clientela para a qual iriam realizar o trabalho educativo, uma vez que buscava-se alcançar como meta uma proposta curricular que estivesse de acordo com o contexto histórico e cultural dos alunos e sociedade. Assim, o currículo da escola jesuíta deveria contemplar todos os eixos da base comum a todas as instituições de ensino. No entanto, em alguns momentos a Companhia entendia que era necessário promover adaptações à nova realidade sócio-histórica dos discentes, a qual deveria ser considerada para que o processo de ensino-aprendizagem fosse bem sucedido, uma vez que as transformações ocorridas ao longo dos anos são resultado das escolhas feitas pela sociedade em sua constante busca por novos horizontes vislumbrados como objetivo coletivo e social.

Por um longo período ficou a cargo das próprias instituições jesuíticas elaborarem suas propostas de ensino. As novas mudanças neste segmento só foram possíveis a partir da publicação de 56 decretos, os quais serviam de suporte a toda decisão ou orientação religiosa da Congregação Geral dos Jesuítas, referentes a questões jurídicas ou aspectos da vida e trabalho dos seus religiosos e foram feitos pela 31ª Congregação Geral, objetivando a renovação de o trabalho pedagógico dos jesuítas. Estas ideias são corroboradas por Klein quando este afirma que:

Essa Congregação tratou amplamente do trabalho educativo jesuítico, como as congregações anteriores não haviam feito. Publicou 56 Decretos, sendo o n. 28, intitulado *Apostolado da Educação*, o terceiro em extensão, com 32 itens. Considerando a importância dos temas abordados e a ênfase com que os apresentou aos jesuítas, essa assembleia constituiu-se num fundamental marco, detonador do processo de renovação dos colégios da Ordem (1997, p. 45 - 46).

Em linhas gerais, o trabalho desenvolvido, que envolvia artes, filosofia, cultura clássica e popular, dentre outros ramos do conhecimento humano, teve sua relevância no contexto histórico educacional brasileiro, uma vez que buscou constantemente aprimorar-se por meio de reformas no seu método e conteúdos, visto que através da renovação proposta pelos decretos publicados a proposição educativa dos jesuítas sofreu gradativamente renovação e sistematização fornecendo consideráveis contribuições para a reforma dos seus colégios.

Nesta trajetória histórica empreendida de forma idealizada, segundo Luiz Fernando Klein, consagrou-se que “o critério para os jesuítas se encarregarem das escolas não deveria ser a quantidade, mas a qualidade do serviço prestado, incluindo aceitar os alunos com potencial para exercer influência positiva na sociedade” (1997, p. 47). Faz-se oportuno afirmar que o processo de formação dos alunos das escolas jesuítas pauta-se no ensino humanístico, de forma conjunta com o técnico, baseado na formação religiosa e moral, já que em conformidade com os estudos deste autor:

A escola passa a ser vista pelos jesuítas pelo modo inédito, ou seja, como um centro de irradiação na sociedade, junto às famílias dos alunos, como um instrumento eficaz para promover a síntese entre a fé e a cultura, chegando a toda comunidade próxima (KLEIN, 1997, p. 48).

No conjunto das informações, tem-se que foi incorporado ao conhecimento geral acerca dos jesuítas, o que, neste caso, a maioria dos estudiosos afirma, que a pedagogia jesuítica implementada nas escolas da Companhia de Jesus tem como finalidade propor, através do trabalho educativo e humanístico, a formação integral da pessoa humana, fazendo com que sejam cristãos cultos e comprometidos com os valores, com os ideais éticos de respeito e responsabilidade, tendo sempre por base os discernimentos religiosos do amor a Deus e ao próximo, conforme preceitua a fé cristã (KLEIN, 1997). Uma vez que a formação integral do aluno jesuíta se realiza com o propósito de ser completa, esta propicia e incentiva aos alunos a compreenderem e extraírem da sociedade à qual pertencem, em sua diversidade de relações sociais, todo e qualquer tipo de aprendizado, tendo por base as inúmeras vivências adquiridas ao longo da sua jornada de vida em todos os cenários e papéis desempenhados na sociedade.

Para os jesuítas, a família é a primeira célula social que ensina ao indivíduo a assumir como normais algumas atitudes e comportamentos necessários, sem os quais este indivíduo

pode vir a se tornar um desajustado para a vida em sociedade. É nesse ponto que se busca o equilíbrio como a regra norteadora da conduta humana, já que todos os grupos são constituídos por relações sociais, que devem ser cultivadas constantemente através do relacionamento afetivo para evitar conflitos. É nessa busca constante pelo equilíbrio das relações sociais que a família é para os jesuítas o marco dos ensinamentos e das práticas do bom costume (KLEIN, 1997).

Assim, para os jesuítas, o homem equilibrado, além de aprender pela moral e bons costumes, assume uma postura de homem equilibrado, atendendo às suas necessidades. Nessa ótica, a pedagogia jesuítica assume que o contexto familiar deve perpassar fortemente por valores morais, religiosos e ideológicos e que as discussões sobre a formação do homem reto é assentada sobre bases morais, as quais são carregadas pelo homem durante toda a sua vida.

A pedagogia jesuítica entende que a família é o lugar da felicidade, e que isso se encontra vinculado justamente ao ocultamento de seu caráter histórico, passando-se a pensá-la como um grupo natural, trazendo consigo as relações e a valorização de sentimentos familiares, como amor materno, paterno, filial e outros, o que pode influenciar no comportamento e nas relações do indivíduo com a sociedade. A pedagogia jesuítica visa justamente capacitar o indivíduo para enfrentar crises e resolver problemas que não estejam direcionados para os valores éticos exigidos pelos preceitos morais (FRANCA, 1952).

Nesse sentido, enfatiza-se a Pedagogia Inaciana, aquela que melhor se destaca como representação da pedagogia jesuítica, sendo, portanto, objeto de estudo do próximo subitem.

1.3.1 A Pedagogia Inaciana

A pedagogia inaciana, conforme Klein (2014), consagra-se como uma educação personalizada, tendo como enfoque máximo os ensinamentos jesuíticos, pautada nos preceitos religiosos e orientada para a conversão espiritual, conforme se verifica nas palavras do autor, quando este enfatiza que: “é nos exercícios espirituais, aprovados pelo Papa Paulo III, em 1548, que se encontra o maior número de elementos inspiradores da Pedagogia Inaciana”. (KLEIN, 2014, p. 56), embasada na abordagem de Inácio de Loyola, o qual emprestou seu nome à referida pedagogia, manifestada entre 1521 a 1538, cuja experiência se consagra na

conversão, destacando-se os dogmas religiosos orientados na espiritualidade cujos estudos foram implementados nas cidades de Loyola, como também em Manresa, Roma e Paris.

Na visão de Zildete Martins (2009), a pedagogia inaciana é muito mais que um método pedagógico, visto que as discussões em torno dela ratificam a “aplicabilidade da educação personalizada, em valores e orientada para a competência e para a solidariedade” (MARTINS, 2009, p. 78). A pedagogia inaciana se organiza em prol das diversidades sociais, culturais e políticas, apresentando temas transversais, atuais e atemporais desde o período em que foi concebida, dentre os quais “a construção do conhecimento, busca da excelência educativa, o papel do professor como pesquisador, aprendizagem contextualizada e impregnação de valores morais” (MARTINS, 2009, p. 79).

Nessa ótica, a pedagogia inaciana possui cinco eixos norteadores: “contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação” (MARTINS, 2009, p. 80). Tais eixos guiam esta pedagogia como forma de destacar seus paradigmas, sempre orientada pela missão educativa dos jesuítas que mesmo tendo sido implementada no período de colonização, já veio com aspecto contemporâneo, por isso, perdura até os dias atuais, afastando-se mesmo assim, de uma receita pronta de prática educativa, sendo mais um estilo de vida.

Osowski (2004) entende a pedagogia inaciana como “uma cultura produzida por relações de saber-poder, constituindo sujeitos e modos de viver em espaços pedagógicos, marcando uma identidade inaciana que se apresenta plural e híbrida” (OSOWSKI, 2004). Esse hibridismo aponta para a pluralidade do método inaciana, necessitando de avaliações constantes para que seja efetuada com eficiência.

Nesse contexto, a pedagogia inaciana se manifesta nas relações pedagógicas efetivadas no contexto social, familiar e institucional, recebendo destes suas principais influências.

Na visão de Dublá (2000), os ensinamentos da educação deixada pela Companhia de Jesus e, em especial, a Pedagogia Inaciana, pautam-se nas relações interpessoais, primando pela interligação entre professor e aluno, visto que, segundo ele, isto favorece a liberdade do indivíduo, pela segurança que propicia, visto que o docente repassa aos discentes preceitos referentes intelectuais e morais, o que contribui diretamente para a formação do aluno.

A Pedagogia Inaciana prima pelos ensinamentos experienciados, já que para esta pedagogia, o conhecimento da realidade propicia mais condições de aprendizagem. Sobre

isso, Dublá ressalta que “se experimenta algo quando se sente, porque é através dos sentidos, - e as correspondentes imagens, emoções e sentimentos que em nós se despertam, que conhecemos a realidade” (2000, p. 45).

Nessa ótica, é pela experiência que o docente sensibiliza o aluno para o conhecimento, conduzindo-o para a lembrança de conteúdo a partir de valores e intuições apreendidas durante o processo de ensino e aprendizagem. A experiência, na Pedagogia Inaciana, possibilita ainda o aluno a assimilação de informações que o levem a efetividade educacional.

Contudo, essa experiência foi conduzida pelos jesuítas e deixada através de documentos, com critérios legitimados, sistematizados, disciplinados por meio de regras no sentido de conduzir os sujeitos da educação como pessoas ativas e construídas de sua própria realidade.

Conforme Klein (2014), para a Pedagogia Inaciana o mundo tem que ser absorvido por elementos positivos, desprendido de qualquer “dualidade maniqueísta, que o considera como algo suspeito ou perigoso, diante do qual um deve estar sempre prevenido” (KLEIN, 214, p. 76). Nessa perspectiva, o mundo deve experienciar a realidade e conduzir a educação por meio desta realidade. Contudo, o processo de globalização dificultou esse tipo de vivência conduzida pela Pedagogia Inaciana. Na verdade, os obstáculos advindos do processo de globalização no que concerne à formação humana devem ser superados, já que para os inacianos, bem como aos seguidos da Companhia de Jesus, a formação integral do indivíduo baseada nos princípios humanísticos deverá ser preservada, sob pena de não se conduzir o homem com seus valores e preceitos conforme os ensinamentos cristãos, o que é muito perigoso para a sociedade e preservação da cultura social livre de falsos preceitos morais.

A Reforma Cristão que ajudou a preconizar a Pedagogia Inaciana consistia na formação intelectual em consonância com a formação da virtude, o que contribuía para a formação do homem ideal cristão construído de forma complexa, na perspectiva da educação crítico-humanizadora, cuja proposta pedagógica se centrava em um método individual e ao mesmo tempo em grupo, na medida que orienta o homem aprender com o outro e consigo mesmo, a ser livre para amar, além de servir ao próximo.

Sobre a Pedagogia Inaciana, Kolvenbach esclarece que,

A pedagogia inaciana acredita profundamente no exercício da liberdade, sobretudo no discernimento daquele que é o sujeito, o que supõe uma abertura mais do que uma certeza, um tatear do desconhecido mais do que a execução de um programa com resultados assegurados (1996, p.11).

Verificamos que a Pedagogia Inaciana busca resultados a partir da implementação da liberdade, focada no contexto do ensino e aprendizagem, propondo a interação do homem com o outro, em que o professor tem papel fundamental para orientar quanto às práticas dos bons costumes, essenciais ao homem cristão.

Destaca-se que as contribuições da Companhia de Jesus e da pedagogia inaciana foram muitas para o ensino e processo de evangelização no Brasil, conforme já mencionado. Contudo, o alcance de interesses e questões ligadas ao poder da igreja aponta que a educação não era voltada para todas as classes sociais e os privilégios eram de poucos, conforme se pode verificar no que concerne ao financiamento da Companhia de Jesus e de forma específica da pedagogia inaciana.

Segundo Klein (2014), a pedagogia inaciana, pautada em valores e ensinamentos cristãos, destacada como maior exemplo de educação jesuítica, como qualquer sistema educacional, era financiada por um grupo social. Esse grupo era composto por pessoas prestigiadas socialmente, comprovando o poder que a igreja católica dispunha na sociedade. Assim, os jesuítas detiveram concessões, terras e vários privilégios comerciais para ofertarem a alguns o acesso ao conhecimento. Dessa forma, a criação de cabeças de gado e até exploração da mão de obra dos índios também fizeram parte da realidade que financiava a Companhia. Ressalta-se que todos esses produtos, inclusive, gados e escravos, eram marcados com o símbolo IHS, símbolo da Companhia de Jesus, o qual significa em latim *Iesus Hominum Salvator*, que quer dizer Jesus Salvador da Humanidade.

Nesse sentido, a educação no Brasil Colônia, período no qual a Companhia de Jesus se fazia muito presente nas terras brasileiras, advém de um contexto que se volta para recursos específicos empregados para o financiamento dos jesuítas. Ademais, destaca-se o predomínio de mão de obra escrava e trabalho indígena nas construções dos Colégios jesuítas. Fica evidenciado que o programa social e educacional jesuítico não priorizava a redução das desigualdades sociais do país, visto que os missionários lucravam com aquele sistema. Pelo contrário, o sistema sugerido pelos inacianos, na verdade, propunha a manutenção da

realidade social vigente à época, uma vez que era orientado pela separação entre a elite colonial e os trabalhadores “livres”, bem como os pequenos proprietários (ALMEIDA, 1989).

O destaque dado anteriormente neste mesmo estudo revela uma prática pedagógica voltada para o ensino com técnica de repetição e disciplina, excluindo do currículo tudo o que se referisse à superação da situação colonial do então período, voltando-se, assim, para os interesses metropolitanos. Tinha-se a visão de que se houvesse ampliação de qualquer mercado isso acarretaria um processo perigoso de interrupção da ordem colonial. Logicamente que essa visão era sustentada por aqueles que dela se beneficiavam, dentre estes, os inacianos.

Diferentemente dos índios e dos filhos de trabalhadores livres e dos pequenos proprietários, os filhos dos senhores de engenho e dos grandes latifúndios de escravos aprendiam o latim, mas também filosofia e outras línguas, sendo sempre estimulados a dar prosseguimento aos estudos na Metrópole, retornando, posteriormente, como grandes aristocratas respaldados pelo processo de escolarização concedido a eles (PAIVA, 2007). Desse modo, aos demais era negado o direito de estudar, o que era justificado pelo fato de serem pardos (filhos bastardos de brancos e negras) e, por isso, eram obrigados a trabalhar, mesmo que a família pudesse pagar pelos estudos.

Era esse pensamento que fazia com que houvesse uma consolidação de uma sociedade regrada por interesses, na qual a educação servia como instrumento de desigualdade e distinção entre aqueles que tinham acesso ao trabalho intelectual, os aristocratas, daqueles que possuíam o trabalho manual, os não escolarizados, e uma terceira classe, responsável pelo trabalho manual animal, os escravos (ALMEIDA, 1989).

Verifica-se, portanto, que a educação não era utilizada apenas para seu fim maior, ou seja, o alcance do conhecimento. Mas, principalmente, como forma de manutenção do poder dos grandes aristocratas e que a igreja, por meio dos inacianos, ajudava a mantê-los na situação privilegiada em que se encontravam, sem dar acesso à educação plena a todos de modo igualitário. Esse pensamento ideológico era sustentado porque a igreja, como já informado, também se beneficiava dessa situação.

Esse desenvolvimento do projeto educacional dos inacianos ocorreu nos limites históricos do antigo sistema colonial, de sua lógica de acumulação primitiva e, de forma mais específica, no caso lusitano, estabeleceu-se como integrante do “caráter mais acentuado de feitorização”, em que a Metrópole extrai os recursos e riquezas

produzidos na colônia, em uma espécie de parasitismo, no qual pouco (ou nenhum) investimento realiza na área colonizada (JESUS, 2007, p. 85).

Percebe-se, então, que desde o período Colonial as classes mais baixas são desprestigiadas, colaborando para o enriquecimento de poucos, de uma classe privada e de um Estado que se caracteriza pela parceria com a burguesia, com a devida colaboração, em parte, da Igreja.

Considerando-se estes preceitos definidos pela pedagogia jesuíta é que o próximo subitem enfoca os valores pregados pelos jesuítas e a *Ratio Studiorum*, que consiste na metodologia utilizada pelos jesuítas para catequizar e evangelizar os nativos do Brasil.

1.3.1.1 Os jesuítas e os valores pregados

No contexto brasileiro, os movimentos relacionados às mudanças de comportamento ganharam força entre os séculos XVI e XVIII. Embora de forma lenta, esse movimento crescia e visava, principalmente, o controle e uniformização dos costumes, buscando restringir a liberdade do indivíduo (SOUSA E CAVALCANTE, 2016).

O interesse na regulação dos comportamentos era justificado pelos princípios de educação e civilidade difundidos nos livros que circulavam neste período. Desse modo, a Companhia de Jesus, que implementava a catequese dos índios, a fazia, dentre outras motivações, impulsionada por noções de civilidade, pautando-se na pedagogia das boas maneiras, projeto esse sacramentado, posteriormente, com a obra de Desidério Erasmo de Rotterdam, *A Civilidade Pueril*, publicada no ano de 1530, em Basileia (REVEL, 2009).

Importante se faz destacar o conceito de civilidade, visto ser este um dos principais para a concepção jesuítica. Este conceito não surgiu, ainda segundo Revel (2009), como se pode querer inferir, no século XVI, com esta obra, apesar de o termo estar ligado ao vocábulo *civilitate*, opondo-se ao termo mais usual *civilitas*.

Nessa ótica, assim como em outros processos de conceituação, conceituar o termo civilidade não é tarefa fácil, pois segundo Chartier (2004), as noções conceituais são tomadas por campos semânticos variáveis, tornando-se um processo complexo, o da conceituação de

qualquer termo. Cabe ressaltar que é datado do ano de 1570 o primeiro dicionário que faz menção à concepção de civilidade, de autoria justamente de um Jesuíta, conforme explica Burke (1997).

No ano de 1647 o jesuíta Bento Teixeira publica a obra *Tesouro da Língua Portuguesa*, a qual vinha norteadada por elementos pedagógicos e lexicográficos (LIMA, 2012). Posteriormente, foi publicado o *Vocabulário Português e Latino*, entre os anos de 1712 e 1728, de autoria do padre Raphael Bluteau, cujas definições ainda encontravam-se contraditórias, advindas ainda dos termos *civilis* e *civilitas*, que só foram consolidadas a partir do humanismo, filosofia que privilegia os homens como centro do mundo, iniciada na Itália a partir do século XIV, visando principalmente, romper com as fortes influências da igreja (LIMA, 2012).

Conforme Jean Starobinski (2001), tanto o termo civil quanto o vocábulo civilidade eram, respectivamente, utilizados já nos séculos XIII e XIV, remetendo às noções de polidez e bons modos. Com a obra de Erasmo, anteriormente mencionada, houve uma fixação da expressão civilidade (*civilitate*), remetendo-se à concepção urbana do termo, cidadina, de gestos disciplinados (STAROBINSKI, 2001).

No que se refere o conceito de civilidade no âmbito da Companhia de Jesus, o termo civilidade aliou-se à pedagogia de base da referida Companhia, tornando-se para esta uma aprendizagem necessária e imprescindível, ligada, inclusive, às questões de cunho pedagógico-didáticas e disciplinares (REVEL, 2009).

Nesse sentido, a educação jesuítica se pautava na catequização dos índios e, posteriormente, na valorização da educação moral e religiosa das crianças. Na visão de Fernandes (1995)“ no século XVII, a educação aparece na literatura moral e religiosa como ‘óbvia prioridade das orientações catequéticas e pedagógicas dos jesuítas” (FERNANDES, 1995, p. 171).

Segundo este autor, a civilidade, como elemento norteadado da educação, conduzia a uma aprendizagem ampla, na qual havia uma relação intrínseca entre o conhecimento e o saber absorvido das letras e o incentivo aos bons costumes. Dessa forma, a Companhia de Jesus contribuiu para que a noção de civilidade e educação alcançassem patamares mais elevados no processo de aquisição da linguagem e dos costumes, a partir de um remodelamento social, em que hábitos, costumes e usos sofrem uma transformação adequada

para se encaixarem ao termo civilidade, o qual carregava em seu escopo elementos ligados à disciplina, boas maneiras, cortesia e civilidade, adentrando-se ao aspecto moral.

Assim, surgiram os primeiros pedagogos da Companhia de Jesus, dentre eles, o jesuíta espanhol Juan Bonifácio, que defendia a tese de que o bom comportamento tinha que ser cultivado, independentemente de classe social. Por isso, publicou em Salamanca, 1575, a obra *Christiani pueri institutio, adolescentiae que perfugium* (1575), obra esta considerada manifesto pedagógico e reconhecida pela Companhia. Os preceitos morais defendidos na obra de Bonifácio foram absorvidos pela Companhia de Jesus, que defendia seus ideais (FERNANDES, 1995).

Ademais, a obra era influenciada pelas noções de civilidade destacadas nas práticas e ações pedagógicas dos jesuítas, em acordo com os modelos pedagógicos cristãos propostos pela pedagogia inaciana.

Na visão de Fernandes (1995), tanto a educação moral quanto religiosa ascendeu na modernidade, pois segundo ele, as orientações catequéticas e pedagógicas orientavam para este sentido, já que, no século XVII, era uma premissa que fazia parte do processo pedagógico a evidência da religiosidade como formação do homem bom.

Para ele, isso fica mais evidenciado quando se verificam que naquela época eram comuns catecismos, cujos textos de ensino para crianças se voltavam para a doutrina cristã, considerando os preceitos religiosos. Desse modo, a literatura tinha, como já reafirmado, a finalidade pedagógica como sua primeira concepção, contudo, sob a ótica religiosa. Essa visão pedagógica de cunho religioso não pode, portanto, deixar de estar atrelada à escolarização, a partir da noção de civilidade anteriormente descrita, como forma de se reavaliar os costumes e a manutenção dos bons hábitos dos cidadãos (FERNANDES, 1995).

Aliado a esse pensamento, ratifica-se a noção de que a educação deve ser vista sob o contexto da civilidade, considerando os aspectos morais, escolares e culturais, das quais, obviamente, não pode deixar de se coadunar, pois faz parte dela, de forma inerente.

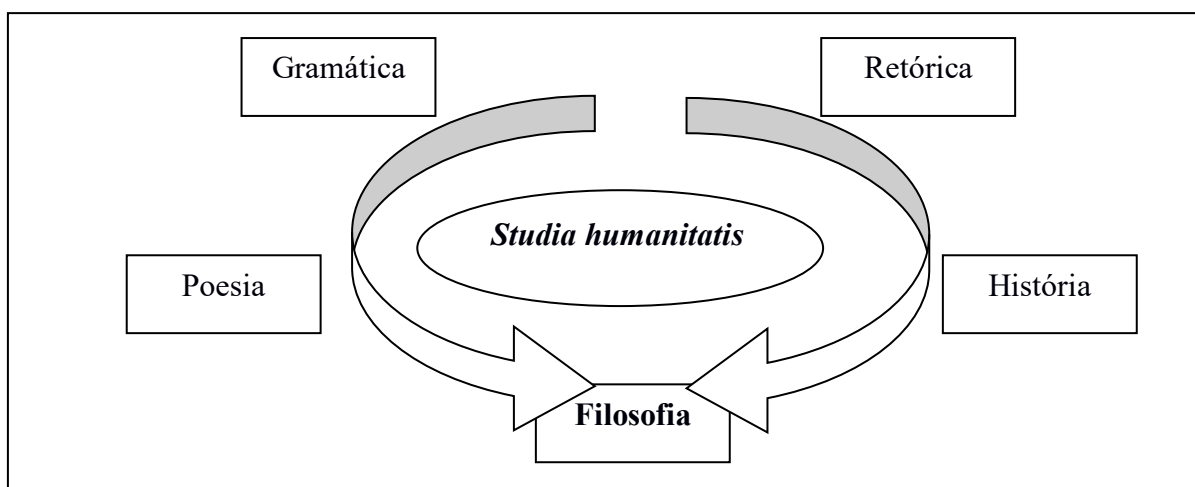
Os métodos de ensino deveriam abarcar de forma mais ampla a educação, já que na visão dos jesuítas, a educação era superior a tudo, pois poderia transpor as eventualidades da natureza e preparar o indivíduo para o convívio familiar e social. Esse pensamento era ratificado por Erasmo, o qual entendia que sem instrução e, de forma interligada, sem filosofia

(visto que filosofia era a base de todos os ensinamentos), o homem seria inferior a todos os outros seres, inclusive, aos animais, haja vista que ao recusar a educação, a pessoa estaria recusando a si mesmo como ser humano, pois recusaria diretamente a racionalidade que a estes seres pertence.

Portanto, ao abandonar a busca pelo intelecto de seus filhos, os pais estariam cometendo um grande crime, uma vez que os ensinamentos pedagógicos e éticos estavam indissociáveis (TOLEDO, 2004). Baseando-se neste ponto de vista, muitas obras preconizaram a educação civilizante reafirmada pelos teóricos anteriormente mencionados. Outro autor que delineia suas pesquisas sobre os ensinamentos pedagógicos é Kristeller (1986), o qual traçou estudos sobre o que ele denominou de “humanismo renascentista”, justificando o caráter educacional proposto a partir de sua concepção e que se encaixa perfeitamente nos preceitos definidos pela educação civilizante.

Segundo este autor, o humanismo renascentista definia o humanista, a partir do século XV, como um docente ou aluno dos *studia humanitatis*, que se consagrava com o ciclo educacional, considerando neste a gramática, a retórica, a poesia, a história e a filosofia, cujas leituras se baseavam em clássicos gregos e latinos, como se evidencia no Diagrama 2:

Diagrama 2: Trinômio do método da *Ratio Studiorum*



Fonte: Própria autora. 2017.

Verifica-se pelo diagrama que a filosofia era base dos ensinamentos do *studia humanitatis* e que as disciplinas que faziam parte do ciclo se complementavam, pois se voltavam para os mesmos objetivos e pressupostos religiosos e pedagógicos previstos nas concepções dos ideais interpostos pelos jesuítas. Assim, todas as matérias diziam respeito a temas educativos, sem se desvincular do conteúdo moral e religioso.

O referido ciclo correspondia a um movimento cultural que tentava dar conta de leituras de clássicos, incentivando o gosto por textos de grandes intelectuais que se encarregavam da moral e dos valores religiosos (KRISTELLER, 1986). Isso é explicável porque a maioria dos humanistas da época eram docentes, o que permitiu que seus ensinamentos fossem carregados de reflexões morais e filosóficas, sendo, então, repassados aos alunos. Ainda na visão deste autor, esse movimento permitiu que se delineasse um cenário de mudanças no contexto educacional, cujas propostas não eram as mesmas dos escolásticos medievais, visto que a finalidade era distinta, pois objetivava alcançar a formação do homem como tal, o que quer dizer que incluía o aspecto religioso, além do civil e moral.

Nesse ínterim, a Companhia de Jesus, desde que foi idealizada pelos jesuítas, no século XVI, inseria-se, perfeitamente, ao enfoque humanista, baseada em reformulações dos costumes e de condutas voltadas para a moral e ensinamentos cristãos. Assim, os ideais da Companhia de Jesus, desde antes, eram inerentes ao conhecimento (KRISTELLER, 1986).

Gouveia (1993) esclarece que as investigações sobre os espaços culturais no Império Ultramarino de Portugal, no período descrito entre os séculos XVI e XVIII, tenderiam a analisar a expressão “o poder sobre o saber”, que apontava para a institucionalização do saber, apresentando uma nova moldura para os costumes e aliado a isso, a concepção de ensino. Essa ideia leva à verificação de que a expressão em destaque levava à noção de que o poder se concentrava na Companhia de Jesus.

Lacouture (1994), sobre essa temática, informa que os ideais dos jesuítas não exatamente faziam parte do humanismo parisiense renascentista, contudo, é notória para ele a utilização da civilidade na pedagogia dos jesuítas, os quais, indiretamente, sofreram influência do aspecto humanista. Para confirmar este pensamento, o autor cita alguns pressupostos teóricos de Inácio de Loyola nos quais se verificam as influências de Erasmo de Roterdam, visto que em várias situações, mesmo Loyola tendo se recusado em buscar inspiração em

Rotterdam, ainda assim, sempre esteve cercado de elementos que os levavam para o mesmo caminho, já que muitos de seus companheiros seguiam o humanismo de Erasmo.

O autor prossegue elencando que as obras humanistas devem ser lidas sob a ótica da Igreja, haja vista que foi partindo dos ideais humanistas e escritos sobre civilidade que foi intensificada a pedagogia voltada para o bom comportamento, disseminando também reflexões sobre uma proposta de reforma de hábitos e costumes.

Percebe-se, então, a influência de Erasmo sobre os escritos jesuíticos, uma vez que membros da Companhia de Jesus implementaram obras que versam sobre o decoro, a disciplina e o bom comportamento.

Dessa forma, a Companhia de Jesus e seus membros tornaram possível a difusão dos pressupostos da civilidade, os quais foram consagrados a partir de reformulações que possibilitaram a produção de seus próprios manuais. A obra **Decoro da Conversa entre os Homens** consiste em uma obra representativa do que foi mencionado anteriormente. Traduzida em 1681, em Portugal, fornece ensinamentos condizentes com o que a teoria humanista propõe (LACOUTURE, 1994).

Do mesmo modo, a obra de inspiração jesuítica do espanhol Gaspar de Astete é representativa, visto que ele é tido como o primeiro membro da Ordem dos Jesuítas que idealizou uma pedagogia de educação e formação que alcançava tanto homens quanto mulheres. Sua obra trazia uma visão de reformulação social, no sentido de que todos alcançassem a disciplina, o bom comportamento e aprender a controlar suas próprias atitudes diante das intempéries da vida. Sua obra é vasta e seguem nestas o Catecismo de **La Doctrina Cristiana**, no ano de 1599 e **Institucion y Guia de la Juventude**, escrita bem antes desta data, mas que só foi editada em 1592 (FERNANDES, 1995).

Desta maneira, é certo que todos os textos de ordem jesuítica traziam elementos que diziam respeito à educação de forma consistente, reconhecendo sua importância para a formação do indivíduo e para seu convívio social, incutidos de características semelhantes anteriormente expostas, carregando também os preceitos da civilidade em ascensão na época.

No ano de 1685 foi publicado um tratado na Bahia que recebeu a denominação de **A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia**, a qual, na visão de alguns estudiosos, pode ser considerada a primeira obra escrita no Brasil que abarca temas como infância e educação

para crianças e jovens, orientando para a educação inaciana, a partir de seu autor, o padre jesuíta Alexandre Gusmão, o qual para a maior parte dos estudiosos, pode ser considerado o primeiro pedagogo brasileiro, do Brasil Colonial (FERNANDES, 1995).

Nesse sentido, a noção de educação está relacionada às normas definidas pela civilidade, pois busca incutir uma percepção de criação e mudança, que são elementos da própria civilidade, voltando-se para crianças que estavam em processo de crescimento e, portanto, deveriam apreender valores ainda neste período de vida. Essa remodulação era como se fosse uma espécie de difusão do autocontrole que as pessoas deveriam ter, apurando seus hábitos para modificá-los para melhor, em prol dos bons costumes, como orientava a Companhia de Jesus.

Nesse contexto, fica claro que a Companhia de Jesus buscava também alcançar o ideal educativo e civilizacional. Destaca-se que a Companhia surgiu num período em que a Europa possuía impérios vislumbrados e prestigiados, nascendo na Capela de Nossa Senhora, em Montmartre, na cidade de Paris, no ano de 1534 (LACOUTURE, 1994).

No ano de 1539, homens reuniram-se e fizeram uma peregrinação por Espanha e Veneza, fundando, então, a Companhia de Jesus ou *Societatis Iesu*. Em 1540, o Papa Paulo III tornou oficial a Sociedade como Ordem eclesiástica através da bula *Regimini Militantis Ecclesiae*. Posteriormente, em 1550, a bula *Exposcit Debitum*, do Papa Júlio III, aprovou a *Formula Instituti da Societatis Iesu*, ratificando a Companhia de Jesus como Ordem missionária (STAROBINSKI, 2001).

Nessa ótica, foi no período de importantes mudanças econômicas, políticas e socioculturais ocorridas no século XVI que a Companhia de Jesus se firmou como principal representante da Igreja Católica, orientados por Inácio de Loyola, implementando combate, inclusive, aos partidários da Reforma Protestante, enfrentamento esse feito com ajuda do Concílio de Trento¹ e da Inquisição (REVEL, 2009).

¹O Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563, foi um Conselho religioso que teve como tópicos de discussão o Protestantismo e a Reforma da Igreja Católica, tendo sido presidido pelo Papa Paulo III e visava, principalmente, a disciplina eclesiástica e repudiar a Reforma Protestante, emitindo para tanto, decretos disciplinares, especificando, inclusive, os sete sacramentos. Foi o mais longo da Igreja Católica, mas, tinha em seu escopo, elementos de cunho político, que não evidenciados (LIMA, 2012).

Historicamente, são considerados os fundadores da Companhia de Jesus: Jean Lacouture, Inácio de Loyola, Afonso Salmeron, Diogo Laines, Francisco Xavier, Nicolau Babdilha, Pedro Fabro e Simão Rodrigues, os quais receberam uma educação filosófico-literária, objetivando de forma evidente, barrar a contrarreforma. Nessa ótica, a Companhia de Jesus, através de seus representantes principais, adequava-se aos preceitos humanistas, nos quais o poder era indissociável do conhecimento, havendo uma reforma ligada não só aos costumes, mas a interpretações ligadas aos conceitos dos princípios morais, éticos e cristãos (LACOUTURE, 1994).

A seguir será dado destaque à metodologia utilizada pela pedagogia jesuítica, denominada *Ratio Studiorum*, revelando as práticas e métodos utilizados para o alcance da aprendizagem sob os preceitos da Igreja Católica.

1.4 *Ratio Studiorum*: Uma metodologia

Este subitem destaca o *Ratio Studiorum* que se define como uma pedagogia jesuítica baseada em orientações metodológicas contidas no *Ratio Studiorum*, que se traduz no método jesuítico de aprendizagem. Esta metodologia tem como foco principal formar caminhos que favoreçam a aquisição do ensino científico da época quinhentista, cuja metodologia consiste nas formas que os pedagogos jesuítas elaboraram para atingir o objetivo do *Ratio Studiorum*, na sua prática educacional e preservação da religiosidade do contexto dominante dos preceitos europeus da época.

Sobre o *Ratio Studiorum* propriamente, o estudioso Adilson Roberto Correr, no seu estudo intitulado **A filosofia na *Ratio Studiorum*** esclarece que o objetivo maior desse manual pedagógico era:

Formar no aluno o cristão virtuoso e, concomitantemente, o cidadão humanista; encaminhá-lo para a realização da plenitude da presença do divino na ação humana; conduzir à Maior Glória De Deus. Caminhos na rigidez e flexibilidade das instruções disciplinares; nas normas e liberdade, tradição e progresso; criação de processos didáticos para a transmissão do conhecimento, do *docere*, que diz, ao discere, que escuta, mas que se torna também *docere* na sua vivência acadêmica dos estímulos pedagógicos, tanto como formando nas respostas, como formado nas suas ações. A forma que melhor expressa alcance do “tudo”, no lema metodológico: “tudo para o aluno e o aluno para Deus” (2006, p. 45).

Esta metodologia entendia, assim, no mundo quinhentista, o aluno, como ser completo para a ação apostólica, missionária, o ser cristão e preparado intelectualmente, para exercer suas funções cotidianas do pensar e agir diante do mundo.

A *Ratio Studiorum* manifesta-se como um dos mais detalhados manuais que traduz o desempenho dos jesuítas aos ordenamentos morais, religiosos e cívicos, que descrevia a postura dos membros dos integrantes dos colégios da Companhia de Jesus, quais sejam: professores e alunos.

Este manual tinha o intento de organizar em um só documento, normas que ordenavam as instituições de ensino de forma padronizada e uniforme, a todos os pertencentes aos colégios da Companhia de Jesus. A *Ratio Studiorum* é o principal suporte para o trabalho dos jesuítas, que organizavam o currículo escolar, o qual deveria ser seguido por todos, no intuito de contribuir para o progresso social, visto que para eles, a verdade tinha que prevalecer e a verdade, segundo eles, era aquela descrita por este documento.

Na visão dos jesuítas, somente a instrução adequada e conduzida pela *Ratio Studiorum* era o meio eficaz de salvar as pessoas. Na visão dos jesuítas, a verdade transmitida por este documento era a verdade absoluta, pois era a transmitida por Deus e o único meio de se alcançar o plano divino. Quem não atendia aos preceitos da *Ratio Studiorum*, na visão dos jesuítas e do próprio ordenamento, não era digno de salvação.

Nesse contexto, a *Ratio Studiorum* ordenava que somente os reinos fiéis a Deus e ao seu templo poderiam ser legítimos como tal. Por isso, todos os ensinamentos eram voltados para a fé cristã e descritos neste documento, inclusive, aspectos como o poder político, os valores sociais e demais elementos dos mais variados atributos apenas poderiam ser explicados em conformidade com a *Ratio*. Assim, as vivências, a cultura, o legado social, tudo deveria estar ligado às instruções deste manual, sob pena de não serem reconhecidos.

Na visão de Costa (2009), foi na década de 40 no início do século XVI que a Companhia começou a ganhar notoriedade e reafirmação de suas instruções, visto que as experiências iniciais sobre educação, em especial, no que concerne a fundação de colégios com educação jesuítica começaram a serem reconhecidas, em primeira instância, na formação de futuros jesuítas e, posteriormente, na instrução de alunos da comunidade externa à Companhia, o que é importante destacar, já que é nesse entorno que os jesuítas começam a fundar pelo Brasil colégios como o Diocesano, em Teresina-PI.

Ressalta-se que foi no ano de 1548, na Sicília, que se deu a fundação do primeiro colégio jesuíta, denominado Colégio Messina, o qual tinha como principais características a organização e a sistematização no modelo de aprendizagem, o ensino voltado para a Pedagogia Inaciana, com elementos clássicos e, ao mesmo tempo, com métodos repetitivos e interrogativos (FRANCA, 1952).

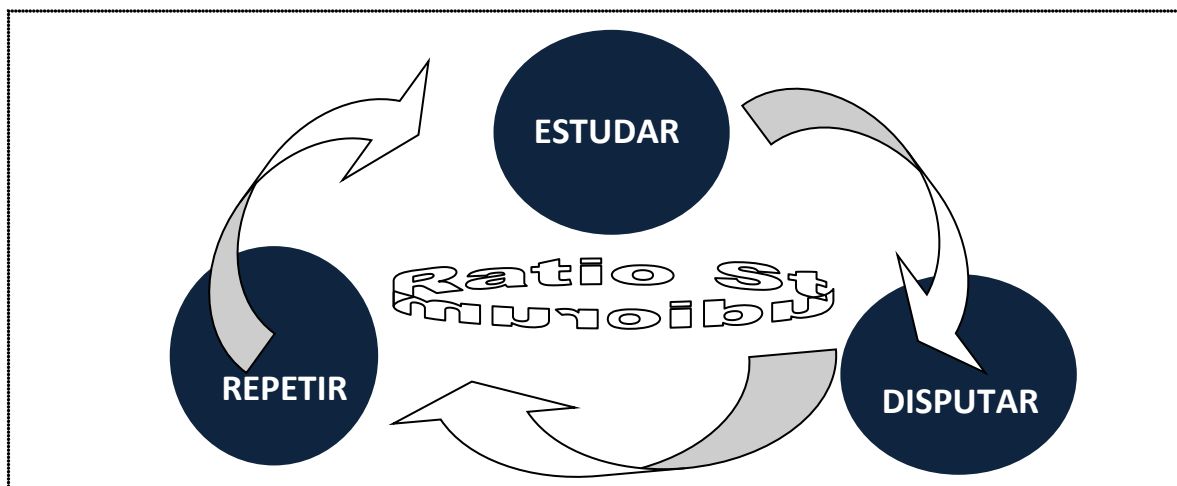
Segundo este autor, este colégio é pioneiro não somente por ser o primeiro apresentado à sociedade com o modelo jesuíta, mas, também por ter utilizado, pela primeira vez no contexto escolar, o *modus parisiensis*, método de ensino que prezava o tradicionalismo e o rigor na uniformização do ensino dos professores, culminando na criação do primeiro esboço da *Ratio Studiorum*, haja vista que Loiola, seu idealizador, começou a perceber a necessidade que as instituições fundadas pela Companhia de Jesus tinham de se manterem de forma organizada.

Contudo, somente em 1599, a *Ratio Studiorum* foi lançada oficialmente, revestida por um documento pedagógico de cunho educacional que ganhou notoriedade, tornando-se um dos mais conhecidos da história da humanidade. Entretanto, deste primeiro esboço até o documento oficial que depois fora publicado passaram-se quase cinquenta anos, visto que seus criadores passaram por momentos de experiências, pois acreditavam que a prática norteava a teoria e a sustentava no sentido pedagógico. Dessa forma, foram sendo feitas avaliações e tentativas para que se alcançasse um modo de descrição da educação jesuítica.

Na visão de Franca (1952), a *Ratio Studiorum* não pode ser considerada uma teoria, tratado, método ou sistema, mas possui um conceito muito mais ampliado, voltado para a finalidade da Companhia de Jesus de promover uma educação cristã, de cunho ético, religioso e moral, sendo, portanto, mais uma carta sobre estes ensinamentos. Contudo, há autores que discordam dessa linha de pensamento, como Costa (2009), por exemplo, que observa a *Ratio* como um documento descritivo de cunho pedagógico, envolvendo os valores prescritos pelos jesuítas, possuindo, por outro lado, teor de ordenamento, visto que os jesuítas e seus alunos eram obrigados a segui-la, mesmo que por questões ideológicas.

Nessa ótica, esboçamos o método definido pela *Ratio Studiorum* no seguinte trinômio, definido por Costa (2009):

Diagrama 2: Trinômio do método da *Ratio Studiorum*



Fonte: Própria autora. 2016.

Inferimos que o trinômio: estudar, repetir e disputar, citado por alguns autores, dentre os quais Costa (2009), consiste na base da *Ratio Studiorum*, que tem a proposta desafiadora na prática pedagógica como ponto crucial do processo de ensino e aprendizagem, que se caracteriza pelo tradicionalismo que entende a educação como um processo evangelizador. Na *Ratio*, as instruções serviam como instrumento na formação de pessoas responsáveis, os padres jesuítas, que assumiam funções diferenciadas, voltadas para a catequização.

Na visão de Hansen (2001), a *Ratio Studiorum* se relaciona com outras publicações de literatura social, quando expressa que o referido documento consiste em um conjunto de normas definidoras de saberes que serviam como fonte de informação e de ensinamentos que deveriam ser absorvidos. Para o autor, a regulamentação alcançava planos ainda maiores, visto que se consagrou como um conjunto de práticas que permitiam que as pessoas não apenas aprendessem, mas, principalmente, incorporassem comportamentos e práticas para a vida em sociedade. Isso é perceptível pela própria constituição do vocábulo, derivado do termo latino *ratio*, o qual se refere à razão, plano ou regra e *institutio*, que quer dizer modo, forma de fazer, conforme já informado neste estudo.

Quando Inácio de Loyola definiu o plano de estudos imprimido na *Ratio*, fez questão de fazê-lo com base em outras Constituições da Companhia de Jesus, no sentido de complementá-las (FRANCA, 1952). Baseado nestas Constituições foi que, desde 1547, que os jesuítas guardavam informações sobre a catequese e o ensino nas missões até ali implementadas. Assim, a partir de comparações de vivências nas missões, era que a

Companhia passou a ter noção de como deveria formular a *Ratio*, adaptando para tanto, os métodos às circunstâncias exigidas pelas situações encontradas, pautando-se nisso para definir as regras (FRANCA, 1952).

Miranda (2009) afirma que os jesuítas expressavam o que tinha de mais significativo em renovação escolar, por isso, consagraram-se como representantes legítimos da Igreja Católica que, objetivava, dentre outras finalidades, responder à altura aos anseios de escolas protestantes que tentavam se firmar como instituições de ensino, ao mesmo tempo em que ancoravam a Reforma Cristã, exigida pela sociedade.

1.5 Mudanças no percurso de um método

Segundo Fernando Guidini, *et al* (2009), o processo de ensino-aprendizagem na congregação jesuíta deixa de lado pressupostos conservadores e adota a pedagogia Inaciana, que exige do professor um novo modo de entender a relação com o conhecimento, por meio da ideia da participação do aluno no processo do conhecimento, ou seja, por meio da reflexão da descoberta.

Mas, não foi fácil o estabelecimento dos pressupostos educacionais jesuíticos no Estado, considerando que a população estava instalada em grandes fazendas, cujo acesso em bem difícil. Ainda nos termos mencionados por Guidini,

[...] a pedagogia Inaciana é fundada em valores, como: cooperação, solidariedade e consciência crítica, oportunizada por meio de constante exercício reflexivo e problematizador sobre a realidade objeto de conhecimento, que personaliza a aprendizagem, motivando e envolvendo os alunos de forma crítica e ativa no processo de ensino e de aprendizagem (2009, p. 2357).

Na visão de Ferro (1996), essa mudança de metodologia orientada pela educação jesuítica no Brasil é seguida e aplicada ao Colégio São Francisco de Sales – Diocesano, que perdura até os dias atuais. Muito pouco se sabe ou se escreveu sobre o destino da Companhia de Jesus após sua expulsão do Brasil por Marquês de Pombal, contudo, sua influência e

marcas na educação brasileira ficaram marcadas nos mais diversos estados brasileiros, dentre eles, o Piauí.

A mudança do percurso proposta pela *Ratio Studiorum* em relação a outras pedagogias de ensino e nisto centra-se seu sucesso está na forma de ensinar cada matéria, na participação dos professores, a escrita através de regras e a distribuição de prêmios, focada em normas e com níveis de ensino voltados para a Academia, incluindo no currículo cinco disciplinas que é a base do ordenamento, tais como: humanidades, retórica, gramática superior, gramática média e gramática inferior, incluindo no processo de formação Filosofia e Teologia, considerados pelos idealizadores do método como estudos superiores.

Assim, por conta do método humanístico, as normas da *Ratio Studiorum* ganharam repercussão na Europa, disseminando-se em vários colégios, ultrapassando as barreiras da Companhia de Jesus. Na visão de Miranda, o programa possui um método original, conforme expõe a autora, ao enfatizar que:

[...] por um lado, no fato de ele se destinar simultaneamente à formação de religiosos e de leigos; por outro lado, no fato de ele incluir, além da filosofia e da teologia, o estudo sistemático das humanidades: as línguas e a literatura, a retórica, a história, o teatro... Esse foi certamente o maior distintivo da proposta pedagógica da Companhia de Jesus. (2009, p. 27).

Nessa ótica, infere-se que, conforme a autora, ao combinar várias disciplinas, já que no contexto das humanidades consistiam língua, literatura, poesia e história, além de retórica e lógica, também os estudos da matemática, geografia, filosofia e ciências naturais permitiram que a *Ratio* se disseminasse, ganhando notoriedade e respaldo, pois envolvia o desenvolvimento moral aliado ao científico, o que permitia ao homem se preparar para agir para o bem comum. Seguindo este pensamento, Miranda prossegue afirmando que,

a pedagogia da *Ratio* pretende que o educando, a partir da sua liberdade, desenvolva ao máximo, de modo harmônico e segundo uma hierarquia de valores, as suas disposições espirituais e as suas faculdades mentais, volitivas e afetivas, de acordo com a sua verdadeira natureza e destino (2009, p. 41).

Dessa forma, a *Ratio* obteve sucesso e se espalhou por todo o mundo, consagrada pela Pedagogia Inaciana que permitia levar a todos o conhecimento intelectual, mas também o Evangelho Cristão, foco do método da Companhia de Jesus.

A seguir, o próximo subitem discorre sobre a presença dos jesuítas no Piauí, dando destaque a pontos importantes para a educação no Estado, com enfoque ao contexto histórico, suas contribuições para o ensino e o retorno da Companhia para o Piauí, para cumprir sua missão evangelizadora, enfatizando o Colégio Diocesano, objeto deste estudo.

1.6 A Presença dos Jesuítas no Piauí

Este subitem faz uma abordagem da presença dos jesuítas no Piauí, realizando a contextualização histórica destes no estado, bem como descrevendo as contribuições dos jesuítas para a educação piauiense, dando ênfase ao Colégio São Francisco de Sales, o Diocesano, objeto desta investigação, delineando, para tanto, sua trajetória e o modelo pedagógico adotado pela referida escola, além de enfatizar a formação crítico-reflexiva de seus alunos.

1.6.1 Contextualização histórica da presença dos jesuítas no Piauí

A direção do colégio São Francisco de Sales – Diocesano passou às mãos da Companhia de Jesus no início da década de 1960 e que até 1964 houve um investimento de 5,93%, beneficiando assim, a educação nessa instituição. Além desse incentivo financeiro, outros vieram provenientes do governo federal com a criação do Plano Nacional de Educação (PNE), estabelecendo-se que, pelo menos, 12% dos impostos federais arrecadados seriam destinados à educação. Este plano, além do financiamento público, traçou metas como a melhoria da qualidade da educação e seu acesso que se estenderia por um período de oito anos, conforme os estudos “Sociedade, Educação e Currículo no Brasil dos jesuítas dos anos de 1980” de Solange Aparecida Zotti (2004).

Ferro (1996) destaca que devido ao Golpe Militar de 1964 e os acontecimentos políticos decorrentes, o plano de financiamento educacional foi abortado. Este golpe marcou o Brasil devido aos confrontos entre grupos políticos, problemas econômicos, manifestações populares e movimentos estudantis, dentre outros. É nesse contexto turbulento que o Colégio

São Francisco de Sales – Diocesano, surge em Teresina, uma cidade à época com população em torno de 142 mil habitantes, conforme dados obtidos no estudo denominado **Sonhos e pesadelos dos moradores da periferia de Teresina nas décadas de 1960 e 1970** de Francisco Alcides do Nascimento (2009) e também no documento **Dinâmica Populacional** da Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação do Município de Teresina – SEMPLAN (2014), que cita como fonte **Censos Demográficos e População Estimada** - IBGE.

Vale ressaltar que o Golpe Militar e todos os acontecimentos dele decorrentes, afetaram todo o território brasileiro, e é claro, o Piauí. É nesse contexto que a educação foi fortemente atingida, visto que a maioria dos projetos educacionais brasileiros advinha da iniciativa estatal.

Assim, Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil no período compreendido entre 1956 a 1961, impulsionou a indústria brasileira, sendo responsável pela construção da capital brasileira, Brasília, o que trouxe gastos para o país já que quando deixou a presidência, a inflação estava muito elevada, a dívida externa altíssima e um sistema de educação, além de elitista, antidemocrático.

Tobias (1986) explica que devido ao cenário político, social e econômico, os governos que vieram depois de Juscelino Kubitschek, obrigatoriamente tiveram que incluir em sua agenda, uma política de controle fiscal e orçamentário, o que trouxe redução de acesso ao crédito, congelamento de salários, política anti-inflacionária e aumento da exportação para equilibrar o déficit da balança de pagamentos, bem como uma política externa de distanciamento dos Estados Unidos e uma aproximação dos países socialistas, com a intenção de expandir os mercados consumidores para os produtos brasileiros.

Em conformidade com o que disse Zotti (2004) na composição aproximada desse cenário político, sabe-se que o presidente Juscelino Kubitschek incentivou a aproximação dos empresários brasileiros com o capital estrangeiro, o que resultou em desastre para o país, acentuando a concentração de renda e a consequente diminuição do poder aquisitivo, uma vez que o reajuste salarial era inferior à inflação da época. Como informa a autora, isso mostra que o

[...] setor agrícola fica relegado a segundo plano e ocorre um agravamento do processo inflacionário e concessão de privilégios ao setor internacional, originando

uma desnacionalização econômica, com aprofundamento da dependência econômica. (ZOTTI, 2004, p. 97).

Ainda segundo Tobias (1986), a partir do cenário delineado pela Ditadura Militar dos anos 60, o presidente Juscelino Kubitschek conhecido como desenvolvimentista deixa o poder e Jânio Quadros assume seu posto. Jânio Quadros governou o Brasil por alguns meses, renunciou ao cargo, logo assumindo o seu vice, João Goulart, chamado por todos de “Jango”. Este último optou pelo plano de permanecer com o modelo político nacional-desenvolvimentista, no entanto, modificou a orientação econômica, através de reformas de base e com a adoção de uma bandeira "nacionalista de desenvolvimento". O período era oportuno para que outras propostas de orientação econômico-financeira fossem feitas, tais como a reforma do sistema tributário, agrário, do sistema bancário, eleitoral e, por fim, a reforma universitária, cujas medidas adotadas pelo presidente eram apoiadas pela população que vislumbrava com a aprovação destas.

Jango, o então presidente do Brasil, conforme diz Octávio Ianni (1971), governou em tempos de muitas ambiguidades, manifestações sociais, uma vez que o presidente desta fase,

traz consigo todos os compromissos e ambiguidades da política de massas. Governa sempre sob as várias pressões que caracterizam a história do populismo. [...] Assim, os anos de 1962-64 são anos de crises políticas sucessivas, no âmbito de uma crise geral do poder burguês: tanto quanto da economia nacional. Esta situação de crise se aprofunda ainda mais com os debates sobre as reformas de base. Diante de uma nova sociedade estimulada aos seus direitos, incita-se a luta de classes, com a crescente participação e organização dos trabalhadores, tanto rurais como urbanos. Foram aos poucos surgindo mobilização, reuniões com liderança dos bairros, assembleias, a presença das ligas camponesas e de inúmeros sindicatos que passaram a se conscientizar da importância de se organizarem para uma causa que favorecesse a todo (IANNI, 1971, p.209).

É neste cenário histórico-político em que se encontrava o Brasil que os padres italianos e outros aportaram no Piauí, iniciando no Diocesano uma educação jesuíta cujo valor de excelência que traziam era primado pela construção do homem que se pautava nos preceitos religiosos cristãos. Então, Teresina tornou-se cenário de mais uma escola que tinha sob o comando o estilo jesuíta de ensinar, os quais trouxeram em sua proposta de educação: formação moral, método de ensino e de estudo, disciplina, organização, religiosidade e também os costumes, aspectos esses baseados nos moldes europeus orientados para o Brasil.

Teresina, idealizada para ser a capital do Piauí, está situada a 72m acima do nível do mar, sendo a única capital nordestina que não dispõe de litoral. Carrega consigo a característica de ter sido a primeira capital do Brasil a ter sua construção planejada, o que ocorreu durante o reinado de D. Pedro II. É uma das capitais mais quentes do país e considerada a maior cidade do nordeste fora do litoral.

Amparo Ferro (1996) explica que Teresina, cujo vocábulo advém do diminutivo de Teresa, em italiano, recebeu este nome em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina, esposa de D. Pedro II. O termo fora escolhido pelo Conselheiro Saraiva o qual teria o intuito de homenagear a Imperatriz por ser ela favorável à criação e transferência da capital da Província do Piauí junto ao Imperador, sendo conhecida também como Cidade Verde, por ter muitas árvores e uma vegetação adaptável ao ambiente e clima tropical.

Na década de 1960, em Teresina, conforme explicita o mesmo autor, já havia instituição escolar pública e particular de renome, dentre eles, o Liceu Piauiense que à época era colégio de destaque no Estado. Os professores da referida escola eram bem formados, tinham compromisso de manter um ensino de qualidade e respeitar o ano letivo a qualquer custo. Concluíram os estudos naquela instituição, alunos que aprenderam a escrever bem, com boas informações de cultura geral e na área das ciências exatas. Tendo um ensino de qualidade, seus alunos foram posteriormente: advogados, engenheiros, médicos, professores e exerceram funções compatíveis com a sua formação. O Colégio de religiosas de maior destaque era o Sagrado Coração de Jesus, fundado por uma freira italiana, Savina Petrilli. Seu padrão de ensino era também moldado na influência europeia, baseado no ensino das artes, música e seguia religiosamente o currículo exigido pelo MEC.

Não se pode afirmar que o Colégio São Francisco de Sales não era uma escola de caráter confessional, mas, considerando-se que a aula de religião era curricular, ou seja, uma matéria como qualquer outra, não havia aquele sentido de catequese ou de tentar impedir que alunos de outras religiões estudassem no estabelecimento. No conjunto das peculiaridades e perfil da instituição jesuíta naquele contexto político dos anos da ditadura militar, até professores comunistas lá ministraram aulas, pois o lema da companhia era "Educar para a beleza da paz", demonstrando uma posição isenta de atitudes radicais em meio àquela realidade conturbada.

1.6.2 Contribuições dos Jesuítas para a educação no Piauí

No contexto piauiense, os padres Francisco Pinto e Luís Figueira foram os precursores da evangelização. No entanto, fracassaram nesta missão. No ano de 1656, fundou-se a Missão de São Francisco Xavier e, a partir desta, foi possível realizar a catequização no território piauiense. Nesse mesmo período, os padres Pedro Pedrosa e Antonio Ribeiro, em viagem por terras maranhenses, de modo específico na Serra da Ibiapaba, encontraram os índios Tremembé, os quais, à época eram muito temidos, habitantes da região do Delta do Parnaíba. Posteriormente, o padre Antônio Vieira juntamente com o Padre Gonçalo de Veras, que também percorreram esta mesma região (LOPES, 2016).

Frequentaram ainda o sul do Piauí os padres Felipe Burel, alemão, na companhia do padre Miguel de Carvalho, quando chegaram em Parnaguá, reunindo-se em 1694, com a comunidade local. Outro padre que percorreu muitas fazendas da capitania piauiense foi Gabriel Malagrida, percorrendo desde a Vila da Mocha, Aroazes, Surubim, Barras até chegar em Piracuruca, fundando nesta um seminário objetivando educar os filhos dos fazendeiros locais (LOPES, 2016).

Assim, vários sacerdotes frequentaram o estado desde muito cedo, sempre buscando atender às comunidades que viviam ao redor das grandes fazendas, percorrendo paróquias, fundando-as, muitas vezes, visando difundir a fé, através do incentivo aos fazendeiros para construção de templos de oração ou reformas de suas igrejas.

No ano de 1711, na Bahia, Domingos Afonso Mafrense morreu, deixando um testamento com uma fortuna expressiva para os jesuítas, notícia que se espalhou, chegando aos ouvidos do Marquês de Pombal, inimigo dos jesuítas, que viu na fortuna deixada nos estados do Piauí, Maranhão e Pará uma solução para acabar com a crise econômica que o reino enfrentava, chegando a simular um atentado ao rei e responsabilizando a Companhia, aproveitando a oportunidade para se vingar dos jesuítas, expulsando-os das terras portuguesas, aproveitando para confiscar todos os seus bens (LOPES, 2016).

Em 1759, os jesuítas que viviam no Piauí foram presos e enviados à Bahia, sendo obrigados a se juntarem aos demais que lá já se encontravam, sendo todos expulsos das terras brasileiras.

Posteriormente, o retorno dos jesuítas ao Piauí foi decisivo para que a educação proposta pela Companhia ganhasse êxito, contribuindo de forma essencial para o contexto histórico, político e social da formação social que descreve o ensino proposto pela Igreja Católica. Nessa ótica, buscamos descrever de modo breve os delineamentos da volta dos jesuítas ao Estado e suas consequências para a educação piauiense.

1.6.2.1 O retorno dos jesuítas ao Piauí

O retorno dos jesuítas ao Piauí se deu na década de 60, sendo o Colégio Diocesano um dos principais atores nesse processo e, assim, torna-se elemento de discussão neste item. No sentido de melhor compreender este processo, voltamos ao ano de 1909, no qual a Igreja Católica realiza ações visando ampliar-se nos espaços educacionais, em que o Colégio Diocesano se insere como uma nova proposta de educação, tendo o público masculino como destaque (PAIVA, 2007).

Desde o fim do século XIX que o Piauí almejava a criação de uma Diocese, pois se encontrava ligado à Diocese de Pernambuco e do Maranhão. Para Melo (1993), a proposição no que se refere à criação da Diocese do Piauí, em 1822, veio sendo reforçada desde este período em vários momentos históricos, fortalecida pelos ideais do Pe. Joaquim de Oliveira Lopes, em 1897. Nesse sentido, elaborou-se uma estratégia de união entre clero e elite política teresinense, visando à criação da Diocese. No ano de 1899, foi criada a Comissão Central Pró-Bispado do Piauí, que envolveu paróquia e imprensa objetivando também esta união. Mas, foi o Papa Leão XIII que outorgou a Bula *Supremum Catholicam Ecclesia regendi munus*, em 1901, consolidando a criação da Diocese na cidade de Teresina, cujo Decreto de execução, assinado em 1903, legitima, finalmente, a instalação da Diocese no ano de 1906 (CARVALHO JÚNIOR, 1980; MELO, 1993).

Na visão de Pinheiro (2001), a implementação da Diocese, além da chegada do bispo a Teresina, para os católicos, era visto como pontos de progressão moral e religiosa, a partir dos quais a cidade tinha muito a ganhar, visto que isso possibilitava o combate às doutrinas subversivas que pudessem ser oposição aos bons costumes da sociedade local.

A Diocese serviria como elemento de reforço nas atividades educativas da Igreja Católica, ratificadas em Teresina pela implantação do Colégio Diocesano, cujo público era masculino e do Colégio Sagrado Coração de Jesus, que se voltava para o público feminino, inaugurados em 1906. (LOPES, 2016).

Assim, foi o bispo D. Joaquim Antonio de Almeida, o primeiro da Diocese piauiense, que criou o Colégio Diocesano. No ano de 1907, o Jornal O Apóstolo anunciara o funcionamento do Colégio Diocesano, o qual, por ser privado, possuía uma clientela bastante específica e elitizada. Contudo, havia uma aula para meninos de origem pobre, cujo anúncio também no mesmo jornal apresentava os seguintes dizeres: “[...] ensino gratuito, ministrado aos deserdados da fortuna, é um meio poderosíssimo de combater o analfabetismo, ainda tão em voga entre nós” (O APÓSTOLO, 1907, p. 1, *apud* LOPES, 2016, p. 287). O Colégio funcionou até 1914, só tendo suas atividades retomadas no ano de 1960, quando os jesuítas voltaram ao Piauí e passaram a dirigir a escola.

Dessa forma, a escola absorveu uma nova identidade, de caráter assumidamente, jesuítico. Sobre essa nova fase do Colégio Diocesano, Melo (1993) informa que: “[...] passados exatamente dois séculos que os Jesuítas tinham sido expulsos do Piauí, Dom Avelar conseguiu que eles tornassem ao nosso convívio, e lhes entregou a nobre tarefa da educação de nossa juventude” (MELO, 1993, p. 82 *apud* LOPES, 2016, p. 287). Dom Avelar era o então bispo da Diocese e viu na chegada dos jesuítas um novo caminho para a educação no Estado.

Em solenidade oficial ocorrida no dia 13 de março de 1960 o Colégio Diocesano foi entregue aos jesuítas, os quais passaram a se responsabilizar pela direção, como também se tornaram proprietários da escola (LOPES, 2016).

1.6.2.2 A educação no Piauí e a missão evangelizadora dos jesuítas

Na visão de Odilon Nunes (1975), o perfil dos colégios jesuítas da América Latina, em particular do Brasil, e mais especificamente do Piauí, no caso, o Colégio São Francisco de Sales, o Diocesano, pode ser extraído dos próprios documentos da Companhia de Jesus e da

Igreja Católica definindo assim como uma entidade apostólico-educativa no intuito de formar cidadãos para atuarem junto à sociedade.

Esta missão evangelizadora, como já aventado, notadamente oriunda de uma vinculação com a vocação educacional da Companhia na sua existência institucional em Teresina-PI, também teve como proposta de ação e efetiva prática, a formação integral do seu alunado, trilhando em direção a uma concepção integral do homem, conforme diz o texto transcrito do **Projeto Educativo da Província do Brasil Centro-Leste da Companhia de Jesus** (1998):

A finalidade de nossos colégios, a sua razão de ser, é uma só: contribuir para a missão evangelizadora da Igreja por formação integral das crianças, adolescentes e dos jovens que nos são confiados, à luz de uma concepção cristã da pessoa humana e da sociedade em cujo meio as pessoas deverão conviver, trabalhar, ajudar-se mutuamente, respeitar-se e amar-se.

A concepção de formação integral no modo de pensar dos jesuítas alcança e abrange aos vários aspectos do ser humano, desde as questões relacionadas ao corpo em seus vários sistemas, passando pelo ângulo emocional, até chegar aos níveis mais sutis da existência, que dizem respeito ao espírito.

Na composição do espaço físico para atender às demandas propostas pela concepção integral do ensino, o Colégio se instalou em estrutura e espaços amplos, com áreas de circulação integradas a ambientes específicos para as práticas de experiências em pesquisa científica com laboratório apropriado, espaço adequado para as práticas de esporte, ambientes comuns para recreação, dentre muitos outros, inclusive uma capela para os momentos de dedicação à experiência religiosa Cristã, integrante da concepção do ensino integral.

Com vistas a documentar o modelo de estrutura escolar adotado para efetivar as atividades propostas pelo projeto inaciano, anexou-se como Figura 6 – Anexo I, uma fotografia do arquivo pessoal do padre Florêncio Lecchi, S.J., professor de química do Colégio Diocesano, que idealizou e implantou o primeiro laboratório de química em ambiente escolar na cidade de Teresina². (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

²Informações obtidas em conversas informais com diversos professores e antigos alunos do colégio e a partir de consulta ao arquivo do Colégio Diocesano.

À custa de muita organização, disciplinas e método que a Companhia de Jesus iniciou as suas atividades pedagógicas. Era uma maneira diferente de abordar o conteúdo, de ver o aluno e educá-lo. Muitas foram as atividades incluídas no currículo para que os alunos pudessem participar efetivamente e com êxito de uma construção identitária educacional. Segundo depoimentos de ex-alunos e servidores da instituição, foram construídos novos espaços para esportes como: vôlei, basquete, dentre outros, a programação habitual de um cine-clubes sob a responsabilidade do padre Moisés Fumagali, incentivo à cultura popular e o primeiro laboratório de química da cidade criado por padre Florêncio. A presença dos vários italianos nesse colégio foi um diferencial que aguçou a curiosidade dos alunos para a história da arte da Europa³ (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

A instituição jesuíta iniciou suas atividades escolares e surgiu com uma metodologia diferente, tendo em vista que o aluno passou a ter a sua autonomia de aprendizagem. O professor passou a exercer o papel de orientador, ou seja, aquele que explica o conteúdo, com o objetivo de fazer com que o aluno procure todo o conhecimento possível a respeito do que fora ministrado, por isto, mesmo nas avaliações a cobrança era maior do que o ensinado em sala de aula. Quanto à avaliação sistemática, os jesuítas adotam modelo de provas que requerem o aprendizado de mais conteúdos do que foi ensinado em sala de aula, porque assim, segundo eles, o professor incentivava o desenvolvimento intelectual do aluno. Daí dizer-se que o aluno jesuíta tem autonomia de pensamento, fato este que o modelo jesuíta propõe com o objetivo de favorecer o discente durante o decorrer de sua vida.

No Colégio São Francisco de Sales, a religião não era o ensino do catolicismo. Esta disciplina era, muitas vezes, o ensino das virtudes do ser católico, ser cristão, por meio de textos. No ensino da língua portuguesa, eram rotinas e atividade rigorosa os exercícios de fichamento dos livros em sala de aula, tarefa que exigia a leitura prévia dos clássicos. Havia, também, cobrança da interpretação dos clássicos sem consultas aos livros. Nas ciências exatas, como a matemática, dava-se mais ênfase em exercícios de alta complexidade. Os professores se colocavam mais como consultores. No ensino da Química, disciplina que era lecionada também por um sacerdote, padre Florêncio, seguia o raciocínio da ciência pura e aplicada, enquanto os outros colégios tendiam a ensinar mais conteúdos.

³Informações obtidas em conversas informais com diversos professores e antigos alunos do colégio e a partir de consulta ao arquivo do Colégio Diocesano.

Neste aspecto, a afirmativa também tem validade para biologia, a matéria que era mais desenvolvida em sala de aula. No ensino da língua inglesa, seguia-se o padrão da metodologia da época, focado na tradução da gramática, sem qualquer desenvolvimento da habilidade de conversação. Os trabalhos em grupo eram solicitados com o objetivo de promover uma maior interação entre alunos. Quanto às atividades esportivas, eram organizados campeonatos internos e até mesmo entre escolas convidadas. Quanto ao conhecimento cívico, faziam parte do currículo, lições de civismo e também as celebrações das festas cristãs, cívicas e as comemorações de cunho popular como a festa junina (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

O resultado da experiência do modelo jesuíta observado na formação dos ex-alunos dessa instituição de ensino é baseado em estudos feitos ao longo dos anos em toda a rede da Companhia de Jesus. São pessoas de iniciativa, independentes, que sabem trabalhar em grupo, de raciocínio imediato e com uma notória liderança. Aqui mesmo no Piauí têm ex-alunos que ocupam setores-chaves da administração pública, industrial, lideranças políticas, governadores, prefeitos, deputados, senadores, médicos, engenheiros, dentre outros. Outros, muitas vezes, por serem de origem humilde, galgaram profissões de menor destaque, muito também pelo fato de não terem concluído faculdade e não conseguiram o mesmo sucesso financeiro, mas é perceptível que ficou em cada um desses estudantes, os princípios e fundamentos Inacianos do que é ser humano em sua integralidade.

Ainda nessa época, por volta dos anos 60, os chamados "padres professores", que eram os jesuítas chegados a Teresina, foram lecionar na Faculdade de Filosofia. Colaboraram muito nessa faculdade que se situava ao lado do prédio do colégio Diocesano. Formaram professores que tiveram a oportunidade de ter uma visão diferente dos jesuítas educadores e evangelizadores (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

Sabe-se, a partir de muitas menções em livros históricos e até mesmo em livros didáticos, que as missões em tempos coloniais eram verdadeiras escolas onde jesuítas aprendiam a língua e a cultura dos índios e ensinavam a língua portuguesa e a cultura europeia. Quando se diz que as missões jesuíticas eram "verdadeiras escolas", não se diz a respeito de escolas formais, que eram casas com paredes, mas, na perspectiva de que eram locais onde o aprender se dava nas relações de convivência do dia a dia e da didática simpática, cristã e amorosa peculiar dos jesuítas. As canções, os poemas e o teatro fizeram parte dessa pedagogia que ainda hoje é inspiradora para o universo dos educadores; e todas as modificações que as novas pedagogias, ao que transparecem os resultados constantemente

divulgados pela mídia e estatísticas propõem, só conseguiram resultados ruins, tanto internamente quanto nas estatísticas mundiais. Ao se analisarem os índices da educação ocidental só se encontram números em decadência em todas as áreas tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, Brasil e restante das Américas (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

O Colégio Diocesano colaborou de maneira definitiva para a formação de várias gerações. O testemunho desta liderança – que se faz pela presença nas mais diversas funções dos poderes constituídos - pode ser vista nos cargos de destaque que os ex-alunos ocuparam e ocupam até hoje no estado do Piauí.

Entretanto, ainda em conformidade com os dados colhidos junto ao COLÉGIO DIOCESANO (2015), na atual conjuntura em que se consagrou comum um posicionamento que se baseia em conceitos ditos como “politicamente corretos”, percebe-se que há infiltração de pessoas na Companhia de Jesus que se comportam como líderes comunitários a serviço ou a mandado de outros poderes, movimentos e ideologias. Conforme os modelos propostos pela Companhia de Jesus, o jesuíta de verdade é resistente e heroicamente persistente. Ao que transparece ao domínio público, conhecimento e sabedoria não pertencem mais à totalidade da ordem dos jesuítas e savinianas.

A partir desta breve descrição das contribuições dos jesuítas para a educação no Piauí é que se construiu o próximo subitem, destacando o Colégio São Francisco de Sales e sua trajetória, instituição de ensino que historicamente construiu um legado em termos de metodologia cristão, respaldada nos valores morais e éticos, bem como pelos ensinamentos religiosos condizentes com a pedagogia jesuítica advinda da Companhia de Jesus, uma vez que é este o principal objeto desta investigação.

1.6.2.3 O Colégio São Francisco de Sales e sua trajetória

Ao se abordar o Colégio São Francisco de Sales – Diocesano, na cidade de Teresina-PI, como instituição educacional objeto desta pesquisa, intenta-se resgatar informações indispensáveis de natureza histórica às quais se teve acesso conforme dados publicados pelo próprio *site* do referido Colégio. Nesse contexto, elementos oriundos dessa fonte, mostram que:

A existência deste colégio é decorrente de um contexto na história da educação no Piauí, quando o 1º Bispo, Dom Joaquim Antônio D’Almeida resolveu fundar o Colégio e Seminário Diocesano. A Instituição iniciou suas atividades num prédio alugado, que se situava na atual Praça Saraiva, no centro da cidade de Teresina. A primeira Diretoria era composta pelo Reitor Pe. Bianor Emílio Aranha, pelo Vice-Reitor Pe. Ernesto Vasconcelos e pelo Diretor Espiritual Pe. Clarindo Lopes Ribeiro, funcionando durante um curto período do dia 25 de março de 1906 até o ano de 1914. Esta fase transcorreu sob a total gestão da Diocese de Teresina (2015).

Este primeiro período de funcionamento foi interrompido em virtude da escassez de recursos e outras inúmeras dificuldades. Assim, o Colégio foi fechado no governo do 2º Bispo, Dom Otaviano Pereira de Albuquerque. As instalações físicas da instituição passaram, então, a ser a residência do Bispo, que concluiu a obra e colocou seu brasão episcopal na fachada, sob orientação do Engenheiro João Faustino. Consta da fonte virtual oferecida pelo Colégio em estudo, que foi Dom Otaviano quem cedeu o prédio ao Colégio Diocesano e posteriormente, Dom Severino Vieira de Melo assumiu como o 3º Bispo do Piauí, no dia 23 de fevereiro de 1924. O Colégio foi reaberto, no mês de fevereiro do ano de 1925, tendo seu nome modificado para Colégio São Francisco de Sales. Àquela época, oferecia aos educandos estudos escolares nas modalidades de regime de internato, semi-internato e externato (COLÉGIO DIOCESANO, 2015). Dessa forma, vê-se que nas décadas de 1930 e 1940 consolidaram-se as atividades do Colégio:

Em 1931, a primeira turma chegava à conclusão do Curso Ginásial. Em 1932 recebeu Inspeção Preliminar, em 1945 Inspeção Permanente, através do Decreto nº 18.295 de 5 de abril. No ano de 1945, foram instalados os Cursos Científico e Clássico. No começo dos anos 40, um grupo de alunos, com o objetivo de criar um espaço de comunicação articulação entre os mesmos, fundou a revista Gente Nova, e, em 1945, foi iniciada a veiculação do jornal Gente Nova – órgão do Grêmio Littero – Musical “Monsenhor Constantino Bozon”, que tinha como diretor José de Ribamar Pacheco. Por fim, em 1946, foi instalada a Escola Técnica de Comércio, que formou a primeira turma de contabilistas em 1951 (2015).

Até meados de 1959, o colégio funcionou como Diocesano e seu último diretor foi o Pe. Deusdedit Craveiro, que naquele ano encerrou as atividades do regime de internato e semi-internato. A título de composição do cenário, nessa época, o fardamento usado pelos alunos era em estilo militar, com calça com uma ou duas listras paralelas nas pernas, para alunos do regime interno ou semi-interno. Todavia, como os colégios da cidade de Teresina mudaram suas fardas, Pe. Deusdedit aderiu ao movimento e adotou farda cáqui e blusa branca de mangas curtas, mantendo, mesmo assim, semelhança com a vestimenta dos militares, sempre muito respeitada.

A título de memória histórica, tem-se na Figura 7 – Anexo I, uma foto de alunos fardados, que se encontra disponível no site do colégio e que oferece uma ideia de como a identidade do aluno jesuíta era construída de forma cuidadosa no sentido de promover um destaque desse alunado em meio à sociedade (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

O primeiro diretor leigo, Prof. Bernardo Lopes de Sousa, esteve à frente do colégio durante o período que constou de outubro de 1959 ao início de 1960. Essa foi a administração que de fato marcou o período de transição para a chegada dos Padres Jesuítas, que aconteceu em 1960.

Atualmente, ou seja, no período do desenvolvimento deste estudo, entre 2015 e 2016, o Colégio conta com equipe técnica e um corpo docente reconhecidamente atuantes e diversificados. Seu diretor geral é o religioso Ir. Raimundo Barros. A instituição congrega corpo discente perfazendo o universo de 2.552 alunos, visando responder às demandas da educação atual no Piauí, contando com as seguintes áreas de formação: Ensino Fundamental, Médio, Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos, cujo Projeto Educacional continua inspirado na Pedagogia Inaciana e nos princípios educacionais da Companhia de Jesus.

De modo geral, o tema sobre a educação jesuíta se impõe pela relevância histórica, bem como pela utilidade prática que se possa extrair da análise da atuação dos Jesuítas na esfera da educação, pois o conhecimento da experiência educacional dessa instituição no país pode contribuir para aclarar problemas frequentes com os quais os governantes e educadores se deparam, na formulação de projetos educacionais. (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

Propõe-se que quaisquer estudos que propiciem a uma visão geral do desenvolvimento das instituições educacionais do país, em especial, de uma instituição como a Companhia de Jesus, poderão contribuir para facilitar aos estudiosos a compreensão do desenvolvimento de planos educacionais nos moldes atuais. Entende-se que a experiência jesuítica no Brasil, em se tratando das suas práticas como educadores profissionais, é sempre uma fonte de conhecimento para melhor entender as dificuldades atuais vivenciadas pela educação brasileira.

Não cabe, nesta pesquisa, a análise global da influência dos jesuítas na educação brasileira, o que seria proposta de estudo abrangente e complexa. Esta proposta, que ora se apresenta, consiste em registrar e buscar uma análise específica sobre a influência que o colégio jesuíta da cidade de Teresina exerceu na educação de gerações de pessoas que se

integraram na sociedade teresinense durante décadas e ali, talvez, tenham deixado legado de experiências, tendo como pano de fundo e ponto de partida da análise a técnica educacional desenvolvida pela Companhia de Jesus. Sob este enfoque que o próximo subitem destacará a formação crítico-reflexiva do aluno jesuíta como cidadão, a partir de elementos históricos que permeia tal discussão.

1.6.2.4. A formação crítico-reflexiva do aluno do Diocesano

É impossível tratar da questão educacional no Brasil sem se reportar às marcas contributivas impressas pelos jesuítas que vieram para o Piauí e deram início à educação formal.

Por um longo tempo da história da pátria brasileira, os Jesuítas monopolizaram o sistema educacional brasileiro. Porém, na história recente do Brasil, os métodos educacionais se diversificaram sobremaneira, espalhando-se pelas mãos de diversos setores da sociedade, refletindo a heterogeneidade crescente da população brasileira resultante de fluxos migratórios. Não obstante esse fato, se não monopolizam mais como outrora, os jesuítas mantêm uma posição de preeminência nos quadros de excelência da educação brasileira.

Atualmente, sabe-se que a educação jesuíta sobreviveu às mudanças desenfreadas que transformaram o país em algo complexo, demandando novas soluções para desafios não vistos antes, cuja característica também consiste em uma marca da educação jesuíta.

Assim, por exemplo, correntes pedagógicas, a par de leis modificadoras do sistema educacional, vão surgindo, substituindo umas às outras, trazendo transformações várias para o pensamento e a prática da educação. Quando se lê a expressão “Igualdade de Direitos” na Constituição da República Federativa do Brasil, supõe-se que factualmente haja condições concretas de nivelamento sociocultural entre os cidadãos, para que assim essa igualdade constitucional, normativa, não se transfigure em uma desigualdade concreta, cuja configuração no meio social acarreta um distanciamento dos ideais desta Carta Magna em termos do acesso à cidadania. *A priori*, não há outro instrumento efetivo como forma de nivelar as camadas sociais, senão pelo sistema educacional que seja efetivo e acessível a todos (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

Mas, se poderia questionar o que isso teria em relação ao tema deste trabalho acadêmico, o que certamente, viria como resposta o fato de que ao se pensar na instituição escolar, acadêmica, é-se remetido a dois grandes parâmetros: instruir e educar, conjunto básico para tão discutida cidadania. Assim, vem à tona uma tônica extremamente presente na educação jesuítica: a formação da personalidade do ser humano, evidentemente modificável e adaptável no transcurso do desenvolvimento total das potencialidades do aluno. As potencialidades a serem desenvolvidas no homem têm como centro propulsor os esquemas mentais dos quais partem a cognição e organização processual da elaboração das relações sociais, ensaiadas no ambiente escolar. Nesse processo, são perpassadas linhas e entrelinhas nas quais, entende-se que caminham os procedimentos relativos ao aprendizado inserido no contexto social.

Reitera-se, por oportuno, que então se adentra neste estudo, em pensamentos e práticas religiosas. Atenta-se sim, para o cuidado que a educação acadêmica deve ter com seus discentes ao desenvolver o seu processo de ensino-aprendizagem, oportunizando-lhes horizontes que lhes permitam acesso e oportunidade de crescimento pessoal para além das ementas das disciplinas (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

Concebe-se que o homem não é mero instrumento de repetição e reprodução de aprendizagens padronizadas, pois, além disto, ele é, principalmente, um ser caracterizado por suas múltiplas “faces” e que deve estar apto a exercê-las com intelectualidade humana em atitude de ampliação e desenvolvimento, isto é, obedecendo às potencialidades com vistas ao alcance das mais altas metas de aprendizagem possíveis ao ser humano. Neste raciocínio, compreende-se e propõe-se que seja passível de constatação a importância da educação jesuíta.

Neste estudo, a educação acadêmica desenvolvida no Colégio São Francisco de Sales, o Diocesano, que está permeada pelos vínculos deixados pela prática educacional introduzida no Brasil pelos jesuítas. A assertiva se assenta em observações e relatos, ressaltando a consciência de que as práticas pedagógicas ali efetivadas englobaram as modificações apresentadas pelas diversas correntes pedagógicas que têm surgido ao longo do tempo e, claro, a Legislação Educacional Brasileira e que se centrarão no próximo subitem.

O diferencial, pelo conjunto dos dados observados, é um princípio que prima pelo não distanciamento dos princípios que norteiam a ação humana, tanto no trato social como nas

reflexões individuais. Ou seja, para os jesuítas, o processo de instruir e educar persegue a compreensão intelectual que seja orientada para o direcionamento profissional, porém, sem nunca abrir mão do inerente ao homem, especialmente quanto à formação do seu caráter, um dos grandes focos da educação jesuítica (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

Concebe-se que a educação proposta pelos jesuítas vai além do saber acadêmico sendo, portanto, ainda mais completa, pois contempla a formação da pessoa humana como um ser que é capaz de se posicionar dentro da sociedade da qual faz parte e pode de forma autônoma tomar atitudes que possam ser julgadas como consensualmente corretas nas diferentes situações que se depare. Na formação humanizada da proposta jesuítica é sempre oportunizada aos alunos a possibilidade de total autonomia tanto no saber acadêmico como social, tendo em vista que essa pedagogia tem como preocupação central a contribuição da formação da pessoa humana tendo em vista uma visão sistematizada de mundo, uma visão que as pessoas podem ter de si próprios e da sociedade.

A formação da identidade dos discentes dos colégios jesuítas é bastante enfatizada, haja vista que a constituição do caráter, dos valores morais e éticos é bastante difundida pela instituição, pois é a partir da inserção e ensinamentos morais e a disponibilidade para reflexão acerca das atitudes realizadas no contexto social, que o aluno aprende a perceber as entrelinhas dos costumes, valores e ética imposta pelo contexto sócio-histórico da qual faz parte.

Nos acervos históricos e documentais pesquisados, pode-se depreender que a formação do cidadão para os colégios jesuítas é baseada na experiência, na reflexão, na ação e avaliação que tem em vista um começo e nunca um fim, pois permite que todos de forma dinâmica e contínua possam sempre realizar inferências acerca das novas experiências que surgem e que ainda estão por surgir de maneira consciente, reais, com autonomia, vinculadas sempre ao contexto humanizado e social. Tais experiências são fruto da força de um ensino laico, embora ministrado em escola religiosa, que garante ao estudante o discernimento necessário para distinguir a realidade separando a ciência da fé. É de se ressaltar, no entanto, que ambas as esferas mencionadas nem sempre se excluem e como prova documental dessa afirmativa disso pode ser encontrada, tem-se na **Carta Encíclica *Fides et Ratio*** de João Paulo II, documento em que o pontífice afirma que fé e razão são como as duas asas de uma mesma ave que, dessa forma, não se excluem e sim se complementam (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

A educação oferecida pela Companhia de Jesus nos Colégios, embora imersa em contradições, revela seu empenho em estimular o ser humano a desenvolver-se como imagem de Deus proposta da metodologia jesuítica e a comprometer-se a ajudar os outros a atingir a mesma meta. O perfil dos colégios jesuítas da América Latina, em particular do Brasil, e mais especificamente do Piauí, no caso, o Colégio São Francisco de Sales, o Diocesano, pode ser extraído dos próprios documentos da Companhia de Jesus e da Igreja Católica definindo, assim, como uma entidade apostólico-educativa no intuito de formar cidadãos para atuarem junto à sociedade (COLÉGIO DIOCESANO, 2015).

Ainda segundo dados históricos oferecidos publicamente na página virtual do Colégio Diocesano (2015), disponível na internet, esta missão evangelizadora como já dita, que nasceu vinculada à vocação educacional da Companhia de Jesus na sua existência institucional em Teresina-PI, também teve como proposta de ação e efetiva prática, a formação integral de crianças, adolescentes e jovens à luz de uma concepção cristã da pessoa humana e da sociedade.

A formação integral na concepção jesuítica atinge às várias dimensões da pessoa humana: inteligência, memória, vontade e afetividade, sem esquecer, em suma, a inter-relação entre corpo e espírito. É a partir dessa premissa, que o próximo Capítulo discorre acerca dos procedimentos metodológicos utilizados para este estudo, no sentido de ampliar as discussões sobre as contribuições dos jesuítas para a educação no Piauí, a partir de uma análise voltada para o Colégio Diocesano.

CAPÍTULO II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo visa descrever os procedimentos metodológicos utilizados para este estudo, enfocando o tipo de pesquisa, o universo de estudo, os sujeitos envolvidos na pesquisa, os instrumentos e procedimentos utilizados para realização desta investigação. No desenvolvimento dos itens, são dadas informações sobre os procedimentos adotados para a apresentação, análise e avaliação dos dados obtidos no decorrer do estudo. Essas informações são abordadas no terceiro capítulo.

2.1 Tipo de Pesquisa

Como fundamentação foi feita pesquisa bibliográfica buscando-se as fontes existentes no próprio Colégio Diocesano, como biblioteca, jornais arquivados ao longo dos anos, também pesquisa documental, fotografias e todo e qualquer documento que atenda aos requisitos desta pesquisa.

Foi adotada a pesquisa qualitativa com o propósito de fazer um cruzamento de conclusões e procedimentos investigativos. Enquanto estratégia metodológica para análise e organização dos dados foi utilizado o uso do método dialético. Opta-se por este método por “seu valor ao estudar questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças” (GOLDEMBERG, 2002, p. 63). O método dialético serve para compreender o fenômeno estudado a partir de uma visão pormenorizada de sujeitos participantes (GIL, 2002). Neste sentido, buscar-se-á de forma ampla a investigação, explicação e compreensão do objeto, que no caso se trata da influência da educação dos Jesuítas no Colégio S. Francisco de Sales (Diocesano), em Teresina-PI.

Neste sentido, são valiosas também as discussões de Minayo, pois para a autora “na pesquisa qualitativa, a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial” (2006, p. 63). No estudo confrontarei os autores, as diferentes concepções e opiniões à luz das

diferentes abordagens científicas. Portanto, para a autora este tipo de pesquisa constitui-se em um recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação (MINAYO, 2006).

A pesquisa se desenvolveu de forma complementar em dois espaços – campo (empírico): no primeiro, o Colégio Diocesano de Teresina, localizado na Praça Saraiva na cidade de Teresina-PI, para analisar possíveis impactos causados em indivíduos pela educação jesuítica. No segundo espaço desta pesquisa buscou-se também desenvolvê-la por meio de inquérito em que foram usados questionários com perguntas abertas e fechadas, aplicadas ao universo de entrevistados com algum vínculo ao colégio, no tempo atual ou no passado.

2.2 Universo

O universo da pesquisa é o Colégio São Francisco de Sales, mais conhecido como Colégio Diocesano e, conforme já descrito no item 1.6.2.3, teve seu surgimento em Teresina-PI, marcado na data de 25 de março de 1906, sendo, neste período, de responsabilidade da Arquidiocese de Teresina.

Atualmente, encontra-se em prédio próprio localizado na Praça Saraiva, tendo como diretor o religioso Ir. Raimundo Barros, possuindo 2.552 alunos que tem uma educação jesuítica, voltada para o ensino intelectual e religioso ao mesmo tempo, primando pelos valores morais, éticos, de cidadania e respeito, pautados na Pedagogia Inaciana.

2.3 Sujeitos

No sentido de melhor apresentar os dados coletados, este subitem destaca os sujeitos selecionados para este estudo. A seleção foi realizada por meio de convite e os participantes foram divididos em três categorias, a saber: professores, alunos e ex-alunos do Colégio Diocesano, os quais, a partir do questionário aplicado, apresentaram o perfil descrito no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Perfil dos participantes do estudo

SUJEITOS	GÊNERO		ESCOLARIDADE						TOTAL
	Masculino	Feminino	Fundamental	Médio	Graduado	Especialista	Mestre	Doutor	
PROFESSORES	9	1	-	-	1	6	2	1	10
ALUNOS	5	3	2	6	-	-	-	-	8
EX – ALUNOS	7	4	-	-	3	4	2	2	11
TOTAL	21	8	2	6	4	10	4	3	29
	29		29						

Fonte: Própria autora. 2016.

Os dados do Quadro 1 revelam que a maioria dos participantes professores é do gênero masculino, com escolaridade predominante do ensino superior, sendo que destes: 1 (um) é graduado; 6 (seis) são especialistas; 2 (dois) são mestres e; 1 (um) possui o título de doutor.

Do total de 29 (vinte e nove) participantes, 10 (dez) são professores do Colégio Diocesano; 8 (oito) são alunos e; 11 (onze) são ex-alunos.

2.4 Instrumentos

Como instrumento de obtenção dos dados foram elaborados questionários semiestruturados para coleta de informações (Apêndices A, B e C), o qual segundo Gil (1999), é pertinente quando se busca conhecer a visão de um determinado público sobre determinado

fenômeno investigativo. Inicialmente, o questionário circulou no Colégio Diocesano de Teresina com a autorização dos diretores da escola, sendo entregue nos serviços administrativos que o distribuiu na escola, junto aos alunos e professores. Os questionários auxiliaram as entrevistas com os sujeitos participantes, no sentido de entender seus posicionamentos no que concerne a história do Colégio São Francisco de Sales, tendo em vista que possuem uma visão privilegiada do ponto de vista de conhecimento sobre o tema abordado no presente trabalho.

O questionário semiestruturado aplicado aos professores é o Apêndice B deste estudo, composto por 10 (dez) questionamentos com perguntas abertas e fechadas. O Apêndice C consiste no questionário composto por 13 (treze) questões e foi aplicado com os ex-alunos do Colégio Diocesano. Já o Apêndice D é um questionário composto também por 13 (treze) questões aplicado junto aos alunos que, atualmente, estudam no referido Colégio. O questionário aplicado com os professores é mais diferenciado daqueles aplicados com alunos e ex-alunos, considerando que esta categoria possui características específicas da profissão e, assim, tiveram que responder a perguntas um pouco distintas, mas que também se voltam para os objetivos de estudo.

Em relação aos ex-alunos, foi dada prioridade àqueles que são conhecidos dos diretores da escola e que tinham contato mais próximo com estes, facilitando o estudo. Assim, seus contatos foram repassados e procedido o convite a estes no sentido de viabilizar a entrega do questionário, que foi feita pessoalmente.

Considerando os objetivos da pesquisa, os dados foram recolhidos através de questionários, constituídos por:

- Questões de caracterização (idade, gênero, escolaridade);
- Questões fechadas e abertas sobre o colégio Diocesano e a educação, pedagogia jesuíta.

Assim, uma vez identificados esses sujeitos, foi realizada pesquisa qualitativa tendo por base o referido questionário, que não se deu de modo engessado e tratou de questões atinentes à história do Colégio em questão. Também serviram como instrumento de coleta de dados fontes escritas em arquivos dos jesuítas, textos, livros e DVDs.

Dentre os teóricos que fundamentaram os procedimentos desta fase do estudo, adotou-se o que diz Mirian Goldenberg, no seu livro **A arte de pesquisar**, especialmente quando defende que:

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um *cruzamento* de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Ele não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, pode aplicar questionários, pode investigar diferentes questões em diferentes ocasiões, pode utilizar fontes documentais e dados estatísticos. [...] A pesquisa qualitativa é útil para identificar conceitos e variáveis relevantes de situações que podem ser estudadas quantitativamente. [...] Os métodos qualitativos e quantitativos, nesta perspectiva, deixam de ser percebidos como opostos para serem vistos como complementares (2013, p. 62-63).

Aliado a esse pensamento em perspectiva, o momento da entrevista foi apoiado na perspectiva de Gil, o qual a define como “Uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (1999, p. 117).

Esta perspectiva ajudou em todo o processo de aplicação das entrevistas, seguido da busca de interpretação e análise dos elementos fornecidos pelos entrevistados. Foi a entrevista que serviu de ponte em minha busca de interação tanto com o Colégio, como com os alunos e ex-alunos. A partir das discussões de Gil (1999), a análise sobre a relevância da relação educação *versus* educação jesuítica foi aprofundada.

Vale ressaltar que o momento da entrevista oral deu-se, individualmente, com os convidados, com vistas à obtenção de uma visão panorâmica do conjunto de estudantes e professores entrevistados. As questões estiveram voltadas à percepção do modo de ver o processo educativo e os resultados obtidos com o método, tanto pelos alunos quanto pelos professores. As questões não lhes foram mostradas por escrito, e buscou-se entabular conversas dentro de um ambiente de informalidade. Os dados obtidos nas entrevistas orais foram confirmativos e corroborados pelos dados apresentados por escrito.

2.5. Procedimentos

Considerando os objetivos da pesquisa, procedeu-se à descrição de informações concernentes ao estudo a todos os grupos, viabilizando conhecimento dos participantes em relação aos objetivos de estudo. Nesse sentido, foram dadas as seguintes informações:

- É uma pesquisa sobre a educação jesuíta,
- Todas as respostas são confidenciais,
- Toda e qualquer resposta é importante, não existindo boas ou más respostas.
- Responder ao questionário é voluntário, e quem não sentisse vontade de responder entregaria o questionário em branco.

As respostas foram categorizadas e quantificadas em Quadros formatados no Word 2010, arrolados em porcentagens conforme os questionamentos mais frequentes entre cada categoria. Assim, foi feito um mapeamento de todas as respostas para cada categoria, selecionando-se as mais utilizadas e que eram semelhantes entre os integrantes de cada uma. A partir desta seleção, foram levantados os quantitativos em porcentagens, permitindo uma melhor visualização do conteúdo absorvido pela pesquisa.

Desta feita, todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Apêndice A, em anexo, no qual foram esclarecidos os objetivos e o tipo de estudo, ficando claro a todos que era facultada sua participação e que sua desistência poderia se dar em qualquer momento. Dessa forma, atende-se aos preceitos éticos definidos pelo Conselho de Ética Nacional, o qual prescreve que em pesquisas envolvendo seres humanos é necessária a assinatura deste Termo, preservando sempre o anonimato dos participantes.

Os dados coletados foram categorizados, sistematizados e expostos, para efeito de explanação, em tabelas que atenderam aos objetivos de investigação.

A seguir, são apresentados os instrumentais de pesquisa e os procedimentos realizados para sua execução, no sentido de alcançar os objetivos propostos para este estudo.

2.6. Análise de conteúdo

A análise dos dados se deu conforme as três categorias dos sujeitos inqueridos apresentadas neste estudo: professores, alunos e ex-alunos, descrevendo-se, inicialmente, as falas dos participantes e, posteriormente, dando a elas o embasamento teórico que a sustentam como pesquisa científica, ampliando a conversação entre os autores partícipes deste estudo que o sustentaram teoricamente com os dados coletados.

De modo geral, as respostas dos participantes do estudo foram limitadas aos questionamentos feitos. Mas, atenderam à proposta de investigação e aos objetivos da pesquisa. Desse modo, na construção das categorias foram seguidas três regras básicas preceituadas por variados autores da área de pesquisa científica e que devem nortear as respostas obtidas, dentre eles Gil (1999), conforme seguem:

- a) EXAUSTIVIDADE - todas as respostas significativas devem ser classificadas;
- b) HOMOGENEIDADE – todos os indicadores de uma mesma categoria devem ter um referente comum;
- c) EXCLUSIVIDADE – um mesmo referente não deve ser classificado em mais de uma categoria.

Seguidamente se procedeu a uma condensação do código analítico reagrupando as categorias com um núcleo de significado comum.

O Quadro 32 se refere a uma suma categórica das respostas mais frequentes entre as três categorias: professores, ex-alunos e alunos, no sentido de resumir em um único espaço a visão geral dos participantes do estudo no que diz respeito à educação jesuítica presente no Colégio Diocesano.

Nessa ótica, segue o Capítulo III, o qual discorre sobre a apresentação, análise e discussão dos dados, enfatizando as informações coletadas corroboradas em conformidade com a teoria que permitiu dar ao estudo o teor científico que este requer.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo visa descrever a análise e discussão dos dados coletados durante a pesquisa, em conformidade com os objetivos de estudo, verificando-se alguns elementos presentes ou não nas informações coletadas, quais sejam: a) a referência à Companhia de Jesus; b) a pedagogia inaciana e; c) os ensinamentos em conformidade com a *Ratio Studiorum*.

3.1. Resultados

Os resultados foram padronizados conforme as indagações propostas no questionário para cada categoria, apresentados em Quadros numerados conforme a sequência no trabalho, possibilitando melhor visualização dos dados pesquisados, permitindo uma abordagem qualitativa e quantitativa.

Segundo Gil (1998), “a abordagem qualiquantitativa permite ao pesquisador se aprofundar no fenômeno pesquisado, quantificando dados que confirmam a realidade apreendida em números” (GIL, 1998, p. 34). Este tipo de abordagem é interligada ao método dialético, o qual, ainda segundo este autor, uma abordagem discursiva dos dados coletados.

3.2. Análises e Discussões

Este subitem apresenta as análises e discussões dos resultados, a partir dos dados coletados por categoria: professor, alunos e ex-alunos. Esta categorização contribui para a explanação dos conteúdos, facilitando a compreensão das informações coletadas, dinamizando as reflexões acerca do conteúdo abordado.

3.2.1 Da visão dos professores sobre a presença da educação jesuítica no Colégio Diocesano

Este subitem destaca a visão dos professores sobre a presença da educação jesuítica no Colégio Diocesano, visto ser importante no sentido de atingir os objetivos propostos para este estudo.

Assim, quando questionados sobre a qualidade da educação jesuítica no Colégio Diocesano, os professores responderam o exposto no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2: Visão dos professores sobre a educação jesuítica praticada no Diocesano

Pergunta: Em sua opinião, a educação jesuítica praticada no Diocesano é?	
Professor	Respostas
Professor 1	Razoável
Professor 2	Muito boa
Professor 3	Boa
Professor 4	Boa
Professor 5	Boa
Professor 6	Boa
Professor 7	Boa
Professor 8	Muito boa
Professor 9	Razoável
Professor 10	Muito boa

Fonte: Própria autora, 2016.

*As respostas foram sintetizadas naquelas mais mencionadas pelos professores para efeito de análise, visto a semelhança entre algumas delas.

Considerando a importância da educação jesuítica para o Colégio Diocesano, verificamos que os professores, em sua maioria, a percebem como boa, isto é, os professores que lecionam diariamente no colégio sentem que transmitem os valores e os princípios da educação jesuíta, bem como o que o Colégio representa em Teresina, a partir de uma educação aplicada pelos princípios da Pedagogia Inaciana. Alguns dos professores responderam que é muito boa a educação jesuítica ofertada pelo Colégio Diocesano e um número reduzido informou que é razoável. Portanto, as respostas se apresentaram positivas, ratificando os preceitos definidos pelo Colégio Diocesano de Teresina em relação à educação jesuítica. Os itens do questionário que se referem à: normal e ruim não foram mencionados por nenhum professor.

Inferimos que o Colégio Diocesano privilegia a percepção da educação jesuíta que remete para uma construção humanista, focada em princípios éticos e espirituais. Dessa mesma forma pensa Klein (1997), tendo em vista que segundo o autor, a educação jesuítica prima pela qualidade e não pela quantidade, baseando-se nos valores éticos e morais exigidos pela *Ratio Studiorum* e pela Companhia de Jesus.

Desse modo, o próximo questionamento se refere à aproximação entre a aproximação entre o modo de educar proposto pelos jesuítas e o que é praticado no Diocesano, conforme se verifica a seguir:

Quadro 3: Aproximação entre o modo de educar proposto pelos jesuítas e o que é praticado no Diocesano

Pergunta: Há, em sua opinião, aproximação entre o modo de educar proposto pelos jesuítas e o que é praticado no Diocesano?	
Professor	Respostas
Professor 1	Sim
Professor 2	Sim
Professor 3	Sim

Professor 4	Sim
Professor 5	Sim
Professor 6	Sim
Professor 7	Sim
Professor 8	Sim
Professor 9	Sim
Professor 10	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

Percebemos pelas respostas que todos os professores responderam de forma positiva, já que, na visão deles, há sim, aproximação entre o modo de educar proposto pelos jesuítas e o que é praticado no Diocesano.

Ao justificar suas respostas, os professores informaram que:

Professor 1: A pedagogia inaciana que norteia a base jesuítica é aplicada em sala de aula.

Professor 2: Além da formação acadêmica, há a formação religiosa com a doutrina inaciana.

Professor 3: A diferença educativa é sempre inscrita na tradição que se volta para a formação de pessoas conscientes e competentes, compassivas e comprometidas.

Professor 4: Os alunos são orientados a práticas e ações para com os abandonados.

Professor 5: Sim, porque os alunos absorvem a teoria e aplicam-na.

Professor 6: Porque seguimos em sala de aula.

Professor 7: Porque os preceitos são seguidos e reforçados aos alunos.

Professor 8: Porque a doutrina contribui para a prática relacionada à pedagogia.

Professor 9: Porque eles têm formação religiosa.

Professor 10: Porque os alunos que procuram a instituição são católicos e seguem os preceitos.

Verificamos que a Pedagogia Inaciana orienta a educação jesuítica e que esta está presente na educação do Colégio Diocesano, orientada para a tradição e formação de pessoas com valores referentes à consciência e o compromisso social, em conformidade com os preceitos da Companhia de Jesus, norteados pela *Ratio Studiorum* (MARTINS, 2009).

No próximo questionamento, foi indagado aos professores se eles consideram que o Diocesano representa a educação jesuítica no Piauí, obtendo-se as seguintes respostas:

Quadro 4: Se o professor considera que o Diocesano representa a educação jesuítica no Piauí

Pergunta: Você considera que o Diocesano representação a educação jesuítica no Piauí?	
Professor	Respostas
Professor 1	Sim
Professor 2	Sim
Professor 3	Sim
Professor 4	Sim
Professor 5	Sim
Professor 6	Sim
Professor 7	Sim
Professor 8	Sim
Professor 9	Sim

Professor 10	Sim
--------------	-----

Fonte: Própria autora. 2016.

Inferimos que todos os professores responderam de forma positiva, tendo em vista que a totalidade dos participantes desta categoria afirmaram que consideram que o Diocesano representa a educação jesuítica no Piauí.

A próxima indagação questiona se, na visão dos professores, um aluno que estuda no Diocesano vai receber uma educação do modo que preconizam os jesuítas, obtendo-se as respostas a seguir:

Quadro 5: Se um aluno que estuda no Diocesano vai receber uma educação do modo que preconizam os jesuítas

Pergunta: Um aluno que estuda ou estudou no Diocesano vai receber uma educação do modo que preconizam os jesuítas?	
Professor	Respostas
Professor 1	Sim
Professor 2	Sim
Professor 3	Sim
Professor 4	Sim
Professor 5	Sim
Professor 6	Sim
Professor 7	Sim
Professor 8	Sim

Professor 9	Sim
Professor 10	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

Pelas respostas dos professores, é possível inferir que todos eles acreditam que um aluno que estuda no Diocesano receberá a educação preconizada pelos jesuítas, o que deve ser visto como ponto positivo, haja vista que demonstra que os docentes acreditam que o Colégio resgata a educação repassada pelos ensinamentos da Companhia de Jesus.

Quando justificaram suas respostas sobre este questionamento, os professores disseram que:

Professor 1: Há um zelo maior pela formação humana.

Professor 2: Formação religiosa com intenção de amar e servir.

Professor 3: Relativizando as condições culturais postas pelo tempo, lugar...

Professor 4: Porque uma marca da educação jesuítica é a humanização dos educandos.

Professor 5: Com certeza porque é para a educação jesuítica que se voltam os ensinamentos do Diocesano.

Professor 6: Porque é nela que o Colégio se baseia.

Professor 7: Porque a educação jesuítica é a base dos ensinamentos do colégio.

Professor 8: Porque há o intento de servir ao próximo.

Professor 9: Porque as orientações se voltam para isso.

Professor 10: Porque a educação jesuítica é a base dos ensinamentos do Diocesano.

Pelo exposto nas justificativas apresentadas, percebemos que, em geral, os professores entendem que a educação jesuítica é alcançada no Diocesano porque eles se pautam na

formação humana e religiosa, ou seja, centrada na humanização, que é um princípio básico da Pedagogia Inaciana, indicado por Klein (1997) e Franca (1952).

Sobre o próximo questionamento, foi perguntado aos professores quais as influências educativas trazidas pelos jesuítas para o Brasil que podem ser observadas no Diocesano, obtendo-se as seguintes respostas:

Quadro 6: Influências educativas trazidas pelos jesuítas para o Brasil observadas no Colégio Diocesano

Pergunta: Quais as influências educativas trazidas pelos jesuítas que podem ser observadas no Colégio Diocesano?	
Professor	Respostas
Professor 1	Ética e valor cristão
Professor 2	Valores humanos
Professor 3	Disciplina
Professor 4	A preocupação com as diversas dimensões do ser humano: acadêmica, espiritual, etc.
Professor 5	Religiosidade e valores humanos
Professor 6	Disciplina, dedicação
Professor 7	Disciplina
Professor 8	Dedicação e planejamento
Professor 9	Planejamento, busca pela “mágu”, religiosidade
Professor 10	Disciplina

Fonte: Própria autora. 2016.

A maior parte dos professores se referiu às influências trazidas pelos jesuítas para o Brasil, observadas no Colégio Diocesano, como a disciplina e a dedicação; alguns destacaram a ética e o valor cristão como as influências verificadas no Colégio; outros mencionaram a preocupação com as dimensões do ser humano: acadêmica, espiritual e religiosa.

Reiteramos que o termo “*mágu*” utilizado pelo professor refere-se à palavra magia, que etimologicamente advém do persa *magus* ou *magi*, o que quer dizer sábio, em português. No Brasil, este termo surgiu com a Companhia de Jesus, indicando uma espécie de religiosidade com origem sacerdotal da sociedade de magos na antiga Persia, como também pode ser verificado na Bíblia como os magos, homens sábios que visitaram Jesus (BOTELHO, 2010). Apenas um professor fez uso deste vocábulo, ressaltando o planejamento e a religiosidade como as principais influências.

Em seguida, questionou-se aos professores se enquanto docente do Diocesano, ele recebe alguma orientação de como deve ensinar, verificando-se as seguintes respostas:

Quadro 7: Enquanto docente do Diocesano, o professor recebe alguma orientação de como deve ensinar

Pergunta: Enquanto docente do Diocesano, recebe alguma orientação de como deve ensinar?	
Professor	Respostas
Professor 1	Sim
Professor 2	Sim
Professor 3	Sim
Professor 4	Sim
Professor 5	Sim
Professor 6	Sim
Professor 7	Sim

Professor 8	Sim
Professor 9	Sim
Professor 10	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

Constatamos que todos os professores da amostra desta categoria informam que receberam algum tipo de orientação de como deve ensinar, sendo que, conforme suas justificativas, observamos que todos são orientados pela Pedagogia Inaciana, conforme se verifica, a seguir, em suas respostas que foram justificadas.

Ao justificarem suas respostas sobre este questionamento, os professores destacaram que:

Professor 1 e 5: Planejamento, ter discernimento.

Professor 2: Atualização e reciclagem pedagógica.

Professor 3: Formação permanente: especializações com orientações variadas; retiro espiritual.

Professor 4 e 6: Postura profissional que reflete nas práticas pedagógicas inacianas.

Professor 7 e 9: Orientação sobre as práticas pedagógicas inacianas.

Professor 8 e 10: Postura no ambiente escolar que se voltam para a pedagogia inaciana.

Desse modo, quando verificamos as justificativas dos docentes, observamos que as orientações de como devem ensinar refletem, de forma geral, no planejamento, discernimento de valores, reciclagem pedagógica, formação permanente e postura profissional voltada para a Pedagogia Inaciana. Esses preceitos são, de fato, conforme Guidini (2016), como elencadores desta Pedagogia, que trata a formação permanente do indivíduo, não somente intelectual, mas também, moral e religiosa, como elemento definidor de seu caráter.

Seguindo os questionamentos, ao serem indagados sobre se o Diocesano é importante para a sociedade piauiense, os professores responderam o exposto a seguir.

Quadro 8: Se o Diocesano é importante para a sociedade piauiense

Pergunta: Em sua opinião, o Diocesano é importante para a sociedade piauiense?	
Professor	Respostas
Professor 1	Sim
Professor 2	Sim
Professor 3	Sim
Professor 4	Sim
Professor 5	Sim
Professor 6	Sim
Professor 7	Sim
Professor 8	Sim
Professor 9	Sim
Professor 10	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

Constatamos que ao serem indagados sobre se o Diocesano é importante para a sociedade piauiense, todos os professores responderam que sim. Como forma de justificativas para este questionamento, os professores enfatizaram que:

Professor 1: Atitudes, interdisciplinaridade, projetos educativos.

Professor 2, 5 e 7: Formar homens e mulheres para o mundo, para o outro.

Professor 3: O Colégio Diocesano é o marco histórico e cultural no Piauí.

Professor 4, 6 e 8: Trabalha as experiências prévias de nossos alunos.

Professor 9 e 10: É importante porque forma pessoas com valores.

Verificamos pelo exposto nas justificativas que o fato de o Colégio Diocesano ser importante se deve, na visão dos professores, a variados motivos, dentre os quais ganharam destaque: a orientação para o ser humano com atitude, interdisciplinar e voltado para projetos educativos. Para alguns, é a formação humana que faz do Diocesano ser importante para a sociedade. Outros acreditam que o Colégio é importante por ser um marco histórico e cultural da educação no Piauí e há quem esclareça que é porque o Colégio ensina para a vida acadêmica, bem como para os valores cristãos.

Por fim, indagou-se aos professores qual é a importância que o Diocesano tem para a sociedade piauiense, verificando-se as seguintes respostas:

Quadro 9: Importância do Diocesano para a sociedade piauiense

Pergunta: Se a resposta anterior for sim, que tipo de importância o Diocesano tem para essa sociedade?	
Professor	Respostas
Professor 1	Porque representa um pilar para a educação acadêmica quanto para a humana
Professor 2	Formação de muitos homens éticos e íntegros
Professor 3	Procura através da educação jesuítica preparar os estudantes para a vida acadêmica e conviver seguindo os valores cristãos.

Professor 4	Forma pessoas (homens e mulheres) conscientes do seu dever; competentes no seu fazer; compassivos na relação com os outros e comprometidos com o serviço da fé e promoção da justiça
Professor 5	Formação de muitos homens éticos e íntegros
Professor 6	Forma pessoas (homens e mulheres) conscientes do seu dever; competentes no seu fazer; compassivos na relação com os outros e comprometidos com o serviço da fé e promoção da justiça
Professor 7	Formação de muitos homens éticos e íntegros
Professor 8	Forma pessoas (homens e mulheres) conscientes do seu dever; competentes no seu fazer; compassivos na relação com os outros e comprometidos com o serviço da fé e promoção da justiça
Professor 9	Ensina valores
Professor 10	Ensina valores

Fonte: Própria autora. 2016.

Conforme as respostas que serviram de amostragem para esta categoria, verificamos que a maior parte dos professores entende a importância do Diocesano para a sociedade piauiense como a base para a educação acadêmica e humana; um número reduzido se refere à formação de homens éticos e íntegros; outros entendem que a importância se dá em preparar os estudantes para a vida acadêmica e valores cristãos e finalmente para alguns que servem para formar pessoas conscientes de seus deveres e participação no mundo.

Sobre isso, Franca (1952) já havia percorrido a Pedagogia Inaciana como elementar para a formação de um homem íntegro, caracterizado pelo conhecimento científico, bem como humano, voltado ao respeito de si com os demais colegas e com os próprios professores, exaltando a formação da pessoa não somente de modo individualizado, mas no contexto grupal.

3.2.2 Da visão dos alunos sobre a presença da educação jesuítica no Colégio Diocesano

Este subitem destaca a visão dos alunos sobre a presença da educação jesuítica no Colégio Diocesano, descrita por meio da coleta de dados junto a 8 (oito) alunos que, atualmente, estudam no referido colégio e aceitaram responder aos questionamentos de forma voluntária.

Nessa ótica, foi questionado aos alunos sobre a visão que eles têm acerca da presença da educação jesuítica no Colégio Diocesano, obtendo-se as respostas expostas a seguir.

Quadro 10: Visão dos alunos sobre a educação jesuítica

Pergunta: Qual sua visão sobre a educação jesuítica?	
Aluno	Respostas
Aluno 1	Uma educação humanista, que incentiva o diálogo e a

	autonomia
Aluno 2	Acho que é o melhor que se pode ter por ensinar o lado humano também
Aluno 3	É uma educação voltada para os princípios morais e religiosos
Aluno 4	Disciplinada, valoriza o ser humano como um todo, apoiada na filosofia inaciana
Aluno 5	Uma educação humanista, que incentiva o diálogo e a autonomia
Aluno 6	É uma educação voltada para os princípios morais e religiosos
Aluno 7	Uma educação humanista, que incentiva o diálogo e a autonomia
Aluno 8	Uma educação humanista, que incentiva o diálogo e a autonomia

Fonte: Própria autora. 2016.

Pelo exposto, verificou-se que a metade dos alunos mencionou que a educação jesuítica consiste em uma educação humanista, voltada para o diálogo e a autonomia; já outros destacam os princípios morais e religiosos; enquanto que uma minoria associou a Pedagogia Inaciana à educação jesuítica, o que é importante, visto que esta pedagogia tem como base os preceitos da Companhia de Jesus, que amplia a concepção de sujeito ativo, definidor de sua própria realidade (MARTINS, 2009).

O próximo questionamento se refere à relação entre a educação dos jesuítas e a educação atual do Colégio Diocesano, no sentido de perceber as mudanças ocorridas neste tipo de pedagogia.

Quadro 11: Relação entre a educação dos jesuítas e a educação atual do Colégio Diocesano

Pergunta: Que tipo de relação você consegue verificar entre educação dos jesuítas e a educação atual do Colégio Diocesano?	
Aluno	Respostas
Aluno 1	Uma educação que valoriza a solidariedade, a humildade e o respeito mútuo entre as pessoas
Aluno 2	O modo de ensinar o lado humano
Aluno 3	Os jesuítas prezavam pela disciplina e organização e o Colégio Diocesano vêm mantendo esse modelo
Aluno 4	A filosofia inaciana vem se transformando durante o período que é necessário
Aluno 5	Uma educação que valoriza a solidariedade, a humildade e o respeito mútuo entre as pessoas
Aluno 6	Uma educação que valoriza a solidariedade, a humildade e o respeito mútuo entre as pessoas

Aluno 7	Os jesuítas prezavam pela disciplina e organização e o Colégio Diocesano vêm mantendo esse modelo
Aluno 8	Os jesuítas prezavam pela disciplina e organização e o Colégio Diocesano vêm mantendo esse modelo

Fonte: Própria autora. 2016.

Assim, infere-se que, na visão dos alunos, a relação entre a educação jesuítica e a atual educação desenvolvida no Colégio Diocesano se dá no sentido de valorização de princípios como solidariedade, humildade e respeito, resposta da maioria; uma parte mencionou a disciplina e a organização dos alunos como elementos permanentes e que permaneceram até os dias de hoje e; a identificação com a pedagogia inaciana foi mencionada por uma minoria dos alunos.

Desta feita, foi questionado aos alunos se eles consideram o Diocesano como o representante piauiense da educação jesuítica, sendo obtidas as respostas obtidas no Quadro a seguir.

Quadro 12. Se o Diocesano é o representante piauiense da educação dos jesuítas

Pergunta: Você considera o Diocesano o representante piauiense da educação dos jesuítas?	
Aluno	Respostas
Aluno 1	Sim
Aluno 2	Sim

Aluno 3	Sim
Aluno 4	Sim
Aluno 5	Sim
Aluno 6	Sim
Aluno 7	Sim
Aluno 8	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

Verificou-se que todos os alunos que participaram deste estudo afirmaram de forma positiva sobre o Colégio Diocesano ser a principal representação da educação jesuítica no Piauí. Cabe ressaltar que este questionamento é importante, pois demonstra a credibilidade dos ensinamentos propostos no referido Colégio demonstrando a confiança que os alunos têm na escola. Sobre isso, Maia (1952) esclarece que a Companhia de Jesus traz ensinamentos que repassam confiança social e por meio da Pedagogia Inaciana, que se baseia nos ordenamentos da *Ratio Studiorum*, os indivíduos reconhecem os representantes da Companhia como detentores de valores sociais, respaldados nos princípios cristãos.

Sobre a motivação dos alunos para estudarem no Colégio Diocesano, foram obtidas as seguintes respostas:

Quadro 13: Motivação para estudar no Colégio Diocesano

Pergunta: O que o motivou a estudar no Diocesano?	
Aluno	Respostas
Aluno 1	Meus pais escolheram a escola
Aluno 2	A minha mãe acredita no ensino não só acadêmico, mas humano

	que o colégio proporciona
Aluno 3	Incentivo dos pais
Aluno 4	A experiência religiosa e o comprometimento educacional
Aluno 5	Meus pais escolheram a escola
Aluno 6	Meus pais escolheram a escola
Aluno 7	Meus pais escolheram a escola
Aluno 8	Meus pais escolheram a escola

Fonte: Própria autora. 2016.

Percebe-se pelo exposto que a principal motivação dos alunos para estudarem no Colégio Diocesano é o incentivo dos pais, seja por estes já terem estudado lá ou mesmo por acreditarem no ensino de ordem acadêmica e humana. Esta resposta foi dada pela maioria dos alunos; os outros mencionaram a experiência religiosa ligada ao comprometimento educacional.

Posteriormente, foi questionado aos alunos se eles consideram que um aluno ingressante no Colégio Diocesano terá contato com a educação jesuítica, obtendo-se as seguintes respostas:

Quadro 14: Se o aluno ingressante no Colégio Diocesano vai ter contato com a educação jesuítica

Pergunta: Você acha que um aluno ingressante no Colégio Diocesano vai ter contato com a educação jesuítica?	
Aluno	Respostas
Aluno 1	Sim

Aluno 2	Sim
Aluno 3	Sim
Aluno 4	Sim
Aluno 5	Sim
Aluno 6	Sim
Aluno 7	Sim
Aluno 8	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

Destaca-se pelo exposto que todos os alunos responderam que sim, acreditam que um aluno ingressante no Colégio Diocesano vai ter contato com a educação jesuítica, ratificando a credibilidade dos preceitos trazidos pela Companhia de Jesus e seguidos pela referida escola.

O próximo questionamento feito aos alunos, que se refere às influências da educação trazida pelos jesuítas observadas no Colégio Diocesano, em que foram dadas as seguintes respostas:

Quadro 15: Influências da educação trazida pelos jesuítas observadas no Colégio Diocesano

Pergunta: Que influências da educação trazida pelos jesuítas podem ser observadas no Colégio Diocesano?	
Aluno	Respostas
Aluno 1	A disciplina, a obediência e a organização

Aluno 2	O modo de ensinar não só o lado acadêmico, mas formar cidadãos
Aluno 3	Os alunos que aqui estudam são disciplinados, tem autonomia, criatividade e trabalho em grupo
Aluno 4	Sempre baseada nos princípios jesuíticos desde sua fundação
Aluno 5	A disciplina, a obediência e a organização
Aluno 6	A disciplina, a obediência e a organização
Aluno 7	O modo de ensinar não só o lado acadêmico, mas formar cidadãos
Aluno 8	A disciplina, a obediência e a organização

Fonte: Própria autora. 2016.

Os dados apontam que as influências da educação trazida pelos jesuítas observadas no Colégio Diocesano foram, principalmente: disciplina, obediência e organização; o ensino acadêmico ligado ao aspecto religioso e; os princípios jesuíticos que ainda permanecem no colégio objeto desta investigação. Lembrando que estas respostas constituem uma amostragem de todas aquelas repassadas pelos alunos, que se voltam, em geral, para o mesmo aspecto.

Cabe lembrar que o método, a organização e a sistematização nos estudos são elementos norteadores da Pedagogia Inaciana, a qual segue o documento maior do ordenamento jesuítico que é a *Ratio Studiorum* (FRANCA, 1952).

Posteriormente, foi questionado ao aluno se ele considera que recebe uma educação jesuítica no Colégio Diocesano, obtendo-se as respostas a seguir.

Quadro 16: Se o aluno recebe uma educação jesuítica

Pergunta: Você, como aluno, considera que recebe uma educação jesuítica no Colégio Diocesano?	
Aluno	Respostas
Aluno 1	Sim
Aluno 2	Sim
Aluno 3	Sim
Aluno 4	Sim
Aluno 5	Sim
Aluno 6	Sim
Aluno 7	Sim
Aluno 8	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

Percebe-se que todos os alunos confirmaram que recebem uma educação jesuítica no Colégio Diocesano, conforme se pode verificar pela amostragem das respostas disponibilizadas pelos alunos.

Nessa ótica, seguiu-se à próxima indagação feita aos alunos, que se refere às contribuições do Colégio Diocesano para a formação cidadã dos alunos, obtendo-se as seguintes respostas:

Quadro 17: Sobre as contribuições do Colégio Diocesano para a formação cidadã dos alunos

Pergunta: Quais as contribuições do Colégio Diocesano para sua formação como cidadão?

Aluno	Respostas
Aluno 1	O Diocesano colaborou na formação da minha cidadania, pois sou uma pessoa que respeita os outros nas suas diferenças
Aluno 2	O lado humano que nos é tanto ensinado
Aluno 3	Ser mais solidário, disciplinado e respeitar as regras de convivência social
Aluno 4	Ser dinâmica, trabalho em grupo e versatilidade nas atitudes
Aluno 5	Ser mais solidário, disciplinado e respeitar as regras de convivência social
Aluno 6	Ser mais solidário, disciplinado e respeitar as regras de convivência social
Aluno 7	O Diocesano colaborou na formação da minha cidadania, pois sou uma pessoa que respeita os outros nas suas diferenças
Aluno 8	O Diocesano colaborou na formação da minha cidadania, pois sou uma pessoa que respeita os outros nas suas diferenças

Fonte: Própria autora. 2016.

O quadro de amostragem demonstra que as principais respostas referentes às contribuições do Colégio Diocesano para a formação cidadã do aluno foram: alguns responderam a colaboração da cidadania e respeito às diferenças; contribuição com o lado humano do indivíduo, resposta de uma parte; a maioria mencionou a solidariedade, disciplina

e respeito às regras de convivência social; e uma pequena parte a dinamicidade e trabalho em grupo.

Verifica-se o predomínio dos preceitos da Companhia de Jesus no que diz respeito às contribuições destacadas pelos alunos, principalmente, quando mencionam “os valores do homem e o respeito às regras de convivência social, parâmetros designados pela Companhia de Jesus” (GUIDINI, 2016, p. 45) e seguidos pelo Colégio.

O questionamento seguinte trata das contribuições do Colégio Diocesano para a vida profissional dos alunos, conforme as respostas expostas a seguir.

Quadro 18: Sobre as contribuições do Colégio Diocesano para a vida profissional dos alunos

Pergunta: Quais as contribuições do Colégio Diocesano para sua vida profissional?	
Aluno	Respostas
Aluno 1	Uma pessoa mais independente e organizada, ao mesmo tempo comunicativa com senso de organização
Aluno 2	Grandes profissionais e um dos melhores sistemas de educação
Aluno 3	Vou levar para a profissão o espírito de equipe
Aluno 4	Uma base humanista e educacional que não deixa a desejar
Aluno 5	Grandes profissionais e um dos melhores sistemas de educação
Aluno 6	Grandes profissionais e um dos melhores sistemas de educação

Aluno 7	Uma pessoa mais independente e organizada, ao mesmo tempo comunicativa com senso de organização
Aluno 8	Uma pessoa mais independente e organizada, ao mesmo tempo comunicativa com senso de organização

Fonte: Própria autora. 2016.

Infere-se que, em geral, as respostas dos alunos circundam em torno de que o Colégio Diocesano contribui para suas vidas profissionais quando: o ajudam a se tornar mais independentes e organizados, contribuindo também para a comunicação e as relações interpessoais, respondido por uma parte; ter preparado grandes profissionais para Teresina e para o Piauí, resposta da maioria; o espírito de equipe, resposta da minoria e; a base humanística e educacional, alguns outros.

Sobre as relações interpessoais, a comunicação e o trabalho em grupo, Maia (1952) esclareceu que estes são elementos definidores da Pedagogia Inaciana, traduzida no modo de operacionalização das regras conduzidas e normatizadas pela *Ratio Studiorum*.

A seguir, questionou-se se o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense, em que foram verificadas as seguintes respostas:

Quadro 19: Se o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense

Pergunta: Você acha que o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense?	
Aluno	Respostas
Aluno 1	Sim
Aluno 2	Sim
Aluno 3	Sim

Aluno 4	Sim
Aluno 5	Sim
Aluno 6	Sim
Aluno 7	Sim
Aluno 8	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

Inferre-se pelo quadro de amostragem que todos os alunos acreditam que o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense, já que todos dos participantes desta categoria responderam que sim, reconhecendo, assim, a importância do Colégio para a sociedade do Piauí.

Em seguida, indagou-se aos alunos que tipo de importância o Colégio Diocesano tem para a sociedade piauiense, sendo que foram obtidas as seguintes respostas:

Quadro 20: Importância do Colégio Diocesano para a sociedade piauiense

Pergunta: Se a resposta da pergunta anterior for sim, que tipo de importância o Diocesano tem para essa sociedade?	
Aluno	Respostas
Aluno 1	A escola Diocesano é importante por formar cidadãos autônomos responsáveis e pessoas mais humanas e solidárias
Aluno 2	O Colégio ajuda na criação de cidadãos conscientes e educados que podem trazer mudanças para a sociedade
Aluno 3	Várias pessoas que contribuíram para o

	desenvolvimento, nas mais diversas áreas, estudaram aqui
Aluno 4	Formou personalidades que ocuparam cargos importantes em nossa cidade e em todo o Brasil
Aluno 5	Várias pessoas que contribuíram para o desenvolvimento, nas mais diversas áreas, estudaram aqui
Aluno 6	Várias pessoas que contribuíram para o desenvolvimento, nas mais diversas áreas, estudaram aqui
Aluno 7	Várias pessoas que contribuíram para o desenvolvimento, nas mais diversas áreas, estudaram aqui
Aluno 8	A escola Diocesano é importante por formar cidadãos autônomos responsáveis e pessoas mais humanas e solidárias

Fonte: Própria autora. 2016.

Os alunos responderam que a importância do Colégio Diocesano se dá nos seguintes aspectos: uma parte mencionou a formação de cidadãos autônomos, responsáveis, humanos e solidários; outros enfatizaram o desenvolvimento de consciência e educação para mudanças sociais; a maioria respondeu a contribuição para o desenvolvimento social em diversas áreas do conhecimento.

A contribuição dos jesuítas ocorre em várias áreas do conhecimento, mas, ocorreu, principalmente, no âmbito da Filosofia, Sociologia, História e Física, sendo que em outras áreas, como o ensino de línguas, os jesuítas foram efetivos quando da alfabetização dos índios (MARTINS, 2009).

Nesse sentido, o próximo subitem destaca a visão dos ex-alunos sobre a presença da educação jesuítica no Colégio Diocesano, cuja abordagem se torna imprescindível para melhor compreensão da participação dos jesuítas na educação piauiense e, de modo especial, no referido colégio.

3.2.3 Da visão dos ex-alunos sobre a presença da educação jesuítica no Colégio Diocesano

Em relação à visão dos ex-alunos sobre a presença da educação jesuítica no Colégio Diocesano, 11 (onze) participantes integraram as respostas referentes aos questionamentos destacados no Questionário aplicado aos ex-alunos (Apêndice B). Os dados do Quadro 21 apresentam algumas respostas de ex-alunos referentes a este questionamento. Foram selecionadas algumas delas visto que muitas respostas foram bastante semelhantes. A partir da filtragem realizada, revelam-se as seguintes:

Quadro 21: Visão dos ex-alunos sobre a educação jesuítica

Pergunta: Qual sua visão sobre a educação jesuítica?	
Ex-Aluno	Respostas
Ex-Aluno 1	Uma educação para a vida, não apenas conhecimento técnico, mas, em todos os aspectos
Ex-Aluno 2	Eficiente. É voltada, principalmente, para a orientação e formação religiosa.
Ex-Aluno 3	Preparação para a vida.
Ex-Aluno 4	Uma educação religiosa baseada em princípios morais e religiosos associada

	à disciplina
Ex-Aluno 5	Preparação para a vida.
Ex-Aluno 6	Preparação para a vida.
Ex-Aluno 7	Preparação para a vida.
Ex-Aluno 8	Preparação para a vida.
Ex-Aluno 9	Uma educação religiosa baseada em princípios morais e religiosos associada à disciplina
Ex-Aluno 10	Uma educação religiosa baseada em princípios morais e religiosos associada à disciplina
Ex-Aluno 11	Uma educação religiosa baseada em princípios morais e religiosos associada à disciplina

Fonte: Própria autora. 2016.

Conforme apresentado no Quadro 21, destaca-se que os ex-alunos ressaltam em suas respostas que a educação jesuítica se refere àquela que prepara para a vida, resposta obtida por metade dos alunos inqueridos; um grande número apresentou resposta semelhante afirmando que a educação jesuítica se consagra como uma educação religiosa; os restantes a associou a valores morais e éticos. Cabe salientar, conforme Klein (1997), a *Ratio Studiorum* se consagra como os ensinamentos ligados a regras e preceitos religiosos a que estão condicionados os seus seguidores e que a Pedagogia Inaciana destaca o ensino para a formação cidadã do aluno. Assim, todos os ex-alunos, de alguma forma, apresentaram conceitos direcionados tanto à *Ratio Studiorum* como à Pedagogia Inaciana, as quais se direcionam a Companhia de Jesus.

O questionamento seguinte se refere à relação entre educação dos jesuítas e a educação atual do Colégio Diocesano, cujas respostas se basearam sob três enfoques: os ex-

alunos que acreditam que a educação dos jesuítas é retomada na educação atual do Colégio Diocesano; aqueles que acreditam que a educação atual se afastou um pouco dos princípios elencados pela educação dos jesuítas e; aqueles que mencionaram não ter conhecimento da educação preconizada na atualidade pelo Colégio Diocesano, conforme segue a amostra das respostas a seguir, no Quadro 22.

Quadro 22: Relação entre educação dos jesuítas e a educação atual do Colégio Diocesano

Pergunta: Que tipo de relação você consegue verificar entre educação dos jesuítas e a educação atual do Colégio Diocesano?	
Ex-Aluno	Respostas
Ex-Aluno 1	Acredito que continua ligada, ou seja, a atual educação do Diocesano é jesuítica
Ex-Aluno 2	Relação mantenedora de seus princípios básicos de educação e orientação religiosa
Ex-Aluno 3	Acho que no meu tempo a educação era aplicada para além da grande curricular, pois era o diferencial. Hoje se assemelha aos demais colégios
Ex-Aluno 4	Não tenho conhecimento do modelo atual de educação do Colégio Diocesano
Ex-Aluno 5	Acredito que continua ligada, ou seja, a atual educação do Diocesano é jesuítica
Ex-Aluno 6	Acredito que continua ligada, ou seja, a atual educação do Diocesano é jesuítica
Ex-Aluno 7	Acredito que continua ligada, ou seja, a

	atual educação do Diocesano é jesuítica
Ex-Aluno 8	Acredito que continua ligada, ou seja, a atual educação do Diocesano é jesuítica
Ex-Aluno 9	Acho que no meu tempo a educação era aplicada para além da grande curricular, pois era o diferencial. Hoje se assemelha aos demais colégios
Ex-Aluno 10	Acho que no meu tempo a educação era aplicada para além da grande curricular, pois era o diferencial. Hoje se assemelha aos demais colégios
Ex-Aluno 11	Relação mantenedora de seus princípios básicos de educação e orientação religiosa

Fonte: Própria autora. 2016.

Quanto ao questionamento seguinte, diz respeito à visão dos ex-alunos se o Colégio Diocesano seria o representante piauiense da educação dos jesuítas, verificamos a amostra das respostas apresentadas no Quadro 23.

Quadro 23: Se o Diocesano é o representante piauiense da educação dos jesuítas

Pergunta: Você considera o Diocesano o representante piauiense da educação dos jesuítas?	
Ex-Aluno	Respostas
Ex-Aluno 1	Sim
Ex-Aluno 2	Sim

Ex-Aluno 3	Sim
Ex-Aluno 4	Sim
Ex-Aluno 5	Sim
Ex-Aluno 6	Sim
Ex-Aluno 7	Sim
Ex-Aluno 8	Sim
Ex-Aluno 9	Sim
Ex-Aluno 10	Sim
Ex-Aluno 11	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

A partir dos dados coletados nesta pergunta, foi possível verificar que a totalidade dos ex-alunos consideram o Colégio Diocesano como o representante piauiense da educação dos jesuítas. Isto pode ser explicado pela credibilidade da qual dispunha o Colégio que, por estar ligado à Igreja Católica, tem respaldo junto à sociedade piauiense.

Para Maia (1952), os ensinamentos jesuítas perpassam o tempo e seus representantes tendem a se manifestar e se consagrar por um longo período, sendo reconhecidos socialmente como tais.

Nesse sentido, foi questionado aos ex-alunos o que os motivou a estudar no Colégio Diocesano, obtendo-se as seguintes respostas:

Quadro 24: Motivação para estudar no Colégio Diocesano

Pergunta: Você considera o Diocesano o representante piauiense da educação dos jesuítas?	
Ex-Aluno	Respostas
Ex-Aluno 1	Minha família que estudou lá. Todos aprendemos muito no Colégio Diocesano.
Ex-Aluno 2	Bom nível educacional e religioso.
Ex-Aluno 3	A qualidade do ensino.
Ex-Aluno 4	A qualidade do ensino, a disciplina rígida e a orientação moral e religiosa.
Ex-Aluno 5	Bom nível educacional e religioso.
Ex-Aluno 6	Bom nível educacional e religioso.
Ex-Aluno 7	Bom nível educacional e religioso.
Ex-Aluno 8	Bom nível educacional e religioso.
Ex-Aluno 9	A qualidade do ensino, a disciplina rígida e a orientação moral e religiosa.
Ex-Aluno 10	A qualidade do ensino, a disciplina rígida e a orientação moral e religiosa.
Ex-Aluno 11	A qualidade do ensino, a disciplina rígida e a orientação moral e religiosa.

Fonte: Própria autora. 2016.

Conforme se pode verificar, os alunos apresentaram várias motivações para estudar no Colégio Diocesano, dentre elas, destacam-se: o fato de a família já ter estudado no colégio o

bom nível educacional e religioso e; a disciplina exigida pelo colégio, bem como as orientações morais e religiosas.

Na visão de Bortolotti (2004), a família é imprescindível para a formação do cidadão e este é um dos ordenamentos da *Ratio Studiorum* e da Pedagogia Inaciana. As orientações de ambas sugerem que o indivíduo alcança sua liberdade se for conduzido de forma prática pelos ensinamentos religiosos preceituados conforme sua vivência familiar e escolar. Ademais, o nível educacional das regras pressupostas pela *Ratio Studiorum* se define como elemento básico de formação e cujo nível elevado denota o grau de exigência escolar e de formação das regras definidas neste documento.

Foi indagado aos ex-alunos se eles consideram que o aluno ingressante no Colégio Diocesano terá contato com a educação jesuítica, obtendo-se as respostas exposta no Quadro 25, a seguir:

Quadro 25: Se o aluno ingressante no Colégio Diocesano vai ter contato com a educação jesuítica

Pergunta: Você acha que um aluno ingressante no Colégio Diocesano vai ter contato com a educação jesuítica?	
Ex-Aluno	Respostas
Ex-Aluno 1	Sim
Ex-Aluno 2	Sim
Ex-Aluno 3	Sim
Ex-Aluno 4	Sim
Ex-Aluno 5	Sim
Ex-Aluno 6	Sim
Ex-Aluno 7	Sim

Ex-Aluno 8	Sim
Ex-Aluno 9	Sim
Ex-Aluno 10	Sim
Ex-Aluno 11	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

É possível constatar que todos os ex-alunos desta categoria enfatizaram de modo positivo sobre o ingresso de novos alunos no Colégio Diocesano e o contato destes com a educação jesuítica. Dessa forma, mesmo aqueles que dizem que não conhecem os métodos atuais do Colégio acreditam nesta possibilidade; isto se deve pelo fato de acreditarem que o Colégio continua norteado pelos princípios da Companhia de Jesus.

Ao serem indagados sobre as influências da educação trazida pelos jesuítas observadas no Colégio Diocesano, os ex-alunos, em geral, deram respostas semelhantes às presentes no quadro a seguir:

Quadro 26: Influências da educação trazida pelos jesuítas observadas no Colégio Diocesano

Pergunta: Que influências da educação trazida pelos jesuítas podem ser observadas no Colégio Diocesano?	
Ex-Aluno	Respostas
Ex-Aluno 1	Dentre todas as influências, a principal é influenciar o diálogo, respeitando as diferenças.
Ex-Aluno 2	Filosóficas e metodológicas
Ex-Aluno 3	Ligação de fé com a ciência
Ex-Aluno 4	O estilo e o método de ensino

Ex-Aluno 5	Filosóficas e metodológicas
Ex-Aluno 6	O estilo e o método de ensino
Ex-Aluno 7	O estilo e o método de ensino
Ex-Aluno 8	O estilo e o método de ensino
Ex-Aluno 9	Filosóficas e metodológicas
Ex-Aluno 10	Ligação de fé com a ciência
Ex-Aluno 11	Ligação de fé com a ciência

Fonte: Própria autora. 2016.

Pelo exposto, infere-se que as respostas foram variadas, sendo que alguns dos ex-alunos responderam que os ensinamentos do Colégio Diocesano influenciaram no respeito aos outros e às diferenças; outros lembraram dos métodos do Colégio e que as influências se dão neste aspecto e no contexto filosófico; outros ainda enfatizaram que a escola propicia uma ligação positiva entre fé e ciência, oferecendo divergências e convergências sobre estas, o que “é essencial para a formação do indivíduo, conforme prescrito nos ensinamentos da Pedagogia Inaciana” (CARVALHO, 2013, p. 35).

No questionamento que segue, foi perguntado aos ex-alunos se eles consideram que receberam uma educação jesuítica no Colégio Diocesano, obtendo-se respostas semelhantes as que seguem:

Quadro 27: Se o ex-aluno recebeu uma educação jesuítica

Pergunta: Você, como ex-aluno, considera que recebeu uma educação jesuítica no Colégio Diocesano?	
Ex-Aluno	Respostas
Ex-Aluno 1	Sim

Ex-Aluno 2	Sim
Ex-Aluno 3	Sim
Ex-Aluno 4	Sim
Ex-Aluno 5	Sim
Ex-Aluno 6	Sim
Ex-Aluno 7	Sim
Ex-Aluno 8	Sim
Ex-Aluno 9	Sim
Ex-Aluno 10	Sim
Ex-Aluno 11	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

Observa-se que todos os ex-alunos desta categoria consideram que receberam uma educação jesuítica no Colégio Diocesano, o que é importante destacar, visto que demonstra os resquícios desta educação para suas formações, inclusive, o reconhecimento das práticas da Companhia de Jesus.

A pergunta seguinte, diz respeito às contribuições do Colégio Diocesano para a formação cidadã dos ex-alunos, conforme se verifica a seguir:

Quadro 28: Sobre as contribuições do Colégio Diocesano para a formação cidadã dos ex-alunos

Pergunta: Quais as contribuições do Colégio Diocesano para sua formação como cidadão?	
Ex-Aluno	Respostas

Ex-Aluno 1	Aprendi a enxergar como cidadão, percebi que minhas atitudes podem ter referências na sociedade
Ex-Aluno 2	Obediência cristã
Ex-Aluno 3	Seriedade e compromisso com a sociedade
Ex-Aluno 4	Me aceito como importante pelos princípios morais e éticos
Ex-Aluno 5	Seriedade e compromisso com a sociedade
Ex-Aluno 6	Seriedade e compromisso com a sociedade
Ex-Aluno 7	Aprendi a enxergar como cidadão, percebi que minhas atitudes podem ter referências na sociedade
Ex-Aluno 8	Seriedade e compromisso com a sociedade
Ex-Aluno 9	Seriedade e compromisso com a sociedade
Ex-Aluno 10	Seriedade e compromisso com a sociedade
Ex-Aluno 11	Seriedade e compromisso com a sociedade

Fonte: Própria autora. 2016.

Ao serem indagados sobre as contribuições do Colégio Diocesano para a formação cidadã dos ex-alunos, verificou-se que estes responderam o seguinte: contribuiu para que se

reconhecessem como cidadãos, observando suas próprias atitudes e as referências destas no contexto social, preparando-o como indivíduo sério e compromissado com a sociedade da qual fazem parte obediência cristã e; outros que contribuiu para os ensinamentos éticos e morais adquiridos no colégio em estudo.

Ao serem indagados sobre as contribuições do Colégio Diocesano para a vida profissional dos ex-alunos, foram obtidas as respostas expostas a seguir:

Quadro 29: Sobre as contribuições do Colégio Diocesano para a vida profissional dos ex-alunos

Pergunta: Quais as contribuições do Colégio Diocesano para sua vida profissional?	
Ex-Aluno	Respostas
Ex-Aluno 1	Aprendi a pesquisar, a analisar diferentes pontos de vista e a respeitar a todos
Ex-Aluno 2	Princípios da honestidade, integridade moral, bom caráter e religiosidade
Ex-Aluno 3	Formação como ser humano e ética
Ex-Aluno 4	Contribuição quando fui ensinado pelos princípios morais
Ex-Aluno 5	Princípios da honestidade, integridade moral, bom caráter e religiosidade
Ex-Aluno 6	Princípios da honestidade, integridade moral, bom caráter e religiosidade
Ex-Aluno 7	Princípios da honestidade, integridade moral, bom caráter e religiosidade
Ex-Aluno 8	Contribuição quando fui ensinado pelos

	princípios morais
Ex-Aluno 9	Contribuição quando fui ensinado pelos princípios morais
Ex-Aluno 10	Formação como ser humano e ética
Ex-Aluno 11	Formação como ser humano e ética

Fonte: Própria autora. 2016.

No que se refere às contribuições do Colégio Diocesano para suas vidas profissionais, os ex-alunos responderam que: contribuiu para ensiná-los a pesquisar e a analisar diferentes pontos de vista; implementou princípios de honestidade, de integridade moral, de caráter e religiosos e; enfim, para a formação como ser humano e para a ética profissional.

Os valores morais, humanos, éticos e religiosos são elementos básicos da Companhia de Jesus, reafirmados pela Pedagogia Inaciana que constrói seu discurso pautado nestes preceitos, tanto no contexto escolar, como no enfoque profissional, já que os ensinamentos da *Ratio Studiorum* são repassados aos alunos pelos profissionais, assim, todos seguem a Pedagogia Inaciana que entende que a liberdade responsável é o melhor caminho para o crescimento pessoal e profissional (CORRER, 2006).

Questionou-se aos ex-alunos se na visão deles, o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense, obtendo-se as respostas cujas amostras são apresentadas a seguir:

Quadro 30: Se o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense

Pergunta: Você acha que o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense?	
Ex-Aluno	Respostas
Ex-Aluno 1	Sim
Ex-Aluno 2	Sim

Ex-Aluno 3	Sim
Ex-Aluno 4	Sim
Ex-Aluno 5	Sim
Ex-Aluno 6	Sim
Ex-Aluno 7	Sim
Ex-Aluno 8	Sim
Ex-Aluno 9	Sim
Ex-Aluno 10	Sim
Ex-Aluno 11	Sim

Fonte: Própria autora. 2016.

Verifica-se que todos os ex-alunos entendem que o Colégio Diocesano é importante para a sociedade. Este dado é essencial para o reconhecimento do sucesso dos ensinamentos da Companhia de Jesus e que se apresentam no referido colégio, universo desta investigação.

O último questionamento feito aos ex-alunos do Colégio Diocesano refere-se à importância deste para a sociedade piauiense, obtendo-se as seguintes respostas:

Quadro 31: Importância do Colégio Diocesano para a sociedade piauiense

Pergunta: Se a resposta da pergunta anterior for sim, que tipo de importância o Diocesano tem para essa sociedade?	
Ex-Aluno	Respostas
Ex-Aluno 1	Trata-se de um Colégio que forma pessoas para pensar no bem comum

Ex-Aluno 2	Formação dos jesuítas para a vida
Ex-Aluno 3	Formação de grandes seres humanos
Ex-Aluno 4	Tem muita importância como orientação de conduta para os cidadãos desta sociedade
Ex-Aluno 5	Trata-se de um Colégio que forma pessoas para pensar no bem comum
Ex-Aluno 6	Trata-se de um Colégio que forma pessoas para pensar no bem comum
Ex-Aluno 7	Tem muita importância como orientação de conduta para os cidadãos desta sociedade
Ex-Aluno 8	Trata-se de um Colégio que forma pessoas para pensar no bem comum
Ex-Aluno 9	Trata-se de um Colégio que forma pessoas para pensar no bem comum
Ex-Aluno 10	Tem muita importância como orientação de conduta para os cidadãos desta sociedade
Ex-Aluno 11	Tem muita importância como orientação de conduta para os cidadãos desta sociedade

Fonte: Própria autora. 2016.

Os dados permitem destacar que a importância do Colégio Diocesano para a sociedade piauiense se dá, em geral, sob dois enfoques, quais sejam: formação das pessoas para o bem

comum e para a sociedade da qual fazem parte; formação e orientação de conduta para os cidadãos desta sociedade.

Tanto os professores, como os ex-alunos e alunos do Colégio Diocesano mencionam a importância de educar para a cidadania, no respeito pelo próximo – Preocupação Humanista: *“dentre todas as influências, a principal é ensinar o diálogo, respeitando as diferenças”* ex-alunos; *“melhor que se pode ter por ensinar o lado humano também”*, aluno; *“A dinâmica educativa é sempre inscrita numa tradição que se volta para a formação de pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas”*, professor.

Em suma, as respostas dos envolvidos neste estudo se voltam para outras cinco categorias que dizem respeito às indagações que foram feitas, conforme seguem:

Quadro 32: Categorias das respostas mais representativas e semelhantes entre todos os participantes do estudo

CATEGORIAS	Nº	%
Colégio Diocesano representa a educação jesuíta	29	100%
Preocupação Humanista	29	100%
Disciplina e organização	25	86,2%
Ensino para a autonomia, criatividade e trabalho em grupo	19	65,5%
Formação religiosa	19	65,5%

Fonte: Própria autora, 2016.

A percepção de uma pedagogia que dá importância à disciplina e organização – *“muito organizada, com forte conteúdo acadêmico e muito disciplinada”*, *“a qualidade do*

ensino, a disciplina rígida” (ex-alunos); *“os Jesuítas prezavam pela disciplina e organização e o colégio Diocesano vem mantendo esse modelo”*, *“a disciplina, a obediência e a organização”* (alunos); *“Disciplina, dedicação”* (Professor) são evidentes nestas respostas, conforme se pode observar no decorrer das análises.

Cabe salientar, a percepção por parte dos alunos e dos ex-alunos que o método pedagógico do colégio Diocesano prepara o aluno para se integrar socialmente, facilitando a integração no mercado de trabalho e nas relações sociais. É o que se pode verificar nos seguintes depoimentos: *“o modo de ensinar não é só acadêmico, mas formar cidadãos”*, *“vou levar para o profissional o espírito de equipe”* (alunos); *“Lá aprendi a pesquisar, a analisar diferentes pontos de vista e a respeitar todos”*, *“forma pessoas para pensar no bem comum”* (ex-alunos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto deste estudo foi caracterizar o modelo educativo dos jesuítas do Colégio Diocesano, São Francisco de Sales. Verificamos que todos os sujeitos percebem a sua educação como diferenciada salientando os aspectos humanista e ético e não só o acadêmico.

Mas, a decisão de limitar esta pesquisa ao espaço educacional privilegiado em que os Jesuítas exerceram e exercem sua missão na educação em tempos atuais, na cidade de Teresina-PI: O Colégio São Francisco de Sales – Diocesano inviabilizou a comparação com outros colégios e outras opções pedagógicas.

Verificamos que a educação jesuíta continua presente no colégio Diocesano e revela o seu empenho em estimular o ser humano a desenvolver-se como imagem de Deus proposta da metodologia jesuíta e a comprometer-se a ajudar os outros a atingir a mesma meta.

Salienta-se a referência à formação baseada na experiência, na reflexão, na ação e avaliação que tem em vista um começo e nunca um fim, pois permite que todos de forma dinâmica e contínua possam sempre realizar inferências acerca das novas experiências que surgem e que ainda estão por surgir de maneira consciente, reais, com autonomia, vinculadas sempre ao contexto humanizado e social, garantindo ao estudante o discernimento necessário para distinguir a realidade separando a ciência da fé.

A educação é percebida como indo além do saber acadêmico, pois contempla a formação da pessoa humana como um ser que é capaz de se posicionar dentro da sociedade da qual faz parte e pode de forma autônoma tomar atitudes que possam ser julgadas como consensualmente corretas nas diferentes situações com que se depare. Há a percepção de uma formação humanizada oferecendo aos alunos a possibilidade de total autonomia tanto no saber acadêmico, como social, tendo como preocupação central a contribuição da formação da pessoa humana tendo em vista uma visão sistematizada de mundo, uma visão que as pessoas podem ter de si próprios e da sociedade.

A formação da identidade é realçada na percepção da importância à constituição do caráter, dos valores morais e éticos difundidos pela instituição, pois é a partir da inserção e ensinamentos morais e a disponibilidade para reflexão acerca das atitudes realizadas no

contexto social, que o aluno aprende a perceber as entrelinhas dos costumes, valores e ética impostos pelo contexto sócio-histórico do qual faz parte.

Foi possível verificar que a Pedagogia Inaciana ainda é realizada no Colégio Diocesano, visto que seus preceitos no que se refere ao caráter organizacional e sistematizado, primando pela formação cidadã e cristã, além da própria postura do professor, o zelo pela orientação reflexiva, o modo como o indivíduo se posta no convívio social, o respeito às diferenças, os valores morais e éticos, dentre outros, são evidentes na prática dos docentes e são repassados aos alunos, assim como o foram aos ex-alunos, ratificando as contribuições dos jesuítas para a educação no estado.

Dessa forma, ficou evidente que a presença do Colégio Diocesano, em Teresina-PI, marca a experiência da educação trazida pelos jesuítas e a mantém viva, mesmo que de forma reconfigurada, frente às transformações que o mundo sofreu desde o período de colonização até os dias atuais.

Dessa forma, reafirmamos que este estudo foi de grande valor, visto que possibilitou compreender que a educação jesuítica se revela no estado muito mais evidente do que se imaginava, que os alunos e ex-alunos reconhecem a Pedagogia Inaciana e as normas da *Ratio Studiorum* e a aplicam em suas vidas. O olhar diferenciado deste estudo veio com a evidência de que não somente a educação jesuítica foi reconhecida na educação do Colégio Diocesano, mas, principalmente, que ela traz elementos distintos daquela implementada atualmente no país, visto que rege pelo valor humano das pessoas, atendendo o conceito de liberdade responsável e o respeito às diferenças, algo que está faltando na nossa sociedade e que ficou muito evidente nos resultados desta pesquisa.

Este estudo poderá servir de embasamento teórico para outros de mesma temática, no entanto, ressaltamos os obstáculos encontrados durante o percurso da pesquisa, visto que o material bibliográfico a respeito do tema é bastante limitado, o que dificultou, em parte, a construção desta investigação. Ademais, muitos participantes se negaram a responder alguns questionamentos, o que dificultou sua finalização. Por isso, sugerimos àqueles que porventura venham se interessar pelo assunto, que procurem fontes secundárias em outras escolas fora do Piauí, haja vista que o material bibliográfico tanto no colégio objeto deste estudo, como em bibliotecas e em outros locais de pesquisa, como já reafirmado, é bastante sintético e redundante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, J. C. de. (1954). **Capítulos da história colonial**. 4 ed. Rev. Aum. com Prefácio de José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Soc. Capistrano de Abreu/Briguiet.
- ALMEIDA, J. R. P. de. (1989). **História da instrução pública no Brasil: 1500-1889**. São Paulo: INEP – PUC.
- ASTETE, G de. (1681). **Decoro da Conversa entre os Homens**. Tradução de Luís Isidoro Sales. Coimbra: Editora Coimbra Universidade.
- BERNARDO, T. e TÓTORA, S. (2004). (Orgs.). **Ciências sociais na atualidade: percursos e desafios**. São Paulo: Cortez.
- BORTOLOTTI, K. F. da S. (2004). **O Ratio Studiorum e a missão no Brasil**. São Paulo: UNESP. (Dissertação de Mestrado, 120 p).
- BOTELHO, O. da C. (2010). **Tratado das religiões**. São Paulo: Editora L&R.
- BURKE, P. A. (1997). Escola dos Annales (1929-1989). **A revolução francesa da historiografia**. Trad. de Nilo Odália. São Paulo: Editora Unesp.
- CABRAL, I. V. e PENA, R. C. A. “Retrospectiva histórica da educação no Brasil”. In: **A prática avaliativa empregada pelos docentes do ensino superior do curso de Licenciatura Plena em Letras do Instituto Superior do Amapá – IESP**. (2010). Disponível em: http://www.eumed.net/libros-gratis/ciencia/2012/2/panorama_teorias Acesso em: 14/12/2015, às 22:15m.
- CARDOSO, A. (Org). (1996). **Cartas de Santo Inácio de Loyola**. São Paulo: Loyola, (v.3), n. 18.
- CARVALHO, C. *et al.* **Educação Jesuítica: contexto, surgimento e desdobramento**. Disponível em: <http://revistas.facecla.com.br/index.php/reped/article/view/474/363>. Acesso em 15/06/2013, às 09h:00m.
- CARVALHO, E. de A. “Religação dos saberes e educação do futuro”. In: BERNARDO, T e Tótora, S. (2004) (Orgs.). **Ciências sociais na atualidade: percursos e desafios**. São Paulo: Cortez.
- CARVALHO JÚNIOR, D. (1980). **História episcopal do Piauí**. Teresina: Comepi (Companhia Editora do Piauí).
- CHARTIER, R. (2004). **À beira da Falésia: a história entre incertezas e quietudes**. Porto Alegre: Editora UFRGS.
- COLÉGIO DIOCESANO. Disponível em: <http://www.diocesano.g12.br/novo/sobre/historico>. Acesso em 17/06/2013, às 11h:00m.

CORRER, A. R. (2006). **A filosofia na *Ratio Studiorum***. (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba. Disponível em: <https://www.unimp.br/phpg/bibdig/aluno/down.php>. Acesso em: 23/09/2015, às 19h:20m.

COSTA, C. J. (2009). **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)**. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba. (Tese de Doutorado. 265 p).

DUBLÁ, J. **La Pedagogia Ignaciana: una ayuda importante para nuestro tiempo**. Conferencias sobre pedagogia ignaciana. Serie Cuadernos Ignacianos 2. Caracas: Universidad Católica Andres Bello p. 171 – 186 Disponível em: http://www.ausjal.org/tl_files/ausjal/images/contenido/Documentos/Publicaciones/Identidad%20y%20Mision/Cuadernos%20Ignacianos%20Nro.%2002.pdf. Acesso em: 13/09/16, às 13h:00m.

FERNANDES, R. (1995). **Os caminhos do ABC: sociedade portuguesa e ensino de primeiras letras**. Porto: Editora Porto.

FERRO, M. do A. B. (1996). **Educação e sociedade no Piauí republicano**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

FRANCA S. J., Leonel. (1952). **O método pedagógico dos Jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir Editora.

FREYRE, G. (2006). **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Global Editora.

GIL, A. C. (1999). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas.

GOLDEMBERG, L. (2002). **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record.

GONZÁLEZ–QUEVEDO, L. S. J. (2002). **Mateus Ricci: um pioneiro da inculturação**. Itaici, São Paulo, v.49, p. 77-83, set.

GOUVEIA, A. C. (1993). **História da civilidade**. São Paulo: Cortez.

GUIDINI, F. *et al.* (2016). **Da Pedagogia Jesuítica à Pedagogia Inaciana: Mudanças no percurso de um método**. Disponível em: http://www.pucprqeventos/educere/educere2009/anais/pdf/2556_1288.pdf. Acesso em: 23/01/2016, às 16h:32m.

HANSEN, J. A. “*Ratio Studiorum* e política católica ibérica no século XVII”. In: VIDAL, Diana; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. (2001). **Brasil 500 anos: Tópicos em história da educação**. São Paulo: Edusp.

HOLANDA, S. B. de. (2002). **História geral da civilização brasileira: a época colonial**. 8. ed. V. 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

JESUS, W. F. de. (2007). **“Despesa Sagrada”**: estudo sobre a vinculação constitucional de verbas à educação nas Constituições Brasileiras de 1934 e 1946. Brasília, Dissertação (Mestrado em Educação pela Universidade Católica de Brasília. 187 p).

KLEIN, L. F. (1997). **Atualidade da pedagogia jesuítica**. São Paulo: Loyola.

KOLVENBACH, P. H. (1991). “To friends and colleagues of the Society of Jesus”. In: **Acta Romana Societatis Iesu**. Trad. Jorge Zahar. Vol. XX (IV). Roma: Society Company (p. 600 à 607).

KRISTELLER, L. V. (1986). **Os humanistas e os renascentistas**. Porto Alegre: Editora Autêntica.

LACOUTURE, J. (1994). **Os jesuítas** – os conquistadores. Porto Alegre: L&PM, v.1.

LIMA, D. F. C. (2012). **O homem segundo a Ratio Studiorum**. São Paulo, v. 3, n. 34.

LOPES, A. de P. C. (2016). “A ação das escolas católicas no Piauí e a interiorização da instrução no Piauí na primeira República: o Colégio 24 de Fevereiro”. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al.* (Orgs.). (2016). **História da educação comparada**: discursos, ritos e símbolos da educação popular cívica e religiosa. Fortaleza: EDUFC. (p. 141 à 158).

MAIA, S. J. P. (1952). **O método pedagógico dos jesuítas**: o *Ratio Studiorum*. Rio de Janeiro: Agir.

_____. **A Pedagogia Inaciana e a sua força impulsionadora**: os exercícios espirituais. Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana. Rio de Janeiro, Centro de Espiritualidade Inaciana, n.95, março 2014: Disponível em: www.pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=1585. Acesso em: 25/01/2016, às 15h:40m. (p.69 à 82).

MARTINS, Z. I. de O. **A pedagogia católica clássica e a proposta pedagógica jesuítica contemporânea**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 19, n. 5/6, maio/jun. 2009. Disponível em <http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/1065/744>. Acesso em: 13/09/16, às 14h:00m. (p.391 à 417).

MELO, Cláudio. (1993). **Piauí, diocese e província eclesiástica**. Teresina: EDUFPI.

MINAYO, M. C. S. (2006). “Trabalho de campo: teoria, estratégias e técnicas”. In: **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec.

MIRANDA, M. (2009). **Código pedagógico dos jesuítas**: *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus. Campo Grande: Esfera do Caos.

NASCIMENTO, F. A. do N. (2009). “Sonhos e pesadelos dos moradores da periferia de Teresina nas décadas de 1960 e 1970”. In: **Anais do XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH**. Fortaleza: ANPUH. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH>. Acesso em: 14/01/2016, às 19h:30m.

NUNES, O. (1975). **Pesquisas para a história do Piauí**. V. 2 ed. Rio de Janeiro: Artenova.

O APÓSTOLO. (1907). **Aula dos pobres**. Teresina, 4 de agosto de 1907, ano I, n. 12, p. 1.

OSOWSKI, C. I. (2004). **Gestão do conhecimento inaciano, identidade institucional e os sujeitos da educação**. ANPAE. Disponível em: http://www.anpae.org.br/congressos_antigos.simposios. Acesso em: 13/09/16, às 19h:52m.

PAIVA, J. M. (1982). **Colonização e catequese**. São Paulo: Cortez.

_____. “Educação jesuítica no Brasil colônia”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.) (2007). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica.

PINHEIRO, A. da P. (2001). **As ciladas do inimigo**: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

PROVÍNCIA DO BRASIL CENTRO LESTE DA COMPANHIA DE JESUS (1998). **Projeto Educativo da Província do Brasil Centro-Leste da Companhia de Jesus**. São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://books.google.com.br?id=eeYPUEzF7NwC&pg=PA10&lpg=>) Acesso em: 24/01/2016, às 17h:30m.

REVEL, J. “Os usos da civilidade”. In: CHARTIER, R. (Org.) (2009). **História da vida privada**. Da renascença ao século das luzes. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras (p. 169).

ROSÁRIO, M. J. A. **A Educação Jesuítica no Brasil colônia**. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.11/GT3.PDF>. Acesso em 16/06/2013, às 19h:00m.

SALES, M. “Os primórdios do teatro brasileiro”. In: **Especial da PUC de homenagem à canonização de José de Anchieta**. (2014). São Paulo: Imprensa Comunicar-PUC.

SANGENIS, L. F. C. “Franciscanos na Educação Brasileira”. In: **Histórias e memórias da educação no Brasil – Vol. I – Séculos XVI-XVIII**. STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (2004). Petrópolis: Vozes.

SÃO LUÍS, Colégio. (2007). **Colégio São Luís – 140 anos - A educação e os jesuítas no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola.

SAVIANI, D. (2008). **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. São Paulo: Autores Associados.

_____. “Educação e colonização: as ideias pedagógicas no Brasil”. In: **Histórias e memórias da educação no Brasil – Vol. I – Séculos XVI-XVIII**. STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (2004). Petrópolis: Editora Vozes.

SEMPPLAN, Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação do Município de Teresina. (2014). **Dinâmica populacional**. Disponível em: <http://semplan.teresina.pi.gov.br/wp->

[content/uploads/2014/09/TERESINA-POPULA%C3%87%C3%83O.pdf](#). Acesso em: 10/01/2016, às 10h:30m.

SERENO, L. F. **A ação pedagógica da educação cristã no Período Colonial**. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/377/311>, Acesso em: 05/05/2015, às 11h:45m.

SODRÉ, N. W. (1994). **Síntese da história da educação brasileira**. 17ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

SOUSA, C. A. de M.;CAVALCANTE, M. J. M. (Orgs).(2016). **Os jesuítas no Brasil: entre a Colônia e a República**. Brasília: Liber Livro.

STAROBINSKI, J. (2001). **As máscaras da civilização: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras.

TAVARES, C. C. da. (2004). **S. Francisco de Xavier e o Colégio de Goa**. Brasília, DF, Em aberto, v. 21, n. 78.

TEIXEIRA SOARES, A. (1961). **O Marquês de Pombal**. Brasília: Editora da UnB.

TEIXEIRA, O. S. **Educação jesuíta: objetivo, metodologia e conteúdo nos aldeamentos indígenas do Brasil colônia**. Disponível em: http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st_trab_pdf/pdf_st1/olga_teixeira_st1.pdf. Acesso em: 18/06/2013 às 13h:10m.

TOLEDO, A. (2004). **Instituição da subjetividade moderna: a contribuição de Santo Inácio de Loyola e Martinho Lutero**. Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas (Tese de doutoramento. 298 p).

TOLSTOI, L. N. (1869). **Guerra e paz**. Trad. Luiz Rodrigues Sampaio. Moscou: Universidade de Kazan.

SERENO, L. F. **A ação pedagógica da educação cristã no Período Colonial**. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/377/311>, Acesso em: 05/05/2015, às 17h:20m.

TOBIAS, J. A. (1986). **História da educação brasileira**. 3 ed. rev. São Paulo: IBRASA.

VEIGA, I. P. A. (1989). **A prática pedagógica do professor dedidática**. Campinas: Papiros.

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS –
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

PESQUISADORA: ROSEMARY SALES UCHÔA DE CASTRO LIMA

TÍTULO DO TRABALHO: A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO COLÉGIO SÃO FRANCISCO DE SALES – DIOCESANO, EM TERESINA-PI: análise de uma experiência.

Prezado(s) Senhor!

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo fornecido para leitura e assinatura, no sentido de o senhor(a) autorizar sua participação neste estudo. Ressalto que o referido Termo está em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Ética (CNE) que trata do anonimato e do respeito à ética e resguardo de informações de informações fornecidas para pesquisa.

Agradeço desde já a sua colaboração!

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ abaixo assinado, concordo em participar da presente pesquisa.

O(a) pesquisador(a), manterá sigilo absoluto sobre as informações aqui prestadas, assegurará o meu anonimato quando da publicação dos resultados da pesquisa, **além de me dar permissão de desistir**, em qualquer momento, sem que isto me ocasione qualquer prejuízo para a qualidade do atendimento que me é prestado, caso sinta qualquer constrangimento por alguma pergunta ou simplesmente me queira retirar dela.

A pesquisa será realizada pela mestrandia **Rosemary Sales Uchoa de Castro Lima**, aluna do mestrado da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, da sua Escola de Educação, Administração e Ciências Sociais e orientada pelo(a) Professor Doutor Emmanuel Sabino.

Fui informado(a) que posso indagar o(a) pesquisador(a) se desejar fazer alguma pergunta sobre a pesquisa, pelo telefone: (086) 99927-0724, endereço: **Av. Dom Severino, 607. Bairro**

de Fátima. Teresina – PI. CEP. 64049-380. e que, se por tal me interessar, posso receber os resultados da pesquisa quando esses forem publicados. Esta pesquisa corresponde e atende às exigências éticas e científicas próprias do que é determinado pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que consentimento prévio dado pelo(a) colaborador(a) cujo nome e informações serão guardados pelo(a) pesquisador(a) e, em nenhuma circunstância, eles serão dados a conhecer a outras pessoas alheias ao estudo, a não ser que o(a) colaborador(a) o consinta, por escrito.

Assinatura do (a) participante: _____

Teresina ____ de _____ de _____.

Pesquisadora Mestranda

Orientador Científico

Rosemary Sales Uchôa de Castro Lima Professor Doutor Emmanuel Sabino

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS –
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

PESQUISADORA: ROSEMARY SALES UCHÔA DE CASTRO LIMA

TÍTULO DO TRABALHO: A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO COLÉGIO SÃO FRANCISCO DE SALES – DIOCESANO, EM TERESINA-PI: análise de uma experiência.

Prezado(a) Senhor(a)!

Este questionário está sendo aplicado junto aos docentes do Colégio Diocesano que aceitaram por convite participar deste estudo. Estou realizando meu trabalho referente à Dissertação de Mestrado, sendo que com este questionário você poderá contribuir para aumentar as informações a serem inseridas no meu trabalho. Conto com sua colaboração no sentido de responder este breve questionário.

Agradeço desde já a sua colaboração!

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

1) Há quanto tempo leciona no Diocesano?

- () Até 5 anos
() Entre 5 e 10 anos
() Entre 11 e 20 anos
() Mais de 20 anos

2) Seu nível de escolaridade:

- () Graduado
() Especialista
() Mestre
() Doutor
() Outros (especificar) _____

3) Qual sua visão sobre a educação jesuítica?

4) Que tipo de relação você consegue verificar entre a educação dos jesuítas e a educação atual do Colégio Diocesano?

5) Você considera o Diocesano o representante piauiense da educação dos jesuítas?

() Sim

() Não

6) Você acha que um aluno ingressante no Colégio Diocesano vai ter contato com a educação jesuítica?

() Sim

() Não

7) Que influências da educação trazida pelos jesuítas podem ser observadas no Colégio Diocesano?

8) Você, como docente, recebe algum tipo de orientação quanto ao tipo de ensino exigido para atuar no referido Colégio?

9) Você acha que o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense?

() Sim

() Não

10) Se a resposta anterior for sim, que tipo de importância o Diocesano tem para essa sociedade?

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS –
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

PESQUISADORA: ROSEMARY SALES UCHÔA DE CASTRO LIMA

TÍTULO DO TRABALHO: A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO COLÉGIO SÃO FRANCISCO DE SALES – DIOCESANO, EM TERESINA-PI: análise de uma experiência.

Prezado(s) Senhor!

Este questionário está sendo aplicado junto aos ex-alunos do Colégio Diocesano que aceitaram por convite participar deste estudo. Estou realizando meu trabalho referente à Dissertação de Mestrado, sendo que com este questionário você poderá contribuir para aumentar as informações a serem inseridas no meu trabalho. Conto com sua colaboração no sentido de responder este breve questionário.

Agradeço desde já a sua colaboração!

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EX-ALUNOS

1) Quanto tempo você estudou no Diocesano?

() Até 5 anos

() Entre 5 e 10 anos

2) Seu nível de escolaridade:

() Nível médio completo

() Graduado

() Especialista

() Mestre

() Doutor

() Outros (especificar) _____

3) Qual sua visão sobre a educação jesuítica?

4) Que tipo de relação você consegue verificar entre a educação dos jesuítas e a educação atual do Colégio Diocesano?

5) Você considera o Diocesano o representante piauiense da educação dos jesuítas?

() Sim

() Não

6) O que o motivou a estudar no Diocesano?

7) Você acha que um aluno ingressante no Colégio Diocesano vai ter contato com a educação jesuítica?

() Sim

() Não

8) Que influências da educação trazida pelos jesuítas podem ser observadas no Colégio Diocesano?

9) Você, como ex-aluno, considera que recebeu uma educação jesuítica no Diocesano?

() Sim

() Não

10) Quais as contribuições do Colégio Diocesano para sua formação como cidadão?

11) Quais as contribuições do Colégio Diocesano para sua vida profissional?

12) Você acha que o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense?

() Sim

() Não

13) Se a resposta anterior for sim, que tipo de importância o Diocesano tem para essa sociedade?

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS –
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

PESQUISADORA: ROSEMARY SALES UCHÔA DE CASTRO LIMA

TÍTULO DO TRABALHO: A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO COLÉGIO SÃO FRANCISCO DE SALES – DIOCESANO, EM TERESINA-PI: análise de uma experiência.

Prezado(s) Senhor!

Este questionário está sendo aplicado junto aos alunos que atualmente estudam no Colégio Diocesano que aceitaram por convite participar deste estudo. Estou realizando meu trabalho referente à Dissertação de Mestrado, sendo que com este questionário você poderá contribuir para aumentar as informações a serem inseridas no meu trabalho. Conto com sua colaboração no sentido de responder este breve questionário.

Agradeço desde já a sua colaboração!

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS ATUAIS

1) Há quanto tempo você estuda no Diocesano?

() Até 5 anos

() Entre 5 e 10 anos

2) Seu nível de escolaridade:

() Nível fundamental incompleto

() Nível fundamental

() Nível médio incompleto

() Nível médio completo

() Outros (especificar) _____

3) Qual sua visão sobre a educação jesuítica?

4) Que tipo de relação você consegue verificar entre a educação dos jesuítas e a educação atual do Colégio Diocesano?

5) O que o motivou a estudar no Diocesano?

6) Você considera o Diocesano o representante piauiense da educação dos jesuítas?

() Sim

() Não

7) Você acha que um aluno ingressante no Colégio Diocesano vai ter contato com a educação jesuítica?

() Sim

() Não

8) Que influências da educação trazida pelos jesuítas podem ser observadas no Colégio Diocesano?

9) Você, como aluno, considera que recebe uma educação jesuítica no Diocesano?

() Sim

() Não

10) Quais as contribuições do Colégio Diocesano para sua formação como cidadão?

11) Quais as contribuições do Colégio Diocesano para sua vida profissional?

12) Você acha que o Colégio Diocesano é importante para a sociedade piauiense?

() Sim

() Não

13) Se a resposta anterior for sim, que tipo de importância o Diocesano tem para essa sociedade?

ANEXOS

ANEXO I

Figura 1: Representação da chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil.



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=jesuitas+no+brasil>

Acesso em: 25/05/2015, às 11h:25m.

Figura 2: Representação da primeira missa celebrada em terras brasileiras.



Imagem disponível em:

https://www.google.com.br/search?es_sm=93&biw=1366&bih=623&tbm=isch&q=jesuitas+no+brasil

Acesso em: 28/05/2015, às 22h:00m

Figura 3:Marco da cruz cristã e do sino para a chamada das missas (Aldeia Missionária)



Zacarias Wagner, *Aldeia Missionária*, século XVII

Imagem disponível em:

1VuftpvtDCIE%252FUW2Rai0JThI%252FAAAAAAAAF0E%252FNsKaNHyDMOQ%252Fs1600%

Acesso em: 25/05/2015, às 23h:00m

Figura 4: Os jesuítas em processo de evangelização nas primeiras aldeias

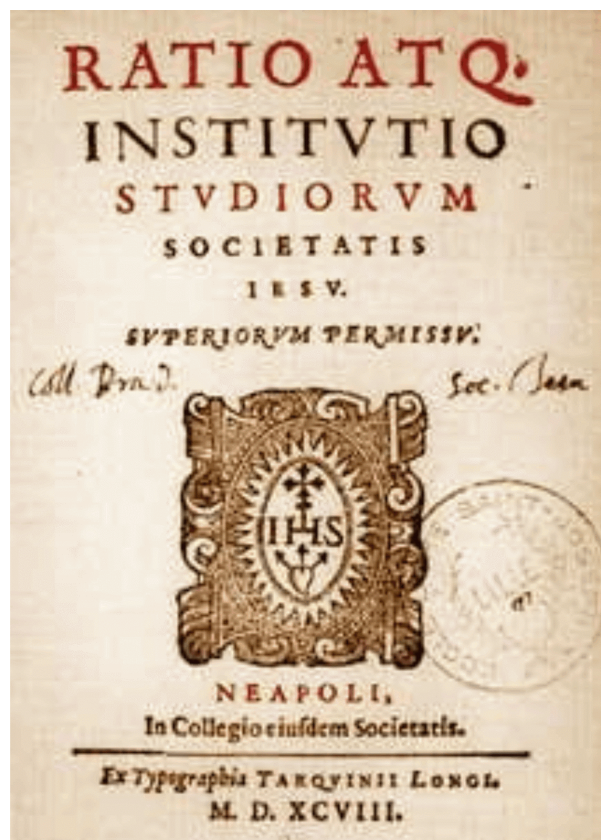


Disponível em: [https://www.google.com.br/search?](https://www.google.com.br/search?1VuftpvtDCIE%252FUW2Rai0JThI%252FAAAAAAAAF0E%252FNsKaNHyDMOQ%252Fs1600%252Fcateq)

1VuftpvtDCIE%252FUW2Rai0JThI%252FAAAAAAAAF0E%252FNsKaNHyDMOQ%252Fs1600%252Fcateq

Acesso em: 25/05/2015, às 14h:30m

Figura 5: Primeira versão do documento que se tornou modelo de divulgação do trabalho jesuítico



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Ratio+Studiorum.&es>
Acesso em: 12/03/2015, às 23h:15m

Figura 6: Imagem do Colégio Diocesano na década de 1960



Disponível em:
<https://www.google.com.br/search?q=fotos+diocesano+teresina&espy=2&biw=1366&bih=623&source=lnms&t>
Acesso em: 25/05/2015, às 23h:50m

Figura 7: Estudantes do Colégio Diocesano da década de 1960



Imagem disponível em: <http://www.cidadeverde.com/teresina160anos/des-nildomar-medicos-antenor-e-delson->
Acesso em: 24/04/2015, às 23h:10m